

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

TELMA MARIA BENEDEZZI

EXPERIÊNCIAS DE INTEGRAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE NA
CLÍNICA PSICOLÓGICA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2012

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Telma Maria Beneduzzi

**Experiências de Integração da Espiritualidade na Clínica
Psicológica**

Mestrado Em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação da Prof^a Dr^a Marília Ancona-Lopez.

**São Paulo
2012**

Banca Examinadora:

DEDICATÓRIA

Aos meus pais,
em especial e *in memoriam*,
a Walter Beneduzzi,
meu pai nessa existência,
que ao nela viver,
e ao para ela morrer,
deixou-me importantes lições
de afeto e da condição humana.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela energia vital.

Aos orientadores e aos protetores espirituais, pela eterna presença.

A minha mãe e ao meu pai, por me darem vida, amor e proteção nessa existência.

A todos os familiares, consanguíneos ou não, pela experiência do amor e da convivência.

Aos queridos amigos e colegas de hoje, de ontem e de sempre, pelo afeto e pelo companheirismo.

Aos inesquecíveis mestres de todas as fases da vida de escola.

Aos inesquecíveis terapeutas de todas as fases da escola da vida.

Aos inesquecíveis e queridos companheiros de busca interior e de jornada espiritual, pela parceria incondicional.

Aos queridos pacientes, pela confiança em compartilharem comigo suas vidas.

Aos queridos colegas e amigos, companheiros de Mestrado, pelo afeto e apoio.

À querida colaboradora pela confiança de, por meu intermédio, compartilhar suas experiências com todos.

Ao gentil revisor pelo entusiasmo e empenho na lapidação do texto.

À professora orientadora, em especial, pelo suporte e pela paciência.

RESUMO

BENEDUZZI, Telma Maria. **Experiências de integração da espiritualidade na clínica psicológica.** Mestrado (Psicologia Clínica). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marília Ancona-Lopez. São Paulo: PUC-SP, 2012. 100 p.

Esta pesquisa qualitativa tem por objetivo compreender a trajetória e a experiência de duas psicólogas clínicas, com formação consistente e experiência na área, que buscaram integrar a espiritualidade a suas práticas clínicas, agregando a elas conhecimentos do universo religioso-espiritual por meio de adesão a abordagens emergentes ainda não parcial ou completamente reconhecidas como teorias psicológicas pelos órgãos oficiais de Psicologia. A dissertação conta com um estudo autobiográfico e uma entrevista com uma colaboradora de pesquisa. Justifica-se e é relevante porque se insere em um nicho de temas no qual se incluem as relações da espiritualidade, da religiosidade e da religião com a Psicologia e sua integração explícita no atendimento clínico. Esses temas necessitam ser mais estudados e discutidos no meio acadêmico psicológico brasileiro. As informações obtidas na entrevista e as contidas no relato autobiográfico foram relacionadas entre si e inseridas em eixos selecionados para a análise, realizada com o suporte teórico dos autores escolhidos. A trajetória e a experiência das psicólogas clínicas estudadas permitiu que as teorias psicológicas anteriormente adotadas se mostraram insuficientes para dar conta do vivido por elas. Aliado a isso, encontra-se o fato que os estudos existentes sobre Psicologia e Espiritualidade nas abordagens tradicionais geralmente não são incluídos na educação formal em Psicologia e não são suficientemente divulgados, ficando em geral desconhecidos da maioria dos psicólogos clínicos brasileiros, como ficaram por muito tempo para as colaboradoras da pesquisa.

Palavras-chave: Psicologia, Espiritualidade, Religião, Religiosidade.

ABSTRACT

BENEDUZZI, Telma Maria. **Experiences of integrating spirituality into the practice of clinical psychology.** Thesis (Master's degree). Advisor: Prof.^a Dr.^a Marília Ancona-Lopez. Clinical Psychology, PUC-SP, 2012. 100 p.

This qualitative research aims at understanding the trajectory and experience of two clinical psychologists with a solid education and extensive experience in the area, who tried to integrate spirituality to their clinical practice. They aggregated knowledge of the spiritual-religious universe by applying emerging approaches, not yet partially or entirely recognized as psychological theories by the Psychology official organs. It comprises an autobiographical study and an interview with a research collaborator. It is justified, and it is relevant because it falls into a niche of themes, which includes the relations of spirituality, religiosity and religion to psychology and their explicit integration into clinical practice. These themes need to be more widely studied and discussed in the Brazilian academic field of psychology. The data gathered and the data contained in the autobiography were related and categorized according to the axes that were selected for the analysis, which was undertaken with the support of the chosen theory. A possible way of understanding the trajectory and experience of the two clinical psychologists in this study was that the previously adopted psychological theories proved insufficient to explain their life experiences. Besides, there is the fact that the existing studies about psychology and spirituality, pursued under the traditional approaches, are usually not included in the formal education in psychology and are not sufficiently available to most Brazilian clinical psychologists, remaining unknown for a long time, as it was the case of this research collaborators.

Keywords: Psychology, Spirituality, Religion, Religiosity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. MINHA HISTÓRIA DE VIDA.....	8
CAPÍTULO 2. O UNIVERSO RELIGIOSO-ESPIRITUAL E A PSICOLOGIA	20
2.1. Espiritualidade, religiosidade e religião	20
2.2. Espiritualidade e Psicologia	23
CAPÍTULO 3. CAMINHO DA PESQUISA	35
CAPÍTULO 4. HELENA E TELMA.....	39
4.2. Formação em Psicologia: motivação, conteúdos curriculares, procura de complementação	42
4.2.1. Motivação	42
4.2.2. Conteúdos Curriculares	43
4.2.3. A procura pela complementação.....	44
4.3. Trajetória profissional: cursos de formação e experiência clínica.....	46
4.4. A integração da dimensão espiritual ao atendimento clínico	49
4.4.1. Motivos	49
4.4.2. Trajetória.....	57
4.5. A integração da espiritualidade no atendimento clínico psicológico na atualidade	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS.....	75
ANEXO A – DEFINIÇÃO E PROPÓSITOS DAS ASSOCIAÇÕES DE PSICÓLOGOS CITADAS NA INTRODUÇÃO	76
ANEXO B - PROGRAMA DO III PSICOLOGIA NAS GERAIS	79
ANEXO C - RESPOSTAS DAS PERGUNTAS ENCAMINHADAS À COLABORADORA DA PESQUISA.....	80
ANEXO D – RELATO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A COLABORADORA DA PESQUISA.....	84
ANEXO E - RELATO DO SEGUNDO ENCONTRO PARA ESCLARECIMENTOS DE ALGUMAS DÚVIDAS QUE FICARAM DA ENTREVISTA.....	92
ANEXO F - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	99

INTRODUÇÃO

Decidir cursar o Mestrado em Psicologia Clínica no Núcleo Práticas Clínicas, atual Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, escolhendo o eixo Psicologia e Religião, resultou do propósito de estudar as relações entre a espiritualidade e a prática clínica em Psicologia de maneira mais aprofundada e metodologicamente embasada.

Diante da amplitude do tema fazia-se necessário o seu afinamento até que eu chegasse a uma questão mais específica, que me motivasse pesquisar e trouxesse resultados mais assertivos. Seguindo a sugestão de minha orientadora, para começar a trabalhar resolvi escrever um memorial concernente ao assunto. Escrever, e ao escrever rever a minha própria história de vida, proporcionou uma rica, mas difícil experiência de reorganização interna.

No decorrer das reuniões de orientação destinadas à elaboração da pesquisa, auxiliada pela orientadora, fui lapidando o tema e optando por investigar e compreender a trajetória e a experiência de psicólogos clínicos que buscaram integrar a dimensão espiritual do ser humano às suas práticas clínicas, fosse agregando conhecimentos do universo religioso-espiritual propriamente dito, fosse por meio de abordagens emergentes, ainda não parcial ou completamente reconhecidas como psicológicas pelos órgãos oficiais de Psicologia.

Nesse contexto, os conhecimentos sobre o universo religioso-espiritual propriamente dito se referem àqueles proporcionados por denominações religiosas e tradições místico-filosóficas como a Antroposofia, entre outras. Exemplos de abordagens emergentes e ainda não parcial ou totalmente reconhecidas seriam as psicologias transpessoais, a Psicossíntese e a Terapia da Regressão, entre outras.

Demorei a chegar nessa forma de explicitar a questão de pesquisa. Embora soubesse internamente o que desejava estudar, não conseguia expressar-me de um modo que me satisfizesse e me fizesse ser entendida pelos colegas e pela orientadora, que, dosando momentos de (im)paciência, auxiliava-me por vezes

respeitando meu lento ritmo de apresentação, por vezes me cobrando a produção escrita de forma mais incisiva. Essa modulação no modo de orientação foi muito importante para que eu pudesse elaborar melhor as reflexões, os estudos e a vida pessoal. Muitas vezes sentia-me travada para produzir o texto dissertativo. Procurei ajuda terapêutica visando trabalhar meus bloqueios psíquicos. Foram momentos decisivos, pois a partir deles pude recomeçar a dissertação que me propusera a escrever.

Para desenvolver essa pesquisa adotei a metodologia qualitativa. Utilizei o meu relato autobiográfico e o relato da entrevista que realizei com outra psicóloga clínica, como eu munida de uma formação psicológica sólida em uma abordagem reconhecidamente psicológica, experiente em sua área, e que buscou integrar a dimensão espiritual a sua atividade, agregando tanto os conhecimentos do universo religioso/espiritual quanto oriundos de abordagens emergentes.

Em estudo sobre a identidade profissional do psicólogo clínico brasileiro, Spinelli (2010) considera que esta é construída por sua formação acadêmica, por sua história pessoal e por seu posicionamento na sociedade. O processo de formação dessa identidade acompanha o caminho das transformações contextuais que vão acontecendo ao longo do tempo, em um contínuo movimento. As mudanças sociais são absorvidas e refletidas nas novas atuações do psicólogo, que se integra em equipes interdisciplinares e valoriza a relação com os outros profissionais. A sua vivência do trabalho é significativa no processo de construção da sua identidade profissional, que inclui saber lidar com questões internas e externas a si mesmo e saber preservar condições para criar, fazer e mostrar. “Enfim, o psicólogo participa e assimila as alterações à sua volta” (SPNELLI, 2010, p. 94).

Levando em consideração esse fato, constatei que a mídia impressa, falada e televisiva, em reportagens e anúncios, tem noticiado o interesse que uma parte dos psicólogos vem demonstrando pelo tema da espiritualidade. Esse interesse é corroborado pelo surgimento de associações que congregam psicólogos de determinadas confissões de fé, como a Associação Brasileira dos Psicólogos Espíritas (ABRAPE),¹ a Associação Católica dos Psicólogos e Psiquiatras(CPP),² o

¹ Disponível em: <<http://www.abrape.org.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

² Disponível em: <<http://www.acpp.org.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos³ e a Associação Brasileira dos Psicólogos Antroposóficos (ABPA).⁴ Para um melhor fluir do pensamento e da leitura, preferi arrolar e colocar ao final do texto as definições e os propósitos destas entidades associativas (anexo A).

Para ilustrar a afirmação acima, encontrei em minha coleção de revistas brasileiras, que contempla o período de 1997 a 2011, matérias sobre temas como intuição, premonição, terapias alternativas e espiritualidade, relacionadas à Psicologia ou a psicólogos tanto em revistas de grande circulação nacional⁵ quanto em revistas comerciais voltadas a assuntos psicológicos.⁶

Investigando o papel da espiritualidade na atualidade, encontrei autores brasileiros estudiosos das Ciências das Religiões e da Psicologia da Religião que refletiram sobre esse tema no país. Queiroz (1996), Cruz (1996), Jardimino (2001) e Giovanetti (1999; 2001), entre outros, observam principalmente nas décadas mais recentes o surgimento e a proliferação de novas religiões no Brasil, oriundas de outras culturas, como as orientais, e pelo misticismo em geral. Este fenômeno é entendido como integrante da pós-modernidade, uma época de transição paradigmática, em que emergem mais contradições do que certezas e na qual se buscam caminhos diferentes daqueles perseguidos na modernidade, com seu culto à ciência e à racionalidade.

Como decorrência natural do viver em sociedade, a tendência de as pessoas demonstrarem interesse pela dimensão espiritual e buscarem modos de expressá-la tem se refletido no atendimento psicológico, dado que tanto o psicólogo quanto o cliente são partes integrantes do contexto sociocultural em que vivem. Essa incidência de experiências e temas relacionados à espiritualidade, à religiosidade e às religiões nos consultórios tem sido motivo de inquietação e até mesmo de

³ Disponível em: <<http://www.cppc.org.br/>> Acesso em: 17 abr. 2011.

⁴ Disponível em: <<http://proabpa.wordpress.com/>>. Acesso em: 30 de ago. 2011.

⁵ Menciono três exemplos: **Isto É**, São Paulo, Editora Três, ano 35, nº2156, pp.50-56, semanal, 09/03/2011, ISSN 0104-3943; **Época**, São Paulo, Editora Globo, ano I, nº 44, pp. 44-49, semanal, 22/03/1999; **Isto É**, São Paulo, Editora Três, nº1435, p.112-117, semanal, 02/04/1997, ISSN 0104-3943.

⁶ Menciono quatro exemplos: **Psique Ciência & Vida**, São Paulo, Editora Escala, ano I, nº 01, pp.74-81, mensal, ISSN 1809-0796. **Psique Ciência & Vida**, São Paulo, Editora Escala, ano V, nº 54, pp.50-59, mensal, ISSN 1809-0796. **Mente & Cérebro**, São Paulo, Duetto Editorial, ano XIV, nº 175, pp.40-61, mensal ISSN 1807-1562. **Mente & Cérebro**, São Paulo, Duetto Editorial, ano XIV, nº 168, pp.40-65, mensal ISSN 1807-1562.

desconforto para os psicólogos, que, de maneira geral, não se sentem e/ou não são preparados para lidar com eles durante a sua formação.

Luczinski (2005) observou informalmente que psicólogos clínicos de orientação fenomenológica, embora em seu discurso propugnassem o acolhimento do ser humano em sua totalidade, na prática, diante do tema religiosidade, não mantinham a mesma postura. Decidiu então investigar e compreender quais as dificuldades com que tais psicólogos se defrontavam ao atenderem clientes que apresentavam temas religiosos nas sessões de psicoterapia e como elas se inseriam na relação entre cada terapeuta e seus clientes. A autora observou que essas dificuldades são em grande parte devidas aos posicionamentos pessoais dos psicólogos, ou seja, ao modo como o tema ressoa em cada um, favorecendo a pouca discussão sobre ele no meio acadêmico. O fato de a religiosidade ser um tema pouco tratado em Psicologia, sendo deixado para a esfera individual, faz com que cada profissional estabeleça sua própria articulação com ela, sem uma discussão mais crítica e reflexiva a seu respeito. “Os significados vão sendo tecidos à margem da psicologia, das suas abordagens e ramificações, no silêncio e isolamento do consultório” (LUCZINSKI, 2005,p.157). Na relação terapêutica o desconforto sentido pelo psicólogo diante da religiosidade do cliente tem como efeito uma dificuldade maior em acolher experiências a ela relacionadas.

Essas considerações concordam com a observação de Shafranske (1996, *apud* ANCONA-LOPEZ, 2005, p.154) de que a limitação dos estudos e dos treinos dos psicólogos na área da Psicologia da Religião conduz a um trabalho clínico em relação à religiosidade mais baseado em convicções pessoais de que em reflexões educativas.

Ancona-Lopez (2005; 2007) considera que os psicólogos brasileiros mais usualmente conhecem algumas posições psicológicas que excluem as experiências religiosas de seus estudos e/ou as consideram como patológicas, pois os cursos de Graduação em Psicologia proporcionam pouco contato dos alunos com os estudos sobre a Psicologia da Religião desenvolvidos tanto no Brasil quanto no exterior. Para a autora, a maioria dos alunos que buscam desenvolver dissertações e teses em Psicologia da Religião procura uma formação que lhes possibilite reconhecer e integrar experiências e crenças religiosas pessoais com posturas teóricas em

Psicologia, de modo a realizar consistente e competentemente a sua prática profissional.

Almeida César (2007) realizou uma pesquisa com o objetivo de compreender como as crenças religiosas de psicólogos católicos influenciam a escolha de abordagens teóricas. Chegou à conclusão de que é possível encontrar um lugar apropriado na Psicologia para que esses profissionais atuem de forma competente, adequada e em harmonia com suas crenças. Considera que a Psicologia e a Religião são campos diversos, mas não dissonantes, e se respeitadas as suas especificidades podem contribuir para uma boa atuação tanto dos psicólogos quanto dos religiosos.

Coliath (2007) quis compreender quais os sentidos que levam os clientes cristãos evangélicos pentecostais a escolherem psicólogos da mesma religião como seus terapeutas e os efeitos de tal escolha no *setting* terapêutico. Seu estudo evidenciou que essa tendência busca garantir um universo compartilhado de interpretação. Foram observadas fantasias relacionadas ao poder atribuído ao trabalho do psicólogo, apontando para um possível despreparo deste em lidar com estas questões. A autora também ressalta que, respeitados os limites específicos de cada área, os campos da Psicologia e da Religião podem dialogar no exercício da clínica psicológica.

Pargament (2007), que propõe uma psicoterapia espiritualmente integrada, assinala esse desconforto entre os profissionais de saúde mental dos Estados Unidos, dizendo ainda que temas íntimos e delicados, como amor, sexo, traição, violência e morte são combustíveis para o trabalho psicoterapêutico, enquanto os relacionados com a religião e a espiritualidade são negligenciados, por serem considerados ou irrelevantes ou tão esotéricos que ultrapassam os limites da psicoterapia.

No Brasil essa situação tem motivado órgãos oficiais de Psicologia a promoverem debates sobre o tema. Em agosto de 2008, com a organização do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP 04), aconteceu o III Psicologia nas Gerais "Ciência, Profissão, Compromisso Social e Valorização do Trabalho do Psicólogo", no qual foi realizada para uma palestra sobre a Terapia da

Regressão⁷⁸ (anexo B). Em setembro de 2011 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) realizou um seminário *online* sobre “Práticas Integrativas e Complementares e Racionalidades Profissionais”.⁹ Em fevereiro de 2012 o CFP elaborou uma nota pública de esclarecimento sobre o assunto, na qual foi abordada a relação entre a Psicologia e a Religiosidade no exercício profissional.¹⁰ De acordo com essa nota a Ciência Psicológica reconhece que a religiosidade e a fé estão presentes na cultura e participam da constituição da subjetividade, não existindo, portanto, oposição entre a Psicologia e a religiosidade. A relação da pessoa com o sagrado pode ser analisada pelo psicólogo e trabalhada com os que recebem a sua assistência, mas nunca deve ser imposta por ele. A orientação ética é que os serviços de Psicologia sejam realizados com base na Ciência Psicológica, e não em preceitos alheios a ela, mesmo quando religiosos.

Considero que a presente pesquisa se justifica e é relevante porque se insere no nicho de temas aqui descritos, que merecem e necessitam de mais estudos e discussões no meio acadêmico psicológico brasileiro. Deste modo, espero que os pontos que foram abordados e estudados aqui possam contribuir para o debate sobre a integração da espiritualidade à Psicologia.

Escolhi o primeiro capítulo para apresentar o relato de minha história de vida. Conforme o afirmado anteriormente, elaborá-lo foi uma rica, mas difícil experiência de reorganização interna. Procurei evidenciar, além de minha formação e trajetória profissional, o modo como o universo espiritual integrou-se a minha atividade clínica.

No segundo capítulo apresento o que chamo de universo religioso-espiritual, buscando para isso o suporte teórico de autores cujas concepções se aproximaram umas das outras, refletindo o modo como compreendo esse universo. Relacionei-o com a Psicologia, começando por recuperar o significado etimológico dessa palavra, que significa *estudo da alma*. A partir disso desenvolvi uma linha de pensamento segundo a qual esse significado pode ter sido esvaecido pelos princípios positivistas das Ciências Naturais, embora não tenha sido eliminado por eles, já que muitos

⁷ Disponível em: <<http://www.uniube.br/noticias/noticia/329/terapia-de-regressao-abre-iii-psicologia-nas-gerais.html>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

⁸ Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/noticias/24382/terapia-de-regressao-abre-iii-psicologia-nas-gerais>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

⁹ Disponível em: <<http://www2.pol.org.br/aovivo/praticas/>>. Acesso em: 20 set. 2011.

¹⁰ Disponível em: <http://www.pol.org.br/pol/cms/pol/noticias/noticia120228_001.html>. Acesso em: 15 mar. 2012.

autores da Psicologia desenvolveram estudos nessa área, chegando às psicologias transpessoais e a outras vertentes que explicitamente assumem a dimensão espiritual como objeto de estudo.

No terceiro capítulo relato como foi efetivada a pesquisa, ou seja, quais foram as direções tomadas e o caminho trilhado para o levantamento das referências de campo, com a elaboração e o tratamento das informações oriundas da entrevista e de meu relato autobiográfico.

No quarto capítulo teço considerações sobre o que a colaboradora Helena e eu falamos, fazendo uma correlação entre a história que é contada por ela e a minha própria história.

CAPÍTULO 1. MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Destino e liberdade juraram fidelidade mútua. Somente o homem que atualiza a liberdade encontra o destino. (...). Aquele que se esquece de toda causalidade e toma uma decisão do fundo do seu ser, àquele que se despoja dos bens e das vestimentas para se apresentar despido diante da Face, a este homem livre, o destino aparece como réplica de sua liberdade. (BUBER,1974/1979,p.62).

Nasci como a terceira e última filha de um casal, filhos de imigrantes italianos católicos, moradores de uma pequena cidade do noroeste paulista. Éramos na época uma família em ascensão socioeconômica, com base em negócios agropecuários. Antes que eu completasse um ano de idade meus pais se mudaram para uma cidade próxima, um pouco maior e com alguns recursos a mais. Minha mãe e alguns parentes ainda residem nesta cidade, atualmente um município industrial que visito com regularidade.

Até a idade escolar minha infância se passou praticamente na área rural, pois eu acompanhava diariamente meu pai à cidade em que nasci, onde fica nossa fazenda, que até hoje provê parte de minha renda financeira.

Embora hoje a minha mãe seja católica praticante, na época de minha infância meus pais se apresentavam como católicos não praticantes. No entanto, fizeram questão de proporcionar uma iniciação e uma educação católica para as filhas: recebemos os sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia e estudamos em um colégio de freiras, então chamado de Externato Sagrado Coração de Maria, e cujo nome posteriormente foi alterado para Sagrado Coração de Jesus. Portanto, entre o pré-primário e o então ginásial, estudei em um colégio religioso que, além das disciplinas obrigatórias, mantinha a de Religião, na qual era ensinado o Catolicismo. Assim, pelo menos até os 14 anos de idade, fui católica praticante e interessada nos preceitos religiosos que me foram transmitidos. Na época da passagem do atual ensino fundamental para o ensino médio, por razões de ordem interna da Congregação, as freiras não puderam continuar o curso de nível médio

para novos alunos; então cursei o colegial em uma escola pública, portanto laica, que na ocasião mantinha um ensino rigoroso e eficiente.

Com a chegada da adolescência tive acesso a outros valores e visões de mundo, que foram sendo acrescentados e/ou entraram em conflito com os anteriores. Era fim dos anos de 1960, na passagem para os de 1970, época historicamente marcada pela revolução cultural e dos costumes. No Brasil era o auge da ditadura, nos anos hoje chamados “de chumbo” pelos cidadãos contrários a ela e de “milagre brasileiro” pelos que defendiam ou simpatizavam com o regime militar. Conheci colegas de escola interessados no que acontecia social e politicamente no país, e juntos formamos um grupo de adolescentes interessados em política e artes, participando de festivais de música e encontros de jovens.

Como adolescente contestadora da tradição, recusei-me a seguir o caminho trilhado por minhas irmãs, de cursar o chamado “Normal” para ser professora primária e/ou cursar alguma faculdade de “Filosofia, Ciências e Letras” da região para lecionar no ginásio e no colégio (hoje os ensinos fundamental e médio). A vocação para um estudo mais aprofundado das Humanidades se evidenciava e o desejo vocacional era cursar Psicologia e/ou Comunicações e Artes, cursos raros no interior paulista da época. O desejo foi acolhido, aceito e satisfeito por meus pais. Como minhas irmãs já estavam casadas, eles decidiram que montariam um apartamento em São Paulo para que eu estudasse e ficariam parte de seu tempo aqui também. Assim foi feito.

Cheguei de mudança à capital paulista com o objetivo principal de estudar. Jovem, quase adolescente ainda, amava os Beatles e gostava um pouco dos Rolling Stones. Trazia na bagagem o sonho de mudar o mundo por meio de ideias e atitudes, inspirada nas canções *Pra não dizer que não falei de Flores*, de Geraldo Vandré, e *Imagine*, de John Lennon. As ideias de Karl Marx e a leitura dos livros de Herman Hesse, escritor em voga na época, haviam lançado as sementes desse ideal no terreno fértil dos anos de minha adolescência.

Prestei vestibular para os cursos de Psicologia e de Comunicações e Artes, passando em ambos. A vida anímica sobrepujou a artística: escolhi cursar Psicologia.

Em meados de 1972 iniciaram-se as aulas da primeira turma de alunos de uma nova instituição de ensino superior, então chamada de Faculdades Objetivo. Sendo eu um deles, iniciava-se também a minha jornada pelo caminho da Psicologia.

Na faculdade, após cursar o semestre básico para todos os cursos, esperava a cada novo semestre encontrar na grade curricular matérias relacionadas com as Teorias de Personalidade. Como a instituição demorou um pouco mais para apresentá-las, alguns alunos interessados em estudar Freud e a Psicanálise formaram um grupo de estudo, sob a orientação do psiquiatra, então psicanalista não ortodoxo (pois não pertencia à Sociedade de Psicanálise), Carlos R. Briganti.¹¹ Participar daquele grupo durante anos possibilitou-me tomar gosto pela Psicanálise de Freud e conhecer Briganti, que depois se tornou meu psicoterapeuta e orientador de minha vida profissional, por quem mantenho afeto e consideração.

Durante os anos do curso de graduação, o desejo de conhecimento levou-me a exercer monitorias em Psicologia Social e a participar de congressos, conferências e palestras das mais variadas vertentes em Psicologia, mas com o denominador comum da orientação psicodinâmica.

Um desses encontros, de característica vivencial, permanece em minha memória pela intensidade das experiências que proporcionou. Tinha o nome de “Curso de Antipsicoterapia”¹² e era coordenado pelo médico e escritor Roberto Freire, com a participação dos atores Miriam Muniz e Silvio Zilber. Alunos de turmas anteriores auxiliavam como monitores. Foram meses de intensas vivências emocionais em grupo, permeadas com suportes e orientações psicoterapêuticas, o que permitiu aos alunos participantes o aprendizado de como lidar tanto com os próprios conteúdos internos quanto com os de seus colegas. Por meio dessas vivências, entrei em contato com técnicas de abordagens corporais, psicodramáticas e gestálticas, entre outras.

¹¹ “Médico, especialista em psiquiatria pela Associação Brasileira de Psiquiatria. Formação em Psicanálise pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", formação em Psiquiatria pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", especialização em Esquizoanálise pelo Instituto Félix Guattari. Palestrante, consultor da An International Organization of CEOs, Membro Efetivo. Sócio. da Academy of Psychosomatic Medicine, consultor. da Società Italiana de Medicina Psicossomatica e Membro efetivo da European Association for Body-Psychotherapy”. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/1131124841208503>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

¹² Desses cursos vivenciais originou-se a Somaterapia, desenvolvida por Roberto Freire, escritor, médico e psicoterapeuta. Disponível em: <<http://www.somaterapia.com.br/soma/a-somaterapia/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

Em meados de 1977 houve a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia, com direito a cerimônia de colação de grau, formatura e celebração.

Final de um ciclo, início de outro. Fui aprovada na seleção e matriculei-me para o “Curso de Especialização em Psicoterapia de Adolescentes e Adultos”, de abordagem psicanalítica, promovido pelo Núcleo de Estudos em Psicologia e Psiquiatria (NEPP), que iniciei em março de 1978 e conclui em dezembro de 1979. Foram dois anos de disciplina para o estudo, que se constituía em dois encontros semanais para aulas e discussões de textos, leituras e resumos escritos, especialmente da obra de Freud. No segundo ano promoveu-se a iniciação à prática clínica supervisionada, sob a ótica da Psicanálise. Agregava-se também às aulas a participação em palestras, congressos, fóruns, painéis e outros eventos. Considero ter sido uma época de efervescência intelectual no ambiente “Psi” que eu frequentava, pois participaram deles alguns expoentes nacionais e internacionais da ciência, como Ronald Laing e Franco Basaglia, entre outros.

Naqueles dois anos de convivência no curso de especialização as amizades anteriores foram fortalecidas, e as novas consolidadas. Alguns colegas e eu nos organizamos para montarmos os nossos consultórios juntos. No início de 1980 os planos estavam concretizados: documentação em dia, casa alugada, salas mobiliadas. Psicólogos clínicos de orientação psicanalítica formaram um grupo em condomínio de autogestão, do qual, ao longo dos anos, saíram alguns e agregaram-se outros. Permaneci com o grupo até 1992, quando, por motivos estritamente pessoais, resolvi desacelerar por algum tempo minha carreira na Psicologia. Os colegas remanescentes estão juntos até hoje e, associados a outros, mantêm uma escola de Psicanálise: o Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP).

Entre 1980 e 1981 participei de um grupo de estudo sobre a Psicanálise de Jacques Lacan, sob a coordenação do psicanalista Jorge de Figueiredo Forbes,¹³ que havia sido professor em meu curso de especialização. Fiz parte também de um grupo de estudos de Filosofia, sob a coordenação do professor

¹³ “Psicanalista e médico psiquiatra, em São Paulo. Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo - USP - Faculdade de Medicina (Neurologia). Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Mestre em Psicanálise pela Universidade Paris VIII. A.M.E. - Analista Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Escola Europeia de Psicanálise. Membro da Associação Mundial de Psicanálise - AMP. É um dos introdutores do ensino de Jacques Lacan no Brasil, de quem frequentou os seminários em Paris, de 1976 a 1981. Preside o Instituto da Psicanálise Lacaniana - IPLA e o Projeto Análise”. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1821501880117212>>. Acesso em 15 ago. 2012.

Renato Mezan.¹⁴ Entre 1981 e 1982 participei de um curso sobre “Análise de Grupo”, coordenado por Briganti, que tinha como colaboradora a psicóloga de orientação sistêmica Mônica Haydee Galano.¹⁵ Nele encontrei colegas psicólogos e psiquiatras que compartilhavam a ideia de exercer uma prática clínica mais socializada e nossas relações possibilitaram a fundação do Centro Social de Atendimento em Psicoterapia (CESAP), do qual fiz parte até 1986. Em 1983 atuei como psicóloga substituta dos Serviços de Psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e entre 1983 e 1984, exerci atividades docentes no quinto ano do curso de Psicologia dessa mesma instituição de ensino.

Concomitantemente às atividades acima citadas, mantive-me em supervisão clínica e em processo psicoterapêutico até 1992. As abordagens experimentadas até então haviam sido orientação psicanalítica (com Carlos R. Briganti), bioenergética (com Theda Basso¹⁶ e Briganti) e psicanálise (com Sérgio Bettarello¹⁷).

De 1992 a 1997 minha atuação em Psicologia foi deixada em segundo plano, devido à prioridade de habilitar-me e qualificar-me para a área de negócios, o que realizei em 1993, ao participar do “Curso Intensivo de Administração” ministrado pelo GVPEC, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas.

¹⁴ “Concluiu o doutorado no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo em 1981. Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Possui 38 capítulos de livros e 11 livros publicados. Atua na área de Psicologia, com ênfase em Tratamento e Prevenção Psicológica”. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1327661397187944>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

¹⁵ “Psicóloga pela Universidad Nacional de Buenos Aires, especialização em Terapia Familiar e Terapia Breve pela Mental Research Institute Palo Alto, especialização em Mediação pela Institut de Formation Et D'application Des Thérapies de La Communication Sa, mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor titular da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto e Coordenadora do Curso da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão”. Disponível em <<http://lattes.cnpq.br/2524892804013374>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

¹⁶ “Desenvolveu desde 1970, na Argentina, um sistema de autoconhecimento e expansão da percepção que integrava fundamentos da filosofia oriental e da ocidental, uma conscientização corporal e desbloqueios do fluxo energético do corpo, visando à significação dos processos pessoais através da compreensão psicológica. Com essa experiência, iniciou no Brasil, na década de 1980, a coordenação de grupos e profissionais da área de saúde que almejavam integrar esta abordagem aos seus próprios procedimentos profissionais, ampliando assim o conhecimento e o entendimento das diversas dimensões do Ser”. Disponível em: <<http://www.depsique.org.br/index.php/dep/historia>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

¹⁷ “Médico, doutorado em Psiquiatria pela Universidade de São Paulo e residência médica pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Médico Assistente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Atuando principalmente nos seguintes temas: Alcoolistas, Tratamento”. Disponível em <<http://lattes.cnpq.br/4874408997498148>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

Essa mudança de foco estava latente desde meados de 1989, por ocasião da morte repentina de meu pai, com suas consequências afetivas e patrimoniais. Essa perda tornou-se um marco em minha trajetória de vida, pois, além do aspecto afetivo, outros elementos foram relevantes. Um deles, o da experiência espontânea de possível premonição, influenciou significativamente a mudança na visão de mundo que eu tinha até então, a materialista agnóstica, para a que passei a ter, a espiritualista convicta.

Sendo aquela fase o marco de um processo de transformação pessoal, faz-se necessário um relato mais aprofundado. Meu pai era enérgico, mas próximo, muito cuidadoso e amoroso com as filhas e com os netos. Exercia autoridade sem autoritarismo para com seus descendentes, tendo uma liderança baseada no afeto e na consideração às nossas vontades, mas sem perder a firmeza quando fosse necessário. Pessoalmente, lembro-me que desde criança pequena estive sempre muito ligada a ele, acompanhando-o quando podia ao trabalho na fazenda, o que continuava acontecendo na idade adulta, quando ia para lá. Havíamos estabelecido durante a vida um forte elo afetivo. Talvez por ser a filha mais nova, fui sempre considerada pelas minhas irmãs como “a filha querida” de meus pais. Dito isso, passo à fase marcante propriamente dita.

Próximo ao final de 1988, por causa de uma crise de ansiedade, eu havia retomado a terapia, agora em um processo psicanalítico. Em seu transcorrer começaram a surgir espontaneamente em minha mente imagens e impressões que ocorriam nas mais variadas situações cotidianas: fazendo compras, lendo, dirigindo. Havia conteúdo de dois tipos: na imagem mais intensa e frequente eu tinha a impressão de segurar um revólver prateado encostado em minha cabeça, ou seja, eu via e sentia mentalmente essa situação. Na outra, que geralmente ocorria enquanto eu dirigia um automóvel, surgia a imagem de que eu perdia o controle do veículo e colidia com um obstáculo estático (como um muro, uma parede ou um poste), mas nunca com outro carro. A frequência e a intensidade destas imagens mentais foram aumentando, assim como o desconforto que produziam em mim, a ponto de eu comentá-las com uma amiga muito próxima e de serem temas também de sessões analíticas, nas quais eram trabalhadas como irrupções de meus próprios conteúdos autodestrutivos inconscientes. Contudo, não me recordo das interpretações literalmente realizadas a seu respeito.

Aproximadamente na mesma época em que eu tinha essas impressões, de maneira ainda não externamente perceptível, meu pai estava novamente desenvolvendo uma grave crise depressiva, que em um processo escalonado o levou à melancolia, ao isolamento e à apatia. Embora ele houvesse procurado ajuda psiquiátrica voluntariamente e estivesse medicado, infelizmente, em meados de 1989, o processo culminou em seu suicídio (sem que ele deixasse motivos escritos), com um tiro na nuca, proveniente de um revólver prateado, reproduzindo na realidade a imagem que surgia em minha mente. Quando isso aconteceu, eu estava em São Paulo e meus pais estavam no interior. Eu trabalhava no consultório; ao saber do ocorrido, uma de minhas amigas levou-me para casa e lá algumas outras se juntaram nós: falaram-me que o meu pai estava passando muito mal, sem dizer o motivo, e que eu teria de viajar imediatamente. Ao saber disso telefonei para a casa da minha irmã e a funcionária dela me contou o que de fato havia acontecido. Naquele momento voltou à minha mente a imagem do revólver em minha nuca e murmurei “eu sabia!”

Foram estes os acontecimentos que na época eu considerei experiências de uma possível premonição, mas que hoje eu também poderia chamar de “captação energética”, de “comunicação de inconsciente para inconsciente” e de outras expressões semelhantes. O fato é que, ao recordar aquela fase para fazer este relato, percebo que esta cicatriz continua sensível e que o tecido que a recobre ainda é delicado. Apesar de notar que ainda me sensibilizo bastante ao recordar essa experiência, tão dolorosa, sei que isso é necessário para o momento, pois ela foi o agente transformador do meu modo de perceber a vida e o mundo ao meu redor.

Eu estava em um processo psicanalítico e, na vertente psicanalítica que conhecia e praticava, o que era levado em consideração era a tradicional, também verdadeira, mas incompleta, interpretação freudiana da religião como substituta para o adulto da onipotência dos pais para a criança (FREUD, 1933/1976). Não conhecia estudos sobre as possíveis comunicações inconscientes, além daqueles sobre a relação transferencial, decorrentes da atenção livremente flutuante.¹⁸ Além do mais, a pessoa em relação a quem tive a experiência de possível premonição era concretamente meu pai, ou seja, a própria figura paterna! Óbvio demais? Para mim

¹⁸ Contrapartida para o psicanalista da regra básica da associação livre para o paciente.

não foi. As interpretações psicanalíticas possíveis naquele momento não me satisfizeram plenamente como respostas.

A partir daqueles acontecimentos passei por um período de questionamentos, retomada de questões religiosas, interesse pelas religiões que admitiam a existência da reencarnação, estudos e pesquisas pessoais sobre a vida após esta vida. Daquela época em diante passei a frequentar centros espíritas de orientação kardecista e a ler algumas obras de Alan Kardec,¹⁹ mas sem me engajar completa e totalmente na religião, pois não participei do curso de doutrinação espírita oferecido por tais instituições.

Em 1991 conheci a chamada Terapia de Vivências Passadas(TVP), hoje conhecida como Terapia da Regressão (TR), por indicação de minha médica ginecologista na época, a Prof^a. Dr^a. do curso de Medicina da Unifesp Maria Nice C. Kulay, hoje falecida. Ela também estava agregando conhecimentos proporcionados pelo universo religioso/espiritual a os seus conhecimentos científico-positivistas, estudando Antroposofia, Florais de Bach e TVP.

No final de 1995, depois de muitos anos de distância, reencontrei um velho amigo de adolescência que havia se tornado diretor de TV e de teatro no Rio de Janeiro. Ele estava de volta a São Paulo produzindo e dirigindo a peça **O Diário de um Mago**, adaptação para o teatro do livro do escritor Paulo Coelho. Neste reencontro conversamos sobre nossas trajetórias de vida e ele me sugeriu procurar a tradição da Rosa Cruz. Assim fiz, e durante o ano de 1996, como membro neófito, segui os ensinamentos desta tradição esotérica.

Em 1997 resolvi procurar uma forma de integrar meu interesse pela dimensão espiritual humana com a prática da Psicologia Clínica. Escolhi iniciar essa integração a partir da Terapia da Regressão (TR). Tomei conhecimento de duas instituições, formadas por profissionais médicos e psicólogos, que ministravam cursos, e optei por uma delas: a então denominada Associação Brasileira de Estudo e Pesquisa em Terapia de Vivências Passadas (ABEP-TVP). O curso escolhido constava de dois módulos com duração de um semestre cada um. O primeiro era teórico e ao segundo era adicionada uma prática supervisionada. Ao final do módulo teórico o

¹⁹ Pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (Lyon, 3/10/1804 - Paris, 31/03/1869), educador, escritor e tradutor francês, que com esse pseudônimo codificou a doutrina espírita, denominando-a de Espiritismo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Kardec>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

aluno apresentava um trabalho escrito como forma de avaliação: assim eu fiz. Naquele íterim houve uma ruptura entre os membros que compunham a diretoria da ABEP-TVP. O grupo dissidente formou o Centro de Difusão Científica e Tecnológica – HPG (Hermínia Prado Godoy). Inicialmente por questões de formalidades didáticas, que depois se tornariam identitárias e afetivas, fiquei com a dissidência, concluí o curso e habilitei-me como psicoterapeuta da regressão.²⁰

Participar desse curso possibilitou-me conhecer outros psicólogos e/ou psicoterapeutas que estavam percorrendo o mesmo caminho que eu e estabelecer com alguns deles relações profissionais e de amizade. Atualmente considero que esse tenha sido o passo inicial de um processo mais amplo em direção à integração entre a dimensão espiritual e a concepção psicológica estabelecida, que abordava o ser humano como um ser biopsicossocial. No início de 1999, aproveitando a oportunidade existente para a locação de uma sala, estabeleci consultório na clínica da minha supervisora naquele curso, onde permaneço até hoje. A instituição Centro de Difusão Científica e Tecnológica – HPG mudou seu nome para Centro de Difusão e Estudos da Consciência (CDEC) – HPG. O local possibilitou, ao longo dos últimos anos, que construíssemos um relacionamento de amizade, solidariedade e respeito entre colegas. Compartilhamos ideias e trabalhos, sem perdermos de vista a diversidade da formação psicológica inicial de cada um: cognitivo-comportamental, transacional, junguiana, freudiana e psiquiátrica. Trabalhei durante alguns anos com esses parceiros desenvolvendo atividades embasadas numa cosmovisão espiritualista, como grupos de estudos, cursos, palestras e oficinas terapêuticas e psicoterapias individuais e em grupo. Hoje o CDEC não existe mais, porém o grupo continua suas atividades de estudo e pesquisa sobre a consciência espiritual através do Grupo de Estudos da Consciência (GEC), sob a coordenação de Herminia Prado Godoy.

O exercício de atividades em grupo convidava ao estudo, à pesquisa e à escrita. Em 2002 publiquei em parceria com a colega Marisa Luedi, um artigo sobre relações entre a Psicanálise e a TR no livro **Terapia da Regressão: teoria e técnicas**, organizado por Godoy (BENEDUZZI *et* LUEDI, 2002). A TR foi chamada na

²⁰ Curso reconhecido como Curso de Especialização em terapia da Regressão por três entidades Internacionais: A International Association for Regression Research and Therapies (IARRT), a Association for the Alignment of Past Life Experience (AAPLE) e o International Board for Regression Therapy (IBRT).

década de 1980 de Terapia de Vivências Passadas (TVP), mas a partir da década de 1990 passou a ser chamada internacionalmente de Terapia da Regressão (TR), termo que melhor traduzia o trabalho terapêutico de desbloquear traumas originados nesta ou em supostas outras vidas. As mais conhecidas e importantes instituições internacionais relacionadas a ela são o *International Board for Regression Therapy* (IBRT)²¹ e a *Association for Past Life Research and Therapies* (APRT), que em 2000 passou a se chamar *International Association for Regression Research and Therapies* (IARRT).²² A associação ligada ao psicólogo americano Morris Netherton,²³ um dos pioneiros nessa modalidade terapêutica, denomina-se *Association for the Alignment of Past Life Experience* (AAPLE).²⁴

O objetivo da TR e da TVP é exclusivamente terapêutico, visando à melhor compreensão e ao desbloqueio de traumas passados que repercutem na atualidade. Para Godoy (2002), a TR tem como base o fato de que no presente o ser humano é o somatório de experiências vividas no passado, e esses registros repercutem de maneira saudável e/ou patológica no momento atual. Godoy (2002) desenvolveu a Técnica Regressiva Simplificada (TRS), que aborda diretamente o núcleo do problema a ser trabalhado, otimizando o tempo da terapia. As técnicas regressivas mais conhecidas no Brasil são as de Edith Fiore, Morris Netherton, Roger Woolger e Hans Tendán.

Com o passar do tempo fui conhecendo e me dedicando ao estudo e à pesquisa da Terapia da Consciência Multidimensional (TCM),²⁵ desenvolvida por Godoy (2012), que considera o homem como um ser biopsicossocial e espiritual. Para Godoy (2011;2012), a TCM parte do pressuposto de que o ser humano é um espírito que está vivendo a experiência de possuir um corpo físico na terceira dimensão do planeta Terra. O objetivo dessa modalidade de terapia é religar a personalidade ao espírito, ativando a expansão e o despertar da consciência para as possibilidades multidimensionais: ela considera, então, a noção de processo evolutivo espiritual. Auxilia a pessoa a conquistar autonomia, aprender com as lições

²¹ Disponível em: <<http://www.ibrt.org/>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

²² Disponível em: <<http://iarrt.org/>>. Acesso em 23 abr. 2012.

²³ Psicólogo americano, Netherton trabalha com TR desde 1967. Um de seus livros, **Past Lives Therapy** (1979) foi publicado pela primeira vez no Brasil em 1984 e reeditado pela editora Summus em 1997, com o nome de **Vida Passada: uma abordagem psicoterápica**. (GODOY, 2002, p. 22.).

²⁴ Disponível em: <<http://www.aapple.com/>>. Acesso em 23 abr. 2012.

²⁵ Teoria sistematizada por Godoy nas décadas de 1990 e 2000.

proporcionadas pela vida, realizar suas tarefas existenciais e desenvolver a solidariedade, a tolerância e a compaixão entre outras qualidades espirituais.

Em 2007 a colega Simone Andrade levou ao nosso grupo de trabalho e estudos a professora Ivani Catarina Arantes Fazenda,²⁶ que conhecendo a nós e às nossas atividades nos brindou com a possibilidade de desenvolvermos esses estudos junto com ela em uma perspectiva interdisciplinar no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Eu hesitei e acabei por não enfrentar o desafio, pois, embora este fosse um sonho antigo, aquele não era o momento adequado para mim. As colegas Simone Andrioli Andrade²⁷ e Herminia Prado Godoy,²⁸ ao contrário, foram adiante, iniciaram e hoje já concluíram o mestrado e o doutorado, respectivamente.

Durante nossas reuniões de grupo fui acompanhando as vicissitudes dessas colegas no desenvolvimento de suas produções científicas. Depois de algum tempo eu também senti a necessidade de um estudo formal, acadêmico, metodologicamente embasado. Considerei a possibilidade de cursar uma pós-graduação *stricto sensu*. Embora me sentisse atraída pela ideia de fazê-la na área de educação, com a professora Ivani Fazenda, não me considerava apta para isso, já que toda a minha formação havia sido em Psicologia Clínica.

²⁶ “É professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora associada do CRIE (Centre de Recherche et intervention educative) da Universidade de Sherbrooke-Canadá, membro fundador do Instituto Luso Brasileiro de Ciências da Educação-Universidade de Évora-Portugal. Membro do CIRETt/UNESCO,- França; membro da Academia Paulista de Educação (cadeira 37). Coordena o GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade, filiado ao CNPQ e outras instituições internacionais. Pesquisadora CNPQ - Nível I e do INTERESPE. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: interdisciplinaridade, educação, pesquisa, currículo e formação”. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9538159500171350>>. Acesso em: 02 out. 2011.

²⁷ “Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Educação/Currículo pela PUC-SP. Membro do INTERESPE; membro da equipe do Centro de Estudos e Difusão da Consciência; membro do GEPI, coordenadora do projeto social Integração Real. Atua como psicóloga clínica e educadora”. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0618029679833651>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

²⁸ “Psicóloga pela Universidade Paulista, Pós-Doc. em Interdisciplinaridade pelo GEPI-PUCSP, Doutorado em Educação/Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Especialista pelo CRP/06 em Psicologia Clínica e Forense. Professora da UniTalo. Coordena o GEC-Grupo de Estudo da Consciência. Participa do GEH, Grupo de Estudos de Hipnose, coordenado pelo Prof. Dr. Osmar Colás da UNIFESP; do GEPI- Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade, Coordenado pela Profa. Dra. Ivani Fazenda, PUC/SP e do INTERESPE - Grupo de estudos sobre a Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação, coordenado pelo Prof. Ruy Cezar do Espírito Santo”. Disponível em <<http://lattes.cnpq.br/1130515834292714>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

Em 2009 busquei as informações necessárias para iniciar meus estudos, passei pelo processo seletivo para o segundo semestre e fui aceita como orientanda da professora Marília Ancona-Lopez²⁹ no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, Núcleo Práticas Clínicas, atual Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, eixo Psicologia e Religião.

Consolidada a realização do sonho, comecei por procurar dentro de mim mesma o alicerce para a construção do trabalho dissertativo sobre a dimensão espiritual humana na clínica psicológica. Constatei que a experiência que tive de uma possível premonição sobre a morte do meu pai significou para mim uma experiência transformadora na dimensão pessoal, que teve como consequência uma mudança paradigmática na dimensão profissional de minha trajetória. Encontrei então um objetivo inicial para o trabalho de pesquisa, que era compreender a experiência de psicólogos clínicos que, assim como eu, tinham buscado no universo religioso-espiritual conhecimentos para agregar a suas práticas clínicas.

Devo creditar à professora Marília Ancona-Lopez a expressão *universo religioso-espiritual*, que foi utilizada em uma de nossas primeiras reuniões de orientação, quando conversávamos sobre o tema de pesquisa por mim escolhido. Gostei da sugestão e, a partir daquela ocasião, passei a adotá-la.

No próximo capítulo procurarei explicitar o que entendo por universo religioso-espiritual, com o auxílio de autores cujas concepções se aproximam entre si e com as quais me identifiquei. Apresentarei também as relações que encontrei entre esse universo e a Psicologia.

²⁹É assistente doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase na Psicologia Fenomenológica, aplicada ao Diagnóstico Psicológico e à área da Psicologia da Religião, atuando principalmente nos seguintes temas: práticas clínicas, psicologia e religião, psicodiagnóstico e psicologia fenomenológica e educação superior". Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6633644875540878>>. Acesso em: 02 out. 2011.

CAPÍTULO 2.O UNIVERSO RELIGIOSO-ESPIRITUAL E A PSICOLOGIA

O encontro com Deus não acontece ao homem para que ele se ocupe de Deus, mas para que ele coloque à prova o sentido da ação no mundo. Toda revelação é vocação e missão. (BUBER,1974/1979,p.133).

Neste capítulo procurei elaborar o que compreendo ser o universo religioso-espiritual no contexto da presente pesquisa, relacionando a Espiritualidade com a Psicologia a partir do significado etimológico desta palavra e passando por uma breve retomada do seu desenvolvimento para encontrar abordagens psicológicas que atualmente assumem explicitamente essa relação.

Devo esclarecer que o substantivo *universo* foi utilizado aqui no sentido figurado de “qualquer domínio moral, intelectual, material, artístico etc. em que algo se insere ou ocorre”, tal como encontrado no Grande Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa *on line*.³⁰ No que se refere ao adjetivo *religioso-espiritual* escolhi, dentre as concepções de espiritualidade, religiosidade e religião adotadas, aquelas que se aproximaram entre si, formuladas por autores com os quais também me identifiquei.

2.1. Espiritualidade, religiosidade e religião

Para Gyatso (2000), o atual Dalai Lama,³¹ a espiritualidade está relacionada com as virtudes do espírito humano: amor, compaixão, tolerância, paciência,

³⁰ Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=universo&stype=k&x=11&y=11>>.

Acesso em: 25 jun. 2012.

³¹ “O *Dalai Lama* é o título de uma linhagem de líderes religiosos da escola Gelug do budismo tibetano, tratando-se de um monge e lama, reconhecido por todas as escolas do budismo tibetano. Também foram os líderes políticos do Tibete entre os séculos XVII até 1959, residindo em Lhasa. O Dalai Lama é também o líder oficial do governo tibetano em exílio, ou Administração Central Tibetana. “Lama” é um termo geral que se refere aos professores budistas tibetanos. O atual Dalai Lama é muitas vezes chamado de ‘Sua Santidade’ por ocidentais, embora este pronome de tratamento não exista no tibetano, não se tratando de uma tradução. Tibetanos podem referir-se a ele através de epítetos tais como *Gyawa Rinpoche* que significa ‘grande protetor’, ou *Yeshe Norbu*, a ‘grande joia’”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dalai_Lama>. Acesso em: 21 abr. 2012.

capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia. Estas qualidades interiores, que trazem ao seu cultivador transformação e felicidade tanto para si mesmo quanto para os outros, podem estar relacionadas com a fé religiosa ou não: podem ser desenvolvidas em alto grau sem estarem atreladas a qualquer sistema religioso ou metafísico. A religião, por sua vez, está relacionada com a crença no direito à salvação pregada pelas tradições de fé, que têm como um de seus principais aspectos a aceitação de realidade metafísica ou sobrenatural, incluindo a ideia de paraíso ou *nirvana* e os rituais, as orações e os ensinamentos religiosos empregados para conquistá-lo.

Para Boff (2001) a espiritualidade está relacionada com a experiência da realidade como um todo ao qual pertencemos; desenvolver a espiritualidade é desenvolver a capacidade de contemplação e escuta das mensagens e dos valores que estão no mundo em que vivemos. Os ritos, as celebrações, as doutrinas e os dogmas religiosos são apenas caminhos institucionais que podem ajudar a viver a espiritualidade: “Nasceram da espiritualidade, contém espiritualidade, mas não são a espiritualidade. São água canalizada, não a fonte da água cristalina.” (BOFF, 2001, p.66).

Boff (1993) entende o espírito como uma expressão que designa a totalidade do ser humano enquanto energia, sentido e vitalidade. Ter espiritualidade significa, então, viver segundo a dinâmica profunda da vida. Ela revela um lado exterior que diz respeito à convivência com o outro, a sociedade e a natureza, produzindo solidariedade, respeito à diversidade e sentido de complementação; possui também um lado interior, que se manifesta no diálogo com o eu profundo, no mistério que é também chamado de Deus, mediante a contemplação, a interiorização e a busca do si mesmo. A espiritualidade permite, em um processo dinâmico, a construção da pessoa integral e integrada no mundo que a cerca. Esse autor utiliza a palavra *mística* para se referir à atitude da pessoa perante o *mistério*, no sentido da profundidade indecifrável que a experiência contém. “Pertence ao mistério ser conhecido. Mas pertence também ao mistério continuar mistério no conhecimento. Aqui está o paradoxo do mistério. Ele não é o limite da razão. Ao contrário. É o ilimitado da razão.” (BOFF, 1993, p.145).

Pinto (2009) também caminha nessa direção quando argumenta que espiritualidade e religiosidade são temas próximos, mas indicam fenômenos

diferentes. Para ele a espiritualidade tem lugar na estrutura da personalidade humana e está presente na possibilidade de hierarquização dos valores, nas decisões, nas reflexões sobre a existência e na necessidade do ser humano de buscar um sentido para sua vida. O autor considera que podem existir experiências espirituais sem conotação religiosa: uma das maneiras, mas não a única, de cultivar e manifestar a espiritualidade é por meio da religião. Segundo ele, no panorama das definições existentes para o entendimento do que seja religião, existem alguns pontos que são comuns: a religião é vista como um sistema de orientação e de devoção; os símbolos religiosos evocam sentimentos de reverência e admiração e se associam a rituais, sentimentos, atos e experiências concernentes ao que é considerado como sagrado; os mitos, em especial aqueles sobre a origem e o fim da vida, estão presentes na cultura. Para Pinto a religiosidade, advinda da religião, está relacionada ao processo, sendo uma experiência pessoal da religião. Ele considera que há pessoas de muita religiosidade e pouca espiritualidade, e vice-versa. Segundo o autor a espiritualidade busca o sentido da existência e, quando encontra a religiosidade, essa busca abarca também o sentido último da vida.

Safra (2005) também faz distinção entre espiritualidade, religiosidade e religião. Para ele a espiritualidade é sair de si em direção a um sentido último, uma transcendência ontológica; a religiosidade, todavia, é a espiritualidade relacionada a concepções de divino; e a religião, enfim, é o sistema representacional de crenças e dogmas conscientes pelos quais uma pessoa pode conduzir sua vida, seja de modo espiritual ou não.

Ao estudar as mudanças de significados dos constructos espiritualidade, religiosidade e religião nos últimos quarenta anos, e levando em conta a simplicidade e a clareza de sua exposição, Pargament (2007) define o termo *espiritualidade* como a busca do sagrado, reservando a utilização dos termos *religião* e *religiosidade* para se referir aos contextos social, institucional e cultural mais amplos.

Grof (2000) alinha-se com Pargament quando diz que a espiritualidade envolve uma relação especial da pessoa com o cosmos, sendo baseada em experiências diretas com aspectos e dimensões não comuns da realidade e não requerendo mediadores oficiais nem lugares especiais para acontecer. Diz ele: “Os místicos não precisam de igrejas ou templos. O contexto em que experienciam a dimensão sagrada da realidade, incluindo sua própria divindade, são seus corpos e

a natureza” (GROF, 2000, p.204). Grof considera a espiritualidade universal e abrangente como baseada na experiência mística pessoal, e não em dogmas ou escrituras. A religião organizada, para ele, é uma instituição que se manifesta em atividades grupais que acontecem em locais especiais e envolvem pessoas que podem ou não ter vivenciado experiências pessoais espirituais.

Ainda segundo Grof (2000), as experiências espirituais diretas se manifestam de duas formas: pelas experiências do divino imanente e do divino transcendente. A primeira envolve a percepção súbita e profundamente transformadora da realidade cotidiana: a pessoa que a tem enxerga o mundo a sua volta como um conjunto de manifestações de um campo unificado de energia criativa, uma experiência da natureza traduzida como Deus. Nessa perspectiva a percepção usual de mundo permanece, mas é redefinida em uma nova dimensão. Já a experiência do divino transcendente envolve a manifestação de seres arquetípicos e domínios não habituais de percepção da realidade, inatingíveis em um estado comum da consciência diária.

Encontrei uma aproximação entre as minhas próprias reflexões e as conceituações de Gyatso (2000), Boff (1993; 2001), Pinto (2009), Safra (2008), Pargament (2007) e Grof (2000). Acredito que a espiritualidade é universal e pode estar ou não associada à fé religiosa, enquanto a religiosidade pode ser a experiência pessoal da religião, sendo esta a expressão institucional da fé de determinados grupos socioculturais.

No que se refere especialmente a Gyatso (2000) e Boff (1993, 2001), percebi que representam as duas tradições religiosas com as quais mais me identifico: o budismo, que me encanta, e o cristianismo, que faz parte de mim, porque nele fui criada.

2.2. Espiritualidade e Psicologia

A palavra *Psicologia* foi usada inicialmente em escritos sobre a alma nas universidades protestantes da Alemanha. Foi impressa pela primeira vez com caracteres gregos como título de uma obra do lógico Rodolfo Goclenius, publicada em 1590, sobre a origem e a transmissão da alma racional (VIDAL, 2006).

Em Cunha (2007, p. 644) encontrei as seguintes raízes etimológicas para o neologismo *Psicologia*:

- **log. ia** -LOG (O) (CUNHA, 2007, p.479).
- **log(o)**- *elem. comp.*, deriv. Do Gr. *lógos* 'palavra, estudo, tratado' (Idem, ibidem, p.480).
- **psic(o) -, psique-** *elem. comp.* do gr. *psych-* de *psyché* 'alento, sopro de vida', 'alma', que já se documenta em vocs. formados no próprio grego, como *psicagogo* e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX. (...) // **psicAGOG IA** *sf.* 'entre os antigos gregos, cerimônia religiosa de invocação da alma dos mortos' / *psychagogia* 1873/ Cp. Gr. *psychagōgía*// (...) **psicoLOG IA** *sf.* 'ciência da natureza, funções e fenômenos da alma ou da mente humanas' / *psychologia* 1844/ Do lat. Cient. *psychologia*, voc. Criado pelo reformador alemão Melanchthon (1497-1560), vulgarizado, depois, no fim do séc. XVI, por Goclenius de Marburg// **psicóLOGO**/ *psychólogo* 1899.

Ao escrever sobre a História da Psicologia, Mueller (1968, p. XVII) lembra que durante dois milênios ela foi inseparável da Filosofia e que o seu domínio era o estudo da alma humana:

(...) se quiséssemos considerar todas as maneiras de encarar a alma humana, um campo de amplitude desalentadora se abriria diante de nós (...). Assim entendida, uma história da psicologia deveria fundar-se sobre a etnologia e a psicologia religiosa, comportar uma história completa das religiões; em suma originar um empreendimento interminável.

Além de seus escritos sobre a consciência, produzidos na passagem do século XIX para o século XX, William James (1842-1910) estudou também as variedades da experiência religiosa. Nas Conferências Gifford, realizadas na Escócia, usou as seguintes palavras para definir religião pessoal:

A religião, por conseguinte, como agora lhes peço arbitrariamente que a aceitem, significará para nós *os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino*. Uma vez que a relação tanto pode ser moral quanto física ou ritual, é evidente que da religião no sentido que a aceitamos, podem brotar secundariamente teologias, filosofias e organizações eclesíásticas. (JAMES, 1902/1991, pp.31-32. Grifado autor).

Para Valle (2010) essa definição pioneira se tornou clássica e muito aceita em Psicologia. Segundo o autor, William James e Rudolf Otto relacionavam a natureza do religioso com os sentimentos; Émile Durkheim, por outro lado, identificava a

religião como o conjunto de crenças, ritos e instituições que constituem a sociedade e por ela são constituídos. Valle assinala também que na Psicologia da Religião se fazem presentes todas as tendências psicológicas, da comportamental à transpessoal, sendo que essas diversas abordagens psicológicas elaboraram teorias a seu respeito, defendendo ora uma religião essencialmente interior, ora exterior.

Ao refletir sobre alma, Psicologia e religião, Paiva (2002, p.173) escreve:

A palavra alma, do vocabulário religioso e psicológico, desapareceu da linha-mestra da psicologia. Com ela desapareceu o conceito de uma instância essencial da realidade humana. Ao contrário das denotações que identificam alma, espírito e mente e contrapõem alma a corpo, parece possível restituir a articulação originária dessas palavras nas fontes hebraicas da Bíblia, nas expressões idiomáticas das línguas ocidentais e no vocabulário psicológico fundador. Não é o uso da palavra alma, mas a recusa de seu desemprego, que torna interessante para o psicoterapeuta a serviço da alma, a atenção para estudos recentes, norte-americanos e europeus, que tentam restituir à alma sua posição estrutural e dinâmica na psique.

Durante os anos de existência da Psicologia como ciência independente surgiu a tradição de denominar como *forças* as abordagens psicológicas que se firmaram como representantes de suas principais tendências. A abordagem experimental e a *behaviorista* de Skinner são chamadas de primeira força. A psicanálise de Freud e seus seguidores é chamada de a segunda força. As abordagens humanistas, as fenomenológico-existenciais, as junguianas e outras delas decorrentes são a terceira força, cujos representantes mais conhecidos são Allport, Maslow, Rogers, Perls, Frankl e Jung, entre outros. As psicologias transpessoais e outras abordagens emergentes que valorizam os estados de ampliação da consciência são chamadas de quarta força em Psicologia. (RIBEIRO, 2004; 2005).

Walsh e Vaughan (1995) afirmam que a Psicologia Transpessoal surgiu nos Estados Unidos na década de 1960, como resposta à ideia de que as principais abordagens psicológicas precedentes, consideradas as três primeiras forças da Psicologia Ocidental, eram limitadas quanto ao reconhecimento de níveis superiores de desenvolvimento psicológico. As críticas às duas primeiras eram dirigidas ao fato de enfatizarem as patologias e negligenciarem aspectos relevantes da natureza humana, como os valores, a busca de autorrealização e a autotranscendência. As

Psicologias da terceira força, que tinham como foco os aspectos positivos do ser humano, valorizaram a tendência à autorrealização, explorando maneiras de a promoverem tanto em indivíduos quanto em grupos e instituições.

Para Nagelshmidt (1996) as psicologias da terceira força procuraram entender o ser humano como um todo complexo e integrado, marcado pela necessidade intrínseca de desenvolver e de atualizar suas melhores capacidades e potencialidades. O desenvolvimento desses potenciais permitiu chegar às questões existenciais presentes em todo ser humano, tais como “qual o sentido da vida?”, “Quem sou eu?”, “De onde vim?” e “Para onde me encaminho?”. Consequentemente favoreceu a busca por ultrapassar os limites conhecidos do humano, ou seja, a possibilidade de transcendência. Desse reconhecimento surgiu a Psicologia Transpessoal, que para a autora é uma evolução natural das psicologias humanistas.

Nagelshmidt (1996) e Ribeiro (2004; 2005) concordam com Maslow (s/d), que no prefácio à segunda edição do livro **Introdução à Psicologia do Ser** diz considerar transitória a terceira força da Psicologia, ou Psicologia Humanista, vendo-a como uma preparação para o surgimento da quarta força em Psicologia, a transpessoal.

Ribeiro (2005) e Saldanha (2006) ressaltam como contribuição fundamental os estudos de Maslow e sua investigação sobre as experiências culminantes, sendo que Saldanha (2006) acrescenta ao debate as experiências de “platô”. As primeiras podem durar entre poucos minutos e até algumas horas, raramente mais do que isso, e incluem sentimentos elevados de êxtase e comunhão com a natureza, deslumbramento, gratidão e unicidade; são momentos em que a pessoa se torna tão envolvida e absorvida pela experiência que chega a sentir-se em perfeita integração com o universo, numa relação de comunhão e perfeita harmonia. As segundas representam uma nova e mais profunda visão de mundo, envolvendo uma mudança de atitude em relação à vida em geral.

Tabone (1992) considera também as experiências com drogas psicodélicas, especialmente as realizadas por Grof, como um dos maiores incentivos para o surgimento do movimento da Psicologia de orientação transpessoal.

Para Walsh e Vaughan (1995) as experiências vividas naquela época e os estudos realizados então possibilitaram o levantamento de dados que ampliaram os limites do bem estar, tanto que as Psicologias Humanistas tornaram-se limitadas na abrangência de suas concepções. Os autores consideram que o questionamento do sonho materialista levou as pessoas a buscarem interiormente a satisfação que seus esforços de busca no exterior não conseguiram. Essa busca contínua de autopreenchimento e desenvolvimento do próprio potencial, o uso disseminado de substâncias psicoativas e técnicas de alteração de estados da consciência como a meditação, entre outras, possibilitaram uma gama de experiências de estados de consciência incomuns na vida cotidiana e não incluídos no domínio oficial da Psicologia Ocidental, mesmo nas abordagens da terceira força. No meio dessas experiências se incluíam as transcendentais, que até a época eram consideradas raras, circunscritas a poucos e ocorrendo em contextos religiosos e espirituais. A busca pela compreensão dessas experiências levou a reconhecê-las como uma possibilidade inerente a todo ser humano, a de vivenciar estados transcendentais de consciência. A Psicologia Transpessoal desenvolveu-se com a intenção de expandir o campo da pesquisa psicológica, incluindo os estados de expansão da consciência e as experiências de transcendência em seus estudos.

O intuito dessa breve retomada foi mostrar que a dimensão espiritual do ser humano pode ter sido afastada do campo de estudos da Psicologia quando do seu surgimento como ciência independente e do seu alinhamento com os princípios científico-positivistas, mas não foi eliminada. Sua retomada foi feita principalmente por William James no início do século XX e desenvolvida por outros autores, chegando às abordagens transpessoais e ao enfoque de uma psicoterapia espiritualmente integrada (PARGAMENT, 2007), que explicitamente dizem fazer dela seu objeto de estudo e trabalho.

Para Vaughan, Wittine e Walsh (1996) a Psicoterapia Transpessoal é uma abordagem que visa à integração dos vários aspectos do bem estar humano: os âmbitos físico, emocional, mental e espiritual. Os objetivos dessa abordagem incluem os aspectos clássicos do funcionamento saudável normal, mas vão além deles para incluir as questões espirituais vistas de uma perspectiva psicológica. Uma orientação transpessoal não invalida outras abordagens que podem ser relevantes para uma psicoterapia integrativa; no entanto, ela solicita a expansão do contexto

comumente assumido por essas outras abordagens e reconhece uma visão da potencialidade humana, que de forma explícita inclui a experiência espiritual. Esses autores lembram que a palavra *transpessoal* literalmente quer dizer *além do pessoal*, e isto significa que o trabalho pessoal está incluído em um contexto mais amplo. A Psicoterapia só pode ser considerada transpessoal se o terapeuta valorizar a integração da espiritualidade no processo psicoterapêutico, sendo o cliente pertencente ou não a alguma denominação religiosa, e se o terapeuta for pessoalmente comprometido em trilhar um caminho de realização espiritual.

Dessa perspectiva a Terapia da Consciência Multidimensional (TCM) proposta por Godoy (2012) pode ser entendida como uma terapia de orientação transpessoal. Godoy considera a TCM uma terapia e uma filosofia de vida baseada em valores éticos universalistas que se pretendem válidos a qualquer tempo e para todos, tais como o amor, a compaixão, a tolerância, a solidariedade, o respeito, a justiça e a humildade, entre outros. Compreendendo o ser humano em suas dimensões biológica, psicológica, sociocultural e espiritual, a autora parte do pressuposto de que ele é um ser espiritual vivendo uma experiência humana e terrena, com a possibilidade de acessar conscientemente suas várias dimensões. Seu objetivo principal é religar o espírito à personalidade, ativando a expansão da consciência física de modo a despertar a consciência espiritual. Essa religação está associada ao processo da terapia e, dessa maneira, exige também do terapeuta o compromisso de cuidar da sua vida espiritual. A TCM entende que, por ser um espírito corporificado, a pessoa traz consigo uma história evolutiva e que a vida como se apresenta a ela na atualidade tem o sentido existencial de um aprendizado evolutivo, de modo que os meios familiar, profissional e social têm a função de estimular esse aprendizado.

Para Grof (1995) os estados mentais incomuns, tratados pela Psiquiatria e pela Psicologia tradicional como distúrbios mentais, muitas vezes podem ser, na verdade, crises de transformação pessoal ou crises de evolução da consciência. Quando tratadas adequada e compreensivamente podem produzir efeitos benéficos e potencial de cura para quem passa por elas. Esse potencial positivo é expresso no termo “emergência espiritual”, sugerindo tanto o sentido da urgência quanto o da ascensão a outro nível de consciência, ou seja, o da evolução.

Grof (1995) apresenta as seguintes caracterizações das emergências espirituais:

- **Crise Xamânica:** o xamanismo é uma das mais antigas religiões e artes curativas que se conhece. O despertar de muitos xamãs (feiticeiros curadores, curandeiros, pajés e assemelhados) em diferentes culturas se inicia com um intenso e involuntário episódio visionário, no qual se pode perder o contato com o mundo externo, voltando-se para intensas experiências interiores que envolvem a jornada a um mundo inferior, batalhas com demônios, torturas e provações, podendo-se atingir experiências de morte e desmembramento seguidas pelo renascimento e pela ascensão a mundos celestiais. Quando bem sucedidas, tais crises levam a um profundo efeito de cura tanto de saúde física quanto da emocional; podem gerar percepções sobre as forças curativas da natureza e a dinâmica das doenças. Passada a crise, a pessoa volta para comunidade e dela recebe honras e respeito. Além desses aspectos de torturas e batalhas, os despertamentos envolvem experiências de ligação com animais, plantas e forças da natureza. Existem pessoas que, mesmo não pertencendo a culturas xamânicas, apresentam crises muito semelhantes a essas e, após superá-las, apresentam manifestações espontâneas de cura e rituais como os praticados pelos xamãs de diversas culturas.
- **Despertar da Kundalini:** essa forma de emergência tem manifestações semelhantes às descrições encontradas na literatura indiana sobre o despertar da serpente, ou Kundalini, que para os iogues é uma forma de energia cósmica criadora que fica latente na base da coluna vertebral humana. Pode ser ativada pela intervenção de um mestre espiritual, por exercícios específicos e às vezes por razões desconhecidas. A Kundalini ativada sobe pelo corpo sutil (descrito pelos iogues como um campo de energia não física que impregna o corpo físico), e na medida em que sobe cura feridas traumáticas e vai abrindo os centros de energia psíquica (*chakras*). O despertar da Kundalini envolve manifestações físicas e psicológicas. Pode haver a intensa sensação de energia e de calor subindo pela espinha, associada a tremores, espasmos e movimentos parecidos com os das serpentes. Podem surgir e ficar presentes por algum tempo fortes

ondas de emoções, como ansiedade, raiva, tristeza, júbilo e enlevo extático. Podem ocorrer visões de luzes brilhantes e seres arquetípicos, a percepção interior de sons e a lembrança de possíveis vidas passadas. Também ocorre de se falar línguas diferentes da própria, cantar canções desconhecidas, produzir sons e gestos de animais variados e assumir posturas e gestos da ioga. Esse processo é encontrado em muitas pessoas que não pertencem à tradição indiana.

- **Episódios de Consciência Unitiva** (experiências culminantes): nesses casos acontece a dissolução das fronteiras pessoais, existindo a sensação de unidade com o mundo, o universo e o cosmos. A pessoa parece transcender as noções de tempo e espaço, podendo sentir a eternidade e o infinito; surgem emoções que variam de paz e serenidade profunda a alegria e enlevo místico. Esse processo adquire qualidade sagrada, parecendo uma fusão coma energia cósmica criadora, ou Deus. Maslow chamou de experiências culminantes (ou de pico) esses tipos de experiências; para ele, não havendo interferência em tais processos, sua consequência mais típica é um melhor funcionamento da pessoa no mundo, com a aquisição da capacidade de expressar plenamente o próprio potencial.
- **Renovação Psicológica por meio de Retorno ao Centro**: é descrita pelo junguiano John W. Perry como um “processo de renovação”. Segundo Perry (1995), nesse processo acontece inicialmente uma turbulência psíquica expressa em aspectos de morte e destruição de si e do mundo que depois vai se acalmando, enquanto a energia liberada vai se conectando com imagens de renascimento e regeneração do mundo. Dependendo das condições psicológicas da pessoa, nesse processo pode haver uma variação de grau de severidade, que vai do horrendo ao suave.
- **Crise de Abertura Psíquica**: em todo tipo de emergência espiritual pode acontecer um aumento da capacidade intuitiva, possibilitando a ocorrência de fenômenos como precognição, telepatia e clarividência. No entanto, em alguns casos a intensidade deles é tanta que caracteriza um tipo específico de abertura. Na Crise de Abertura Psíquica com certa frequência ocorrem experiências de saída da consciência do corpo físico, podendo a pessoa observá-lo à distância e acompanhar os acontecimentos em áreas próximas

e/ou distantes. Esse evento pode ser comum em situações de proximidade da morte. Uma pessoa que passa por uma abertura psíquica intensa pode ficar muito sintonizada com os processos interiores dos outros e chega a apresentar capacidade telepática. Tais experiências de telepatia, precognição e clarividência, se repetidas com muita frequência, ao abalarem as noções comuns de realidade concreta, podem desestabilizar as pessoas que passam por elas e/ou aqueles que a rodeiam. Existem casos em que a pessoa tem a sensação de afastamento da própria identidade e adoção da identidade de outrem, o que envolve expressão corporal, vocal, gestual, emocional e mental: são as experiências consideradas mediúnicas.

- **Experiências com Vidas Passadas:** nessas experiências existem memórias que parecem ser de existências anteriores à atual. Incluem episódios ocorridos em outras épocas e países, estão associadas a fortes sensações físicas e emocionais e podem retratar com detalhes pessoas, situações e momentos históricos. Quando essas possíveis recordações de vidas passadas emergem plena e claramente à consciência podem esclarecer situações antes incompreensíveis, relacionamentos conflituosos e difíceis, medos infundados, manias e sintomas psicossomáticos, entre outros. Antes de emergirem plenamente, as lembranças de outras vidas podem perturbar a vida cotidiana da pessoa que as tem, pois ela pode ter visões e sentir fortes emoções e sensações físicas que, vividas fora de contexto, parecem muitas vezes irracionais. Pode acontecer que, mesmo após emergirem à consciência e serem esclarecidas, as recordações de supostas outras vidas entrem em sério conflito com as crenças e as convicções filosóficas anteriores ao episódio. Isso pode gerar um período de confusão e desafio para uma pessoa muito racional e cética, e também para os adeptos de religiões que não admitem a reencarnação.
- **Comunicação com Espíritos-Guia e Canalização:** nesses casos existe a experiência de uma relação pessoal com seres que assumem a posição de protetores, guias, mestres espirituais ou mesmo de apenas informantes. Estes podem ser percebidos como seres humanos desencarnados, entidades supra-humanas dotadas de muita sabedoria, fontes de luz e energia ou mesmo divindades. Podem ser percebidos pela visão de imagens ou pelo

sentimento de que estão presentes. A comunicação se dá pela transmissão de pensamentos, mensagens verbais ou escritas e outras formas extra-sensoriais. Na canalização determinada pessoa transmite mensagens de uma fonte externa a sua consciência, isto é, funciona como canal, falando em transe e usando de telepatia ou de escrita automática. Entre os motivos para que essa experiência desencadeie uma crise psíquicoespiritual estão a natureza e a qualidade das mensagens, que podem conter informações consistentes e corretas de assuntos aos quais o canalizador não tem acesso. Isso pode causar uma crise filosófica de visão de mundo e de noção de realidade quando acontece com pessoas muito racionais e materialistas. Pode haver também um questionamento e/ou um autoquestionamento sobre a saúde mental do canalizador. Outro motivo refere-se ao fato de que esses espíritos-guias são considerados de inteligência extraordinária e de alto nível de evolução espiritual: podem por isso causar uma superinflação egóica em quem recebe sua comunicação, que pode considerar-se um ser superior em uma missão especial.

- **Experiências de Proximidade da Morte:** na cultura ocidental, Raymond Moody,³² pesquisador norte americano, estudou depoimentos de algumas pessoas que chegaram bem próximas da morte e de outras que foram consideradas clinicamente mortas, mas voltaram à consciência. Encontrou passagens semelhantes nestes relatos, como a revisão de toda a vida de quem passou pela experiência de forma vívida e muito condensada; o fato de a consciência poder separar-se do corpo e flutuar sobre ele ou afastar-se da cena; a passagem por um túnel que leva a uma luz muito brilhante e de imensa beleza, e que se trata de um ser divino que irradia amor infinito, perdão e aceitação. No encontro com um ser percebido como Deus essas pessoas aprendem sobre a existência e suas leis universais, tendo a chance de examinar suas vidas a partir dessa nova perspectiva e, voltando à realidade cotidiana, decidem viver de acordo com tais ensinamentos. Essas experiências de proximidade da morte podem levar a emergências espirituais porque desafiam a noção de realidade de muitos dos que passam por elas.

³² MOODY, Raymond Jr. **A vida depois da vida**. São Paulo: Butterfly, 2004.

- **Experiências de Contatos com Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs) e de Abduções por Extraterrestres:** a maioria das pessoas considera estas experiências uma das seguintes alternativas: uma visita real de extraterrestres à Terra; uma brincadeira; a interpretação inadequada de acontecimentos naturais ou da visão de aparelhos terrestres não conhecidos; e o resultado de alucinações psicóticas. Assim, uma experiência desse tipo pode precipitar sérias crises, sejam elas emocionais, sejam intelectuais. As descrições de OVNIs remetem em geral a espaçonaves com luzes intensas de qualidade sobrenatural. Relatos de abduções costumam conter descrições de procedimentos de exames físicos e de experiências científicas. As pessoas que acreditam terem sido abduzidas necessitam da assistência profissional de quem estuda profundamente o assunto para ajudá-las a assimilar a experiência, e não somente para classificá-la como a manifestação de uma doença mental. Outro problema é que – assim como ocorre no contato com espíritos-guias– os extraterrestres podem ser considerados representantes de civilizações muito mais evoluídas tecnológica e espiritualmente do que a nossa, podendo esses contatos adquirir sentido místico e relevância cósmica, causando uma superinflação egóica do possível contatado.
- **Estados de Possessão:** as pessoas que experimentam esses estados relatam ter a sensação de serem invadidas psíquica e corporalmente por entidades externas, que percebem como energias hostis e perturbadoras. Estas podem ser consideradas espíritos confusos, entidades malévolas que invadem os outros por meio de feitiçaria ou mesmo seres demoníacos. Esses estados variam em tipos e graus de intensidade, desde aqueles em que o real motivo da perturbação manifesta-se indiretamente, provocando comportamentos antissociais e criminosos, agressão, autodestruição, promiscuidade sexual e abusos de álcool e drogas, até os mais explícitos, nos quais a pessoa possuída se transforma física e psiquicamente, assumindo expressões de hostilidade e tom sobrenatural.
- **Alcoolismo e Drogadição:** em estudo posterior, Grof (2000) passou a considerar também o alcoolismo e a drogadição como uma emergência espiritual, lembrando que, assim como nos casos de possessão, na dependência química a dimensão espiritual é obscurecida pela natureza

autodestrutiva e destrutiva do uso da droga. Nos outros tipos de emergência espiritual a crise acontece pela dificuldade de elaboração da experiência mística; já no alcoolismo e na drogadição a crise existe porque, apesar do desejo, a experiência mística não é efetivada: eles “representam uma busca de transcendência mal encaminhada” (GROF, 2000, p.172).

Pargament (2007) propõe uma psicoterapia espiritualmente integrada, na qual reconhece e aborda explicitamente a espiritualidade do cliente, a do terapeuta, o encontro de ambas e o processo terapêutico. Para ele a espiritualidade pode estar entrelaçada com as diversas tradições psicoterapêuticas e este processo de integração pode aprofundá-las e enriquecê-las, transformando a psicoterapia como um todo. O autor assinala que, sendo a dimensão espiritual inerente à vida, clientes e terapeutas não a deixam fora do *setting* psicoterapêutico, mesmo quando ela não é o foco explícito de atenção. A espiritualidade pode tanto fazer parte dos problemas psicológicos quanto ser uma fonte de soluções para eles: por isso a psicoterapia espiritualmente integrada pode fornecer novas perspectivas para o trabalho psicoterapêutico. Clientes e terapeutas apresentam variados graus de integração da espiritualidade em suas vidas, mas a psicoterapia espiritualmente integrada, além de competência e conhecimento, requer do terapeuta autoconhecimento, autenticidade, abertura e tolerância espiritual.

Os autores aqui referenciados não esgotam suas abordagens, nem as relações entre a Psicologia e a Espiritualidade, com o acima exposto, mas foram selecionados para representá-las e por sua pertinência no contexto da presente pesquisa. No próximo capítulo apresentarei o caminho trilhado para a sua realização.

CAPÍTULO 3. CAMINHO DA PESQUISA

*Caminante, son tus huellas
el camino, y nada ás;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.
(XXIX PROVERBIOS Y CANTARES)³³*

Esta pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender a trajetória e a experiência de duas psicólogas clínicas, com consistente formação na área, que buscaram integrar a dimensão espiritual do ser humano às suas práticas clínicas, fosse agregando-lhes conhecimentos sobre o universo religioso-espiritual propriamente dito, fosse pela adesão a abordagens emergentes ainda não reconhecidas parcial ou completamente como teorias psicológicas pelos órgãos oficiais de Psicologia, como as Psicologias Transpessoais e a Terapia de Regressão (TR).

Para atingir este objetivo comecei por registrar os aspectos de minha história de vida relacionados ao tema. Concomitantemente, iniciei uma pesquisa bibliográfica sobre Psicologia, Metodologia de Pesquisa, Espiritualidade e Psicologia e Religião. Li livros, dissertações, teses e artigos científicos; dentre essas obras fiz uma leitura mais atenta das que resolvi utilizar e, ao escrever, tive a preocupação de citar e referenciar cada uma. Neste processo de elaboração escrevia textos que levava para orientação, até que me senti travada. Continuava com as leituras e as elaborações, mas não conseguia colocá-las no papel; resolvi então voltar à

³³ MACHADO, Antonio. Poesías Completas. Soledades/Galerías/Campos de Castillas. Madrid: Espasa Calpe, 2005, p.239/240. Tradução livre: Caminhante, são teus rastros/ o caminho e nada mais;/ caminhante não há caminho,/ se faz caminho ao andar./ Ao andar se faz o caminho,/ e ao olhar para trás/ se vê a trilha que não/ se voltará a pisar. Caminhante, não há caminho,/ somente sulcos no mar.

psicoterapia para trabalhar esse bloqueio, que gradualmente foi superado. Escrevi e reescrevi a dissertação várias vezes até chegar à versão formalmente apresentada.

Conforme a pesquisa, a seleção e a escrita dos estudos a respeito do tema progrediam, eu iniciei as atividades necessárias para a realização da entrevista com a possível colaboradora, sendo a primeira delas a elaboração dos critérios de sua escolha. Este processo incluiu a apresentação da documentação necessária para respaldar a entrevista junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP. Os critérios de seleção foram escolhidos de acordo com o objetivo da pesquisa, para garantir a maturidade profissional da colaboradora. Ela deveria ser uma psicóloga com sólida e consistente formação em alguma abordagem reconhecidamente psicológica, ter muitos anos de experiência na área clínica e, durante sua trajetória profissional, ter buscado integrar a dimensão espiritual a essa sua prática, fosse pelos conhecimentos adquiridos no universo religioso-espiritual, fosse pela adesão a abordagens emergentes, ainda não parcial ou totalmente reconhecidas pelos órgãos oficiais de Psicologia.

Na ocasião reencontrei uma colega de quem há muito não tinha mais notícias: ficamos contentes por nos revermos depois de tanto tempo. Conversamos um pouco, e nesse pouco eu contei sobre o que estava fazendo e ela me contou que também havia procurado a Terapia da Regressão para entender alguns fenômenos que aconteciam no consultório. Não podíamos nos alongar porque ambas tínhamos compromissos no momento: assim, marcamos um encontro para podermos conversar sobre nossas vidas. Alguns dias depois, ao trabalhar em minha dissertação, me ocorreu de, caso a história de vida dessa colega estivesse de acordo com os outros critérios, pedir para ela ser minha colaboradora. Os critérios foram preenchidos e ela aceitou colaborar.

Pelo fato de a colaboradora trabalhar em São Paulo e também em outra cidade, combinamos de eu enviar as perguntas por correio eletrônico para ela ir respondendo, e também de nos encontrarmos para conversar pessoalmente na semana seguinte. Assim fizemos, sendo que suas respostas tornaram o mote para o desenvolvimento de nosso encontro.

Foram encaminhadas por *email* as seguintes perguntas:

1. Qual foi a sua motivação pessoal para cursar Psicologia?

2. As abordagens estudadas durante a graduação foram suficientes para sua formação ou durante ela você buscou outros cursos ou grupos de estudo para agregar mais conhecimentos psicológicos?
3. Há quanto tempo é formada?
4. Após a graduação, como foi a sua trajetória profissional no que se refere a cursos de formação e experiência na área clínica?
5. O que motivou você a buscar integrar a dimensão espiritual no atendimento clínico, fosse agregando conhecimentos religioso-espirituais, fosse buscando abordagens ainda não totalmente reconhecidas pelos órgãos oficiais de Psicologia, para complementar esse atendimento?

No dia, no local e no horário combinados de acordo com a preferência de Helena (pseudônimo escolhido pela colaboradora), nós conversamos por aproximadamente uma hora. Durante nossa conversa realizei anotações para me orientar na feitura posterior do relato. Nosso encontro não foi gravado por preferência da colaboradora.

Um Termo de Consentimento e Compromisso (anexo F) foi apresentado à colaboradora e assinado por ela: nele se asseguraram a privacidade e a confidencialidade das informações que possibilitassem a sua identificação (como nome, locais de residência e trabalho e outros dados). Foi ressaltado o respeito à decisão de não participar da pesquisa, bem como o direito de retirar seu consentimento quando assim desejasse e em qualquer etapa da mesma. Assumi também o compromisso de providenciar assistência de ordem psicológica se houvesse desconforto dessa ordem durante a entrevista.

Logo depois de realizar a entrevista escrevi o seu relato. Após algumas leituras considerei necessário esclarecer algumas falas da colaboradora. Telefonei para Helena perguntando sobre sua disponibilidade para encontrar-me novamente e ela abriu espaço na agenda para me receber. Marcamos o evento e, no dia, no local e no horário que foram acordados segundo a preferência dela, realizamos o segundo encontro, que também não foi gravado e cujo relato foi transcrito logo depois da entrevista, com auxílio das anotações realizadas durante o mesmo.

Realizei várias leituras das respostas da colaboradora às perguntas feitas a ela, dos relatos dos dois encontros que tivemos e do meu próprio relato

autobiográfico. Imergir nas informações possibilitou-me encontrar nelas eixos para iniciar a análise e a discussão das mesmas.

Elegi os seguintes eixos para análise: histórico da formação religiosa/espiritual familiar; formação em Psicologia; trajetória profissional, incluindo cursos de formação e experiência clínica; busca pela integração da dimensão espiritual ao atendimento clínico; e integração da espiritualidade no atendimento clínico psicológico na atualidade.

Em um segundo momento, localizei no eixo formação em Psicologia os subeixos motivação, conteúdos curriculares e procura de complementação; e, no eixo busca para integrar a dimensão espiritual no atendimento clínico, os subeixos motivos e trajetória.

Busquei compreender cada eixo e cada subeixo em diálogo com os autores pesquisados, apoiando-me na fala da colaboradora e na minha própria fala, que foram reproduzidas quando necessário. Finalmente, teçi algumas considerações sobre o trabalho realizado.

CAPÍTULO 4. HELENA E TELMA

A grande lição dos verdadeiros místicos, dos monges zen, e agora dos psicólogos humanistas e transpessoais, é a de que o sagrado está no usual, que se encontra na própria vida cotidiana, entre os vizinhos, amigos e familiares, no próprio quintal. (...). Procurar milagres é para mim um sinal seguro da ignorância de que tudo é milagroso. (MASLOW, 1990,p. 331.Tradução livre).

A colaboradora e eu nos conhecemos na juventude e desde aquela época não havíamos nos encontrado mais. Passamos muitos anos com raras notícias uma da outra, mesmo em tempos de redes sociais virtuais, das quais não fazíamos uso. Por uma feliz coincidência, casualmente nos encontramos nas dependências de uma clínica psicológica.

Como eu estava trabalhando na presente pesquisa e a sua trajetória profissional preenchia os critérios estabelecidos para a mesma, convidei-a para participar. Ela aceitou e, ao saber dos cuidados éticos necessários para a condução das entrevistas, escolheu o pseudônimo Helena. Como optei por utilizar um relato autobiográfico para este estudo, o nome Telma refere-se a mim mesma.

Para efetuar a análise tanto das informações contidas nesse relato autobiográfico quanto das obtidas com Helena, elegi os seguintes eixos: histórico de formação religiosa-espiritual familiar; formação em Psicologia; trajetória profissional: cursos de formação e experiência clínica; busca para integrar a dimensão espiritual ao atendimento clínico; e integração da espiritualidade no atendimento clínico psicológico na atualidade. Apresento cada um desses eixos abaixo.

4.1. Histórico de formação religiosa-espiritual familiar

Helena:

Com relação aos conhecimentos do universo religioso-espiritual, Helena contou que sua família não era religiosa: acreditavam em Deus, mas não tinham nenhuma religião. Ela estudou em um colégio de freiras porque

naquela época quase todas as meninas estudavam. Não teve formação religiosa no interior de sua família: ao contrário, contou que quando era pequena morava no Rio de Janeiro e lembra-se de que a vizinha colocava objetos de macumba na moto do pai e que, quando ele via aquilo, retirava os objetos, subia na moto e ia trabalhar, mostrando que aquelas coisas não funcionavam. Então ela cresceu assim, sabendo que a pessoa tem uma proteção natural quando faz as coisas que são certas. Não precisava ir à igreja, ao centro espírita, alugar algum. Como estudou em um colégio de freiras foi batizada e crismada, mas sua família não dava importância para essas coisas, que viam até com um pouco de ironia.

Telma:

Embora hoje minha mãe seja católica praticante, na época de minha infância meus pais se apresentavam como católicos não praticantes. No entanto, fizeram questão de proporcionar uma iniciação e uma educação católica para as filhas: recebemos os sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia e estudamos no colégio de freiras Externato Sagrado Coração de Maria, nome posteriormente alterado para Sagrado Coração de Jesus. Portanto, desde o pré-primário, até o então ginásial, estudei num colégio religioso que, além das disciplinas obrigatórias, mantinha a de Religião, na qual era ensinado o Catolicismo. Assim, pelo menos até os 14 anos, fui católica praticante e interessada nos preceitos religiosos que me foram transmitidos.

Elegi este eixo como o primeiro a ser analisado para mostrar as influências familiares sobre o universo religioso-espiritual que foram lembradas por Helena e por mim, de modo a ter um parâmetro de como fomos vivenciando suas possíveis repercussões.

Pelos trechos retirados dos relatos no que se refere à formação religiosa/espiritual familiar, embora ambas tivéssemos estudado em colégios de freiras, somente eu internalizei os ensinamentos religiosos associados aos ensinamentos católicos, assumi como minha a religião ensinada no colégio e tive para isso o apoio de meus pais, que consideravam importante que as filhas praticassem o catolicismo. Até por volta dos 14 anos eu aprendi a viver a espiritualidade associada à religião. Ao longo da vida, essa relação foi sendo por mim relativizada até chegar à concepção atual de que a religião é um dos caminhos possíveis para viver a espiritualidade, por sua vez inerente à condição humana.

Como o anteriormente mencionado, encontrei uma aproximação entre as conceituações de Gyatso (2000), Boff (1993; 2001), Pinto (2009), Safra (2008), Pargament (2007) e Grof (2000) e as minhas próprias reflexões sobre o fato de a espiritualidade ser universal e poder estar ou não associada à fé religiosa, e também sobre ser a religiosidade uma experiência pessoal da religião, por sua vez a

expressão institucional da fé de determinados grupos socioculturais. Particularmente, Boff (1993; 2001) e Gyatso (2000) representam as duas tradições religiosas com as quais mais me identifico: o cristianismo, que faz parte de mim porque nele fui criada, e o budismo, que me encanta.

Helena, ao contrário, mesmo tendo recebido os sacramentos do Batismo e da Crisma, era estimulada pelos pais a praticar uma espiritualidade laica, independente de crenças, religião e/ou rituais, na qual bastava viver corretamente para contar com a proteção natural do divino. A formação espiritual, mas não religiosa, que Helena teve de seus pais está de acordo com o que defendem Gyatso (2000), Boff (1993; 2001) e Pinto (2009) sobre a espiritualidade ser universal e relacionada a valores éticos e qualidades espirituais na experiência do viver no mundo, podendo estar ou não associada à fé religiosa, enquanto a religião é a expressão institucional da fé de determinados grupos socioculturais. Também está de acordo com Grof (2000), Pargament (2007) e Safra (2008) no que se refere à não necessidade de praticar alguma religião institucional para a vivência da espiritualidade. O depoimento de Helena não está de acordo com eles quando concebem a espiritualidade como uma experiência mística pessoal, como em Grof (2000), uma busca do sagrado, como em Pargament (2007), e um sair de si em direção a um sentido último, como entende Safra (2008), já que para os pais de Helena a espiritualidade está relacionada com a experiência do viver corretamente, isto é, “a pessoa tem uma proteção natural quando faz as coisas que são certas. Não precisava ir à igreja, ao centro espírita, em nada”(sic).

Para Gyatso (2000) a espiritualidade está relacionada com as qualidades do espírito humano: amor, compaixão, tolerância, exercício do perdão, contentamento, noção de responsabilidade e noção de harmonia, que trazem transformação e felicidade tanto para si mesmo como para os outros. Tais qualidades podem ou não ser relacionadas com a fé religiosa, podendo ser altamente desenvolvidas sem estar atreladas a qualquer sistema religioso ou metafísico.

Para Boff (1993; 2001) a espiritualidade relaciona-se com a experiência da realidade como um todo ao qual pertencemos; desenvolvê-la é desenvolver a capacidade de contemplação e escuta das mensagens e dos valores que estão no mundo ao nosso redor e viver segundo a dinâmica profunda da vida. Existe um lado exterior a nós, que diz respeito à convivência com o outro, à sociedade e à natureza,

produzindo solidariedade e respeito à diversidade. Também existe um lado interior, que se manifesta no diálogo com o eu profundo, no mistério que pode ser também chamado de Deus, mediante a busca do si mesmo. A espiritualidade favorece, em um processo dinâmico, a construção da pessoa integral e integrada no mundo que a cerca. Ritos, celebrações, doutrinas e dogmas religiosos são caminhos institucionais que podem ajudar a viver a espiritualidade.

Pinto (2009) considera que a espiritualidade está presente na possibilidade de hierarquização dos valores, nas decisões, nas reflexões sobre a existência e na necessidade do ser humano de buscar um sentido para sua vida. Esse autor compartilha da noção de que podem existir experiências espirituais sem conotação religiosa, sendo que a religião é uma das maneiras, mas não a única, de cultivar e manifestar a espiritualidade.

4.2. Formação em Psicologia: motivação, conteúdos curriculares, procura de complementação

4.2.1. Motivação

Helena:

Creio que vocação. Desde que me lembro, já na época do antigo ginásio, por volta dos 12, 13 anos de idade, já me interessava por assuntos ligados ao funcionamento da Psique humana. Procurava-os em livros, filmes, artigos em jornais, revistas, enfim onde pudesse encontrá-los.

Telma:

Como adolescente contestadora da tradição, recusei-me a seguir o caminho trilhado por minhas irmãs, de cursar o chamado “Normal” para ser professora primária e/ou cursar alguma faculdade de “Filosofia, Ciências e Letras” da região e ensinar no ginásio e no colégio (hoje os ensinamentos fundamental e médio). A vocação para um estudo mais aprofundado das Humanidades se evidenciava. O desejo vocacional foi fazer faculdade de Psicologia e/ou Comunicações e Artes, cursos raros no interior paulista da época. O desejo foi acolhido, aceito e satisfeito por meus pais (...). Então cheguei de mudança à capital paulista com o objetivo principal de estudar (...). Prestei vestibular para Psicologia e Comunicações e Artes, passando em ambos. A vida anímica sobrepujou a artística: escolhi cursar Psicologia.

Helena lembrou-se que desde o início de sua adolescência interessava-se por temas psicológicos, procurando-os em livros, filmes, revistas e outros meios. Reconheceu nessa procura uma vocação e atribuiu sua motivação para cursar Psicologia a ela, não apresentando outra possibilidade vocacional.

No meu caso a vocação apareceu na adolescência e de uma maneira mais sutil, manifestada em uma tendência para as humanidades em geral, que foi afunilando-se para a Psicologia e para as Comunicações e Artes, para consolidar-se na Psicologia somente na época de efetivar a matrícula em um desses dois cursos.

Cada uma ao seu modo, Helena de maneira mais assertiva e eu de maneira gradual, escolhemos a profissão de psicólogas por vocação. Atendemos ao chamamento interior de nosso ser em direção à autorrealização, conforme Mattos (2008) ao estudar a orientação vocacional da perspectiva transpessoal.

4.2.2.Conteúdos Curriculares

Helena:

Embora me interessasse muitíssimo pelas disciplinas da grade curricular, sentia que havia algo a mais, a que não estávamos tendo acesso. Então formamos um grupo de alunos para reivindicar da direção da faculdade palestras e mesmo cursos que pudessem completar a grade. Conseguimos alguns bastante interessantes, como, por exemplo, Genética do Comportamento. Entretanto, como quase nada conhecíamos, não sabíamos nem bem o que solicitar da direção.

Telma:

Na faculdade, após cursar o semestre básico para todos os cursos, a cada novo semestre eu esperava encontrar matérias relacionadas com as Teorias da Personalidade na grade curricular. Como a faculdade demorou um pouco mais para apresentá-las, alguns alunos interessados em estudar Freud e a Psicanálise formaram um grupo de estudo. Durante os anos do curso de graduação, o desejo de conhecimento levou-me a exercer monitorias em Psicologia Social.

No que se refere a esse quesito, tanto Helena quanto eu desejávamos conhecer ainda mais do que a grade curricular da faculdade oferecia a cada semestre cursado.

Helena, de maneira ativa e participativa, engajou-se em um grupo estudantil para reivindicar da direção da escola a complementação de outros conteúdos curriculares aos já existentes. O grupo conseguiu o que reivindicava, mas ela reconheceu a inexperiência do mesmo sobre o conteúdo das reivindicações.

Como naquela época a minha verve ativista começara a aquietar-se, eu procurei compensar a deficiência da grade curricular fazendo monitorias dentro da faculdade e buscando complementação fora dela.

4. 2.3. A procura pela complementação

Helena:

Então, começamos a contatar profissionais fora da faculdade. Desses contatos veio a oportunidade de formarmos grupos de estudos. Fizemos vários deles, sobre Gestalt terapia, sobre Jung, sobre Rogers, mas o que mais me interessou foi sobre Psicanálise. Achei fascinante! Creio que integrei esse grupo por aproximadamente quatro anos. Lia tudo que pudesse e fazia terapia na abordagem. Seguiu esse caminho quando tivemos conhecimento de que haveria um grupo de formação em Somaterapia. Fiquei muito interessada, pois pela primeira vez iria estudar uma abordagem que levaria em conta o corpo. E lá fomos nós fazer esse curso. Acontece que Roberto Freire, o criador da Somaterapia, havia sido psicanalista e se tornara um crítico da abordagem. Por essa razão não era bem visto pelos psicanalistas, inclusive por aquele que era o orientador e o terapeuta do nosso grupo, o Dr. Carlos Rosário Briganti. Quando comuniquei minha intenção de fazer a formação com o Dr. Roberto Freire, fui informada por ele, de que teria que escolher. Embora não tivesse intenção de abandonar o grupo de Psicanálise, inclusive porque iríamos iniciar o treinamento técnico de atendimento, estudos de caso etc., também não queria perder a oportunidade de estudar e vivenciar outra abordagem. Queria conhecer outras formas de psicoterapia. Mas, como a condição foi assim posta, optei pelo grupo da Somaterapia. Jamais me arrependi da escolha. Descortinou-se um universo absolutamente amplo, no qual era levado em conta a somatização dos bloqueios oriundos dos conflitos emocionais e a influência da cultura nesses bloqueios e tantos outros aspectos que jamais sonhara. Pude conhecer psicoterapia numa dimensão ampla, potente, apaixonante. Então mergulhei no estudo de Reich.

Telma:

Alguns alunos interessados em estudar Freud e a Psicanálise formaram um grupo de estudos sob a orientação do psiquiatra, então psicanalista não ortodoxo (pois não pertencia a Sociedade de Psicanálise) Carlos R. Briganti. Participar deste grupo durante anos possibilitou-me tomar gosto pela psicanálise de Freud. Durante os anos do curso de graduação, o desejo de conhecimento levou-me a exercer monitorias em Psicologia Social e a participar de congressos, conferências e palestras das mais variadas vertentes em Psicologia, mas com o denominador comum da orientação

psicodinâmica. Um desses encontros, de característica vivencial, permanece em minha memória pela intensidade das experiências que proporcionou. Tinha o nome de “Curso de Antipsicoterapia” e era coordenado pelo médico e escritor Roberto Freire, com participação dos atores Miriam Muniz e Silvio Zilber. Alunos de turmas anteriores à minha auxiliavam como monitores. Foram meses de intensas vivências emocionais em grupo, permeadas por suporte e orientações psicoterapêuticas, permitindo aos alunos participantes o aprendizado de como lidar tanto com os próprios conteúdos internos quanto com o de seus colegas. Por meio dessas vivências, entrei em contato com técnicas de abordagens corporais, psicodramáticas e gestálticas, entre outras.

A ampliação dos conteúdos curriculares para Helena e o exercício de monitoria para mim não foram suficientes para satisfazer nossa sede de conhecimentos diante da diversidade de vertentes psicológicas existentes e de nosso entusiasmo juvenil. Procuramos a complementação de nossos anseios fora da faculdade, em grupos de estudos, congressos, palestras e cursos sobre as várias abordagens psicológicas.

Para Helena e para mim tiveram significativa importância na época as mesmas entre as várias atividades: o grupo de estudos de Psicanálise de Carlos Briganti e o curso de Roberto Freire, que deu origem ao que ele denominou de Somaterapia. Os motivos se aproximaram, pois o grupo de estudos de Psicanálise foi uma das primeiras atividades extramuros da escola, e depois de alguns anos estudando-a queríamos estudar outras abordagens, sendo que a nascente Somaterapia reunia em seu bojo várias delas.

Para Helena essa transição envolveu a necessidade de uma escolha entre as duas atividades, sugerida pelo coordenador do grupo de estudo de Psicanálise a que ela continuava pertencendo e eu não, pois na época Carlos Briganti havia se tornado meu psicoterapeuta. Essa escolha possibilitou a Helena uma vivência psicoterapêutica mais ampla e o início de seu percurso nas abordagens corporais.

Com relação a esse eixo como um todo existe muita proximidade entre o que conta Helena e o que conto eu mesma. Ambas escolhemos cursar Psicologia por vocação, queríamos mais conhecimentos do que a grade curricular do curso oferecia e buscamos complementá-la com atividades extracurriculares. Pertencemos à mesma geração e os relatos mostram que até terminamos a graduação tínhamos interesses semelhantes para o nosso desenvolvimento profissional. Pertencíamos ao mesmo grupo de estudos de Psicanálise e em momentos diferentes fizemos o

mesmo curso com Roberto Freire, que possibilitou a criação da Somaterapia. Helena se engajou por um tempo nesta abordagem e depois se encaminhou à reichiana, enquanto eu retornei ao estudo de Freud.

4.3. Trajetória profissional: cursos de formação e experiência clínica

Helena:

Sou formada desde Julho de 1977. (...). Estudei e fiz terapia com Dr. Roberto Freire.(...) a Somaterapia é abrangente, transcende a psicologia, entendia como um desafio estimulante.(...). A Somaterapia é uma proposta de educação social, pois o ser humano está inserido num contexto social (...).Roberto Freire enfatizou a pessoa como representante de seu meio sociocultural, indo além do conflito subjetivo. (...) a Somaterapia transcende a psicologia, porque também engloba sociologia por exemplo.(...). Um dos pilares da Somaterapia é o entendimento de Cooper e de Laing, que a doença mental é produto do contexto familiar, emerge dele.(...). Roberto Freire entende, como Reich, que a família é representante da sociedade. A Somaterapia também usa princípios da Gestalt de Perls em termos de trabalhar com a experiência. (...). A terapia era desafiadora. (...). Fiquei um pouco assustada, pois ele atendia muitos pacientes considerados esquizofrênicos e os tratava na abordagem da antipsiquiatria. Colocava toda a família do paciente em terapia. Eu tentava aprender, mas percebia que (...) não possuía experiência de vida suficiente para entender a dinâmica de um divórcio, de ter filhos drogados, da velhice, de perseguidos pela ditadura militar etc. E pela primeira vez percebi que psicoterapia não se faz apenas com teoria e conhecimento técnico, mas com maturidade e experiência clínica que só vem mesmo com o tempo e a terapia pessoal. (...). Não era suficiente apenas estudar. Tinha que viver minhas experiências pessoais, elaborá-las para amadurecer. (...) me despedi desse excepcional terapeuta e formador. Levei na bagagem, entretanto uma enorme vontade de aprofundar-me na obra de Wilhelm Reich, o que o fiz pelos próximos trinta anos.(...) Reich tem três fases de trabalho. Uma (...) que é a Análise do Caráter, isto é, caráter como padrão de funcionamento, depois ele desenvolveu a Vegetoterapia, porque ele entendeu que esse processo de funcionamento tinha um respaldo no corpo, por isso chama vegetoterapia. Aí entra o corpo no trabalho. A Orgonomia é terceira fase do trabalho de Reich, na qual ele foi para o campo da energia, descobrindo a energia orgone, e percebeu que é o mesmo princípio de funcionamento desde a ameba até as galáxias, quando ele criou o acumulador de orgônio, foi quando foi perseguido, preso e acabou morrendo. (...). Recebi um convite de um colega para conhecer a Psicodança de Rolando Toro, hoje chamada de Biodança. De novo me fascinava o movimento, o trabalho com o corpo. Fiz o curso e a formação. Tornei-me professora titular, o que me permitia inclusive formar novos professores. Atuei na reabilitação psicofísica de pacientes que tiveram câncer de mama, num programa do Hospital Oswaldo Cruz. Entretanto, como a Biodança trabalhava apenas com o lado saudável, sentia que a abordagem não permitia um aprofundamento terapêutico. Então levei isso ao professor Rolando Toro, que após muito relutar permitiu que esse conteúdo fosse sim trabalhado, embora a ênfase permanecesse sendo na promoção dos aspectos, por ele chamados, de luminosos. Foi então que ele criou o Projeto Minotauro – vivência que permite experienciar nossas sombras, com o objetivo do aluno vivenciar

suas emoções desagradáveis. (...). Então ela tinha na época uma postura meio ateia.

Telma:

Meados de 1977: conclusão do curso de graduação em Psicologia. (...). Fui aprovada na seleção e matriculei-me para o “Curso de Especialização em Psicoterapia de Adolescentes e Adultos”, de abordagem psicanalítica, promovido pelo Núcleo de Estudos em Psicologia e Psiquiatria (NEPP). (...). Foram dois anos de disciplina para o estudo, que se constituía em dois encontros semanais para aulas e discussões de textos, leituras e resumo escrito das mesmas, especialmente da obra de Freud; no segundo ano promoveu-se a iniciação à prática clínica supervisionada, sob a ótica da Psicanálise. Agregava-se também às aulas, participação em palestras, congressos, fóruns, painéis e outros. Considero ter sido uma época de efervescência intelectual no ambiente “psi” que eu frequentava, pois participei desses congressos e assembléias, expoentes nacionais e internacionais como Ronald Laing e Franco Basaglia, entre outros (...). Alguns colegas e eu nos organizamos para montarmos juntos nossos consultórios. (...). Permaneci com este grupo até 1992 (...). Entre 1980 e 1981 participei de um grupo de estudo sobre a psicanálise de Jacques Lacan, sob a coordenação do psicanalista Jorge de Figueiredo Forbes (...). Fiz parte também de um grupo de estudo de Filosofia, sob coordenação do professor Renato Mezan. Entre 1981 e 1982 participei de um curso sobre “Análise de Grupo”, coordenado por Briganti (...). Neste curso, encontrei colegas psicólogos e psiquiatras que compartilhavam a ideia de exercer uma prática clínica mais socializada e nossas relações possibilitaram a fundação do CESAP (Centro Social de Atendimento em Psicoterapia) do qual fiz parte até 1986. Em 1983 atuei como psicóloga substituta dos Serviços de Psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e entre 1983/1984, exerci atividade docente (...) do curso de Psicologia (...). Concomitantemente (...) mantive-me sob supervisão clínica e em processo psicoterapêutico até 1992. As abordagens experimentadas até então foram: orientação psicanalítica (com Carlos R. Briganti), bioenergética (com Theda Basso e Briganti) e psicanálise (com Sérgio Bettarello). (...) visão de mundo que eu tinha até então, materialista agnóstica (...).

Elegi esse eixo para demonstrar a formação psicológica consistente e a ampla experiência clínica que Helena e eu fomos conquistando ao longo de nossas vidas. Embora continuássemos dentro da vertente psicodinâmica, nossos caminhos dentro da Psicologia tomaram rumos diversos a partir do término da graduação.

Helena seguiu em frente nas abordagens mais corporais, detendo-se na Somaterapia por algum tempo, passando pelo estudo e pela prática da Psicodança, de Rolando Toro, rebatizada como Biodança, e depois se aprofundando no estudo da obra reichiana para se dedicar mais ao trabalho na abordagem da Orgonomia. Pela maneira como ela contou sua história percebi que, após sua graduação em Psicologia, seus estudos nessa área foram acontecendo em decorrência de sua prática clínica.

Ainda muito jovem Helena iniciou sua prática psicológica pela Somaterapia, que segundo ela vai além da Psicologia, abarcando aspectos sociais, políticos e educacionais, entre outros, e tratando de casos difíceis e densos, que exigiam mais do que conhecimentos teóricos e técnicos: exigiam uma experiência de vida que ela ainda não tinha na época, o que a levou a não seguir mais esse caminho. A Somaterapia deu a ela uma visão mais ampla do que imaginava que podiam ser o processo e o contexto psicoterapêutico e a instigou a estudar um dos seus pilares: a obra e a abordagem reichiana em suas três fases, a Análise do Caráter, a Vegetoterapia e a Orgonomia. Foi na terceira dessas fases que ela se encontrou: continuou a estudando e praticando ao longo de sua vida profissional.

Após se interessar pela Biodança, Helena estudou-a, praticou-a e habilitou-se para a formação de facilitadores. A Biodança foi desenvolvida na década de 1960 pelo psicólogo chileno Rolando Toro, que a definia como

(...) um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originais da vida. A sua metodologia consiste em induzir vivências integradoras por meio da música, do canto, do movimento e de situações de encontro em grupo (TORO, 2002, *apud* REIS, 2009, p.72).

Nesta modalidade de trabalho, Helena acompanhou pacientes com câncer de mama em reabilitação psicofísica. Considerou que esse trabalho não permitia um aprofundamento maior, pois trabalhava apenas com o lado saudável das pessoas. Empenhou-se com Rolando Toro para também trabalhar o lado sombrio humano. Para isso ele criou o Projeto Minotauro, que é uma vivência na qual a pessoa experimenta suas emoções desagradáveis. Como queria que a ênfase continuasse no lado humano luminoso, Toro inseriu esse projeto no sistema Biodança.

Levando em conta que o desenvolvimento da experiência teórico-prática de Helena dentro do campo psicológico se deu do final dos anos de 1970 para o início da década de 1980, suas escolhas nessa área podem ser consideradas vanguardistas para a época.

Eu, por minha vez, decidi retornar ao estudo de Freud e da Psicanálise de uma forma oficial, fazendo um curso de especialização de orientação psicanalítica e me dedicando à prática clínica psicológica dentro dessa abordagem, fazendo

incursões na perspectiva lacaniana e estudando um pouco de Filosofia e psicoterapia de grupo. Experimentei também um pouco da abordagem corporal por meio da terapia bioenergética e de cursos vivenciais, mas na prática exercia mais a orientação psicanalítica. O movimento que realizei a partir da graduação foi o de um retorno à origem, a psicanálise de Freud. No entanto, a instituição que escolhi para a minha formação, o NEPP, fazia parte de uma vertente revolucionária dentro do conservadorismo psicanalítico.

No Brasil, de meados da década de 1970, com o início da abertura política do regime militar, aos primeiros anos da década de 1980, houve um período marcado por movimentos revolucionários em várias áreas, e a Psicanálise foi uma delas. Vários psicanalistas argentinos engajados politicamente em sua terra chegaram aqui como fugitivos do regime militar existente em seu país de origem. Aqui se instalaram e, em conjunto com os psicanalistas brasileiros descontentes com o conservadorismo da Psicanálise brasileira da época, começaram um movimento renovador dentro da mesma. O NEPP pertencia a esse movimento psicanalítico revolucionário e eu, estudando nessa instituição, aprofundei os conhecimentos dentro da perspectiva psicanalítica, com uma visão de mundo de enfoque socialista.

Helena e eu nos dedicamos com seriedade e profundidade aos estudos e às atividades necessárias para exercer a prática psicológica de maneira responsável, ética e consistente. Escolhemos a profissão por vocação e quisemos exercê-la da melhor forma que nos fosse possível. No entanto, até ali ainda estávamos dentro de uma visão de mundo agnóstica e racionalista, que foi questionada pelos acontecimentos que a vida nos proporcionou: este é o tema do eixo seguinte.

4.4. A integração da dimensão espiritual ao atendimento clínico

4.4.1. Motivos

Helena:

(...) percebeu que a dimensão espiritual no início não existia, isto é, acreditava em Deus, via e escutava coisas, mas isso era uma coisa só dela, caminhava paralelamente à Psicologia. (...). Desde o início da minha

atuação clínica, trabalhava para chegar à origem dos bloqueios emocionais. Sempre trabalhei, portanto, com regressão (...) na abordagem reichiana, (...) no máximo até o nascimento. (...). Então, quando o paciente chegava, pedia para ele se acomodar, relaxar e pensar na origem do seu conflito, ele ia situando em uma ocasião, depois pedia para retroceder no tempo até ficar certa da origem do conflito. (...). Aconteceu que alguns dos pacientes, quando iam buscar as causas dos seus conflitos, narravam situações que não pareciam fazer parte do universo atual. (...). Um exemplo que foi a primeira vez que aconteceu. Tinha uma paciente que teve uma mãe muito violenta; tinha muitos sintomas corporais, sofria de muitas dores, principalmente uma dor de cabeça intensa. Então, trabalhando com ela (...) procurando a origem da dor de cabeça, a paciente em regressão como sempre trabalhava, chegou a uma cena em que estava deitada sendo torturada por meio de um instrumento que lhe apertava a cabeça. Pela cena de tortura e pela descrição do local, do instrumento de tortura, das pessoas, suas vestimentas, puderam perceber que não se tratava dessa época atual. Lembra-se que a paciente passou a falar em Alemão, e ela pedia para falar em Português, para que pudesse compreender, (...) assim ia acontecendo a sessão. Na ocasião ela não fazia ideia que esse tipo de conteúdo pudesse aparecer. Ficou surpresa, e até um pouco assustada, mas continuou trabalhando do mesmo modo que estava acostumada, com base em Reich e na orgonomia. Percebeu que após essas sessões regressivas de conteúdos surpreendentes para ela, os sintomas da paciente atenuaram, não foram eliminados, mas atenuaram bastante. Para ela ficou a explicação que o inconsciente da pessoa achou esse modo de se expressar e conseguiu desbloquear a energia cristalizada no sintoma. Com (...) o tempo foi aumentando o número de pacientes que apresentavam em suas regressões conteúdos que pareciam não ser da época atual, pelas características do que eles falavam. E também se repetia que após essas regressões os sintomas melhoravam. (...) ela ficou bastante angustiada, por que não esperava que isso pudesse acontecer, não tinha na literatura, estava bem agoniada. (...). Considerou que precisava compreender melhor esses casos.(...)quando dava formação em Orgonomia ela tinha que estudar muito. Tinha acesso à literatura reichiana que é muito vasta, e ela antes de procurar pelos conhecimentos espirituais e pela técnica regressiva do Netherton buscou respostas nessa literatura, procurou muito e não encontrou absolutamente nada sobre as regressões a épocas que não eram atuais.(...) na verdade para o paciente nada faltava; ele voltava à origem do bloqueio, revivia a situação, desbloqueava a emoção e reelaborava o aprendizado. A questão era com ela mesma. Ficava se questionando: “Então existem vidas passadas? Seria possível resolver na vida atual conflitos originados nessas outras vidas? A consciência é imortal?” (...). A única abordagem que ouvia falar que poderia explicar essas regressões era a Bioenergética, que surgiu de Lowen (Alexander) e Pierrakos (John), mas que ela não queria buscar porque não concordava com a descarga energética, o princípio básico da Bioenergética. (...)procurou uma colega que ela sabia ser espírita e provavelmente poderia ajudá-la sobre o conteúdo dessas regressões.(...) essa colega sabia da vinda ao Brasil de Morris Netherton, psicólogo americano que trabalhava com Terapia de Vivências Passadas (TVP), e junto com ela fez o curso ministrado por ele, assim como a própria terapia. O conhecimento e o aprendizado da forma com que Netherton trabalhava com os conteúdos que pareciam não ser dessa época atual, podendo ser de vidas passadas, a aliviou e fez com que passasse a utilizá-la nesses casos. (...). Foi quando fez um grupo de estudos durante oito meses, que era formado a princípio por oito integrantes e depois por seis. Ela aplicava a técnica aprendida no curso do Netherton e depois discutiam a experiência. Um dos membros do grupo também tinha formação em História e se interessava em checar nos livros, a descrição de roupas e objetos descritos, datas, locais etc. (...) ele pesquisava e encontrava.

Telma:

De 1992 a 1997, minha atuação em psicologia foi deixada em segundo plano(...). Essa mudança de foco estava latente desde meados de 1989, por ocasião da morte repentina de meu pai, com suas consequências afetivas e patrimoniais. Essa perda tornou-se um marco na minha trajetória de vida. Além do aspecto afetivo, outros foram relevantes. Um deles, o da experiência espontânea de possível premonição, influenciou especialmente a mudança na visão de mundo que eu tinha até então, materialista agnóstica, para a que passei a ter, espiritualista convicta. Sendo esta fase o marco de um processo de transformação pessoal, faz-se necessário um relato mais aprofundado. Meu pai era enérgico, mas próximo, muito cuidadoso e amoroso com as filhas, do mesmo modo era como avô para com os netos. Para com seus descendentes exercia autoridade sem autoritarismo (...). Pessoalmente, lembro-me que desde criança pequena estive sempre muito ligada a ele (...). Havíamos estabelecido durante a vida um forte elo afetivo. Talvez por ser a filha mais nova, fui sempre considerada pelas minhas irmãs como “a filha querida” de meus pais. Dito isso, passemos à fase marcante propriamente dita. Próximo ao final de 1988, por causa de uma crise de ansiedade, eu havia retomado a terapia, agora um processo psicanalítico. No transcorrer deste, começaram a surgir espontaneamente em minha mente imagens e impressões que ocorriam nas mais variadas situações cotidianas: fazendo compras, lendo, dirigindo etc. Tinham conteúdo de dois tipos: na imagem mais intensa e frequente, eu tinha a impressão de segurar um revólver prateado encostado na minha cabeça, ou seja, eu via e sentia mentalmente essa situação. Na outra, que geralmente ocorria enquanto eu dirigia um automóvel, surgia a imagem de que eu perdia o controle do mesmo e colidia com um obstáculo estático (muro, parede, poste), nunca com outro carro. A frequência e a intensidade destas imagens mentais foram aumentando, assim como o desconforto que produziam em mim, a ponto de comentá-las com uma amiga muito próxima e também serem temas de sessões analíticas, nas quais eram trabalhadas como irrupções de meus próprios conteúdos autodestrutivos inconscientes, contudo não me recordo das interpretações literalmente realizadas. Aproximadamente na mesma época que eu tinha essas impressões relatadas, de maneira ainda não externamente perceptível, meu pai estava novamente desenvolvendo uma grave crise depressiva, que em um processo escalonado o levou à melancolia, isolamento, apatia e embora houvesse voluntariamente procurado ajuda psiquiátrica e estivesse medicado, infelizmente, em meados de 1989 culminou em suicídio (sem deixar motivos escritos) com um tiro na nuca proveniente de um revólver prateado, reproduzindo na realidade a imagem que surgia em minha mente. Quando isso aconteceu eu estava em São Paulo e meus pais estavam no interior. Eu trabalhava no consultório quando, ao saberem, uma das colegas inicialmente me levou para casa e lá, junto com as outras, elas me falaram que o meu pai estava passando muito mal, sem dizer o porquê, e que eu teria de viajar imediatamente. Ao saber disso telefonei para a casa da minha irmã e a funcionária dela me contou o que de fato havia acontecido; nesse momento voltou a minha mente a imagem do revólver em minha nuca e murmurei “eu sabia”! Foram estes acontecimentos que na época considerei experiência de possível premonição, mas que hoje também poderia chamar de “captação energética”, de “comunicação de inconsciente para inconsciente”, entre outras expressões semelhantes. (...) ela foi o agente transformador do meu modo de como perceber a vida e o mundo ao redor. Estava em processo psicanalítico e na vertente psicanalítica que conhecia e praticava, o que era levado em consideração era a tradicional, também verdadeira, mas incompleta interpretação freudiana em relação à religião, como substituta para o adulto da onipotência dos pais para a criança. (...). Além do mais, a pessoa em relação a quem tive a experiência de possível

premonição era concretamente meu pai, ou seja, a própria figura paterna! Óbvio demais? Para mim não foi. As interpretações psicanalíticas possíveis naquele momento não me satisfizeram plenamente como respostas. A partir daqueles acontecimentos, passei por um período de questionamentos, retomada de questões religiosas, interesse pelas religiões que admitiam a existência da reencarnação, estudos e pesquisas pessoais sobre a vida após esta vida. (...). Constatei que a experiência que tive de uma possível premonição sobre a morte do meu pai significou para mim uma experiência transformativa em nível pessoal, tendo como consequência uma mudança paradigmática em nível profissional.

Para Helena até então a espiritualidade e a Psicologia eram campos paralelos. A experiência que a levou procurar a dimensão espiritual aconteceu no *setting* terapêutico, no exercício da prática psicológica clínica, não intencional e indiretamente, por meio da vivência regressiva de pacientes às supostas vidas passada. Trata-se de uma das emergências espirituais relatadas por Grof (1995; 2000), que a ela se refere assim:

Dentre as mais dramáticas e coloridas experiências transpessoais (...) encontra-se o que parecem ser memórias de encarnações anteriores, que são sequências acontecidas em outros períodos históricos e em outros países que costumam estar associadas a fortes emoções e sensações físicas. Elas geralmente retratam em detalhe as pessoas, circunstâncias e locais históricos em questão. Seu aspecto mais notável é uma sensação convincente de lembrar-se ou reviver algo que já se viu (*dejà vu*) ou que já aconteceu (*dejà vecu*) em algum momento do passado. (GROF, 2000, p.160).

Ainda que não tenha sido ela própria a vivenciar essas lembranças de supostas outras vidas, o aumento da frequência desses conteúdos nas sessões terapêuticas de vários pacientes fez com que essa experiência se tornasse impactante e transformadora para Helena. Mesmo que para seus clientes isso não mudasse muito, pois continuava trabalhando com eles da mesma maneira, ela sentia-se angustiada e começou questionar-se a respeito da imortalidade da consciência e da possibilidade da existência da reencarnação. Diante daquilo, Helena buscou sem sucesso respostas em sua abordagem reichiana, a Orgonomia, hoje aceita, mas pela qual Reich, seu criador, no contexto histórico em que vivia, foi perseguido e levado à prisão, na qual faleceu. Procurou então por uma colega que sabia ser da religião espírita kardecista, que tem na reencarnação um pressuposto, e por intermédio dela fez terapia e um curso com Morris Netherton, um dos pioneiros e principais autores da TVP e da TR, sobre como compreender e trabalhar com

esses conteúdos. Participar do curso e fazer terapia nessa modalidade trouxe para Helena o alívio de sua angústia e respostas para seus questionamentos pessoais e profissionais. Ela organizou um grupo de estudos para o aprofundamento no assunto e para praticar essa forma de terapia. Daí em diante, quando essas supostas lembranças de outras vidas surgiam, trabalhava com a TVP.

Para Netherton (1986; 1997) a Terapia de Vida Passada (TVP)³⁴ é um trabalho psicológico que aborda os aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais da pessoa, tendo o pressuposto da reencarnação como um fato e não sendo seu objetivo provar esse fato. Por considerar-se um psicólogo clínico, e não um pesquisador, seu compromisso é com o seu cliente e com o modo de assisti-lo de maneira eficaz. Para esse autor, como outras psicoterapias, a TR admite a existência de um inconsciente na mente humana, o qual segundo ele funciona como um gravador, conservando as percepções de tudo o que foi vivido e que ao ser acionado reaviva memórias que podem se estender para além dessa existência. Os pacientes querem compreender e resolver problemas que os afligem no presente: por isso revivem cenas de vidas pregressas. No que se refere ao seu trabalho, o sucesso do tratamento não depende da crença ou do ceticismo do paciente na reencarnação. Seu compromisso é com o bem estar de quem o procura: por isso, ele não toma partido nessa questão, apesar de pessoalmente estar convicto da ocorrência da reencarnação. A veracidade do que o paciente descreve em sessões se apoia nas evidências que o próprio paciente fornece em termos de emoção, época, local, condições e linguagem envolvendo a suposta vida pregressa. Esses detalhes são importantes para que a pessoa reviva detalhada e completamente as situações traumáticas, de modo a desligar-se delas. Netherton argumenta que essa ideia não é original, pois Freud a usava; a diferença está que, em seu trabalho, Netherton considera estar retrocedendo às raízes da existência humana. Para ele sua tarefa como psicoterapeuta consiste em guiar o paciente na busca das ligações entre o presente e o passado, de modo a não deixar que o segundo tome o controle da vida da pessoa.

Carvalho e Godoy (2002) relatam que Netherton, ao submeter-se à psicoterapia, contou para sua terapeuta um sonho recorrente no qual estava em um navio naufragando. Em uma sessão de regressão soube o nome desse navio e o

³⁴ Terapia da Regressão (TR), conforme também é chamada na atualidade.

seu próprio nome naquela época, tendo revivido sua morte no naufrágio. Pesquisou sobre naufrágios nos Estados Unidos e encontrou o nome do navio naufragado em sua regressão. A partir dali resolveu aprofundar-se nos estudos da regressão, desenvolvendo uma maneira própria de trabalhar com TR na qual se utiliza de diversas abordagens psicológicas, como a análise transacional, a bioenergética e a gestáltica, entre outras.

Essa experiência, vivida pelo próprio Netherton, um dos pioneiros da TR, e pelos pacientes que surpreenderam Helena no seu trabalho terapêutico, está de acordo com o que descreve Grof (1995; 2000) a respeito de lembranças de vidas passadas como uma experiência transpessoal. Tanto Netherton, por experiência própria, quanto Helena, provocada pelas vivências de seus pacientes, passaram a estudar mais profundamente as memórias de vidas pregressas e agregaram esses conhecimentos, que também são espirituais, às suas práticas clínicas psicológicas.

No meu caso a experiência determinante aconteceu fora do *setting* terapêutico, e de forma direta, já que fui eu mesma quem a vivenciou. Na vertente psicanalítica que eu vivenciava e praticava, a resposta que conheci considerava os aspectos místicos e religiosos como ilusões, como aspectos defensivos dos adultos diante do desamparo e da impotência (FREUD, 1933/1976) ou, no caso, diante da finitude, e esta interpretação, naquele momento, se mostrou insuficiente para mim.

Só depois, quando estudei sobre as relações entre a TR e a Psicanálise (BENEDUZZI *et* LUEDI, 2002), é que encontrei na obra freudiana três textos (FREUD, 1941; 1922; 1933/1976) que discorriam sobre o que foi chamado por ele de ocultismo, que seriam fenômenos de transmissão de pensamento, telepatia e sonhos telepáticos. O primeiro deles só foi publicado após a sua morte. No último Freud (1933/1976, pp. 72-73) escreveu:

(...) aqui estou apenas tratando esses problemas na medida em que é possível abordá-los do ponto de vista da psicanálise. Quando, pela primeira vez, eles ficaram ao alcance de minha visão, há mais de dez anos, eu também senti o receio de uma ameaça contra nossa *Weltanschauung* científica (...). Atualmente, penso de modo diverso. Em minha opinião não mostra grande confiança na ciência quem não pensa ser possível utilizar tudo aquilo que talvez possa se revelar verdadeiro nas assertivas dos ocultistas (...) especialmente no que diz respeito à transmissão de pensamento, ela parece realmente favorecer a extensão do modo científico (...) de pensamento aos fenômenos mentais que são tão difíceis de apreender. Supõe-se que o processo telepático consiste num ato mental

que se realiza numa pessoa e faz surgir o mesmo ato mental em uma outra pessoa. Aquilo que se situa entre esses dois atos mentais facilmente pode ser um processo físico, no qual o processo mental é transformado, em um dos extremos, e que é reconvertido, mais uma vez, no mesmo processo mental no outro extremo. A analogia com outras transformações, tal como ocorre no falar e no ouvir por telefone seria então, inequívoca. (...) Se existe telepatia como processo real, podemos suspeitar que, apesar de tão difícil de demonstrar, seja um fenômeno bastante comum.

Da maneira como pude entender, a leitura desse trecho mostra que, mesmo admitindo a possibilidade da transmissão de pensamento ou de processo telepático, Freud a contextualizou dentro da racionalidade científico-mecanicista, própria do espírito de seu tempo.

Assis (2011) estudou a conexão entre a Psicanálise e a Física, verificando que os escritos de Freud sobre energia psíquica têm encontrado relações com o desenvolvimento das pesquisas desta Ciência durante o século passado e a primeira década do atual.

Na experiência que vivenciei reconheci a transmissão de pensamento de que falava Freud, porém reconheci ainda mais tratar-se de um episódio de crise de abertura psíquica precognitiva, como o define Grof (1995; 2000), em relação ao que meu pai poderia estar sentindo, dada a nossa proximidade afetiva. Para ele essa é também uma emergência espiritual:

Quem apresenta abertura psíquica intensa pode estar tão conectado com os processos internos de outras pessoas que pode exibir habilidades telepáticas notáveis. Pode indiscriminadamente verbalizar *insights* incisivos e corretos da mente de outras pessoas, relativos a várias questões que elas estejam tentando esconder. (...). De forma semelhante, a acertada premonição de situações futuras e a percepção clarividente, principalmente se ocorridas repetidas vezes (...) podem perturbar seriamente a pessoa em crise, assim como aqueles ao seu redor (...). (GROF, 2000, p.159).

Ao menos em intensidade, esse tipo de experiência não voltou a acontecer comigo; no entanto, ao olhar para trás, reconheço que pode ter acontecido em outras ocasiões anteriores à relatada, mas pelo fato de as pessoas envolvidas não serem tão próximas a repercussão não teve tanta importância, já que eu encontrei naturalmente outras maneiras de trabalhar com o acontecido.

Em termos de repercussão a experiência aqui relatada foi transformadora tanto pessoal quanto profissionalmente, pois me levou a uma mudança

paradigmática no que se refere à cosmovisão: passei de uma visão de mundo materialista, racionalista e cética para uma convictamente espiritualista, e ainda, reencarnacionista. Esse aspecto transformador, que Helena e eu vivenciamos, tem sido estudado como uma das consequências de experiências místicas e religiosas (JAMES, 1902/1991), além de experiências culminantes e de platô (MASLOW, 1990; SALDANHA, 2006) ou seja, experiências de ampliação da consciência.

James (1902/1991) diferenciou as experiências místicas das outras por conterem quatro características: inefabilidade, qualidade noética, transitoriedade e passividade. As duas primeiras são suficientes para um estado ser considerado místico, mas as duas outras também são em geral encontradas. A inefabilidade refere-se ao fato de esse estado relacionar-se com a experiência direta, pela dificuldade e/ou mesmo pela impossibilidade de ser comunicado pela linguagem intelectual; aproxima-se mais dos sentimentos do que dos pensamentos. A qualidade noética refere-se ao fato de que os estados místicos parecem, a quem os experimentou, estados de profundo conhecimento interior de verdades impossíveis de se apreender pelo intelecto; são significativas revelações e iluminações importantes que permanecem durante a vida dos que as vivenciaram. A transitoriedade refere-se à limitação cronológica dessas experiências, sendo que raramente podem atingir duas horas; são lembradas imperfeitamente, mas logo reconhecidas se repetidas, e a cada ocorrência tornam os sentimentos cada vez melhores e mais importantes. A passividade refere-se ao fato de que, embora possam ser estimuladas por exercícios meditativos, entre outros, quando começam quem passa por elas percebe-se sem controle voluntário sobre elas, que parecem obedecer a uma força superior. Essa característica relaciona-se a discursos proféticos, transe mediúnico e escrita automática. Para o autor os estados místicos não são apenas interrupções na vida comum, existindo sempre uma lembrança de seus conteúdos e um sentido profundo de importância; modificam a vida interior da pessoa que os vivenciou, existindo variados modos de ocorrerem. Variam desde um repentino e profundo *insight* sobre um detalhe cotidiano, como uma lembrança ou uma frase, passando por impressões de “ter estado aqui antes” ou de “já ter passado por isso”, chegando até as experiências relatadas pelos místicos das diversas tradições e/ou denominações religiosas.

As experiências culminantes são agudas, involuntárias e emocionais, de êxtase, enlevo e beatitude, que incluem sentimentos de plena comunhão universal, unicidade, amor e gratidão. A pessoa sente-se em perfeita integração com o meio interior e exterior, com o pensamento e a ação, em um momento de total entrega e harmonia. Incluem deslumbramento, surpresa e perda de localização de espaço e tempo. As experiências platô são respostas calmas e serenas diante do sagrado, do milagroso, do espanto da unicidade; há nelas elementos poéticos e cognitivos, que são raros nas experiências culminantes. As experiências platô tornam-se um cognitivo e sereno prazer ao presenciar e apreciar a unicidade, podendo se expressar em sensações de bem estar e ânimo. Envolvem mudanças de atitudes internas e externas, possibilitando um modo mais duradouro e profundo de ver e viver no mundo (MASLOW, 1990; SALDANHA, 2006).

Em um estudo sobre a experiência de êxtase, Moraes (2002, p.73) argumentou que a sua pesquisa aponta, conforme apontaram outros estudiosos, para o fato de que

(...) o indivíduo modifica sua visão de si e do mundo ao vivenciar e compreender que a realidade não se limita à consciência cotidiana, e trabalha para adequar sua vida e atividades a essa nova abordagem, que lhe propicia uma maior compreensão de sua função no mundo e de seus relacionamentos.

4.4.2. Trajetória

Helena:

(...).Como para ela utilizar a técnica de regressão de Netherton a vivências passadas resolveu sua angústia para compreender o que acontecia nesses casos e como sabia trabalhar com eles, ficou com ela (a técnica) e não sentiu necessidade de procurar outras maneiras de entendimento e trabalho para esses casos.(...).Relatou que encontrou primeiro o psíquico, quando estudou a psicanálise, depois o biopsíquico, quando estudou a Orgonomia, e também o social porque Reich tem uma visão social. O psicológico-espiritual, integrado, veio com a terapia de vidas passadas e com outras buscas que fez. Quando olha um paciente ela o vê de todas essas maneiras, inclusive espiritualmente. (...) essa convicção tem dois motivos: a prática clínica, quando começaram as tais das regressões que pareciam ser de uma época que não a atual. Essas regressões a levaram procurar a terapia de vidas passadas e a fazer grupo de estudo, assim como também começou a frequentar um grupo de estudos do evangelho de Kardec. Dessa

época até hoje lê tudo sobre o assunto o que lhe parece sério. (...). Sério aí quer dizer toda literatura espírita que passa pelo crivo da Federação Espírita do Brasil (FEB), de autores com o próprio Alan Kardec e Divaldo Pereira Franco, por exemplo. Publicações de médiuns aceitas pela Federação Espírita. (...). Quer saber, quer aprender. Ela entende que a passagem aqui pela terra é uma oportunidade de evolução. Exemplificou dizendo que nas outras encarnações passamos por experiências. O objetivo das experiências é adquirir aprendizado. Só que não tem só benefício do aprendizado. Tem o custo do aprendizado. E esse “custo” gera traumas, e gera crenças. (...). Então ela tinha na época uma postura meio ateia. Seu retorno ao contato com a religião e a espiritualidade se deu pelos fenômenos que aconteceram com seus pacientes no consultório. Aí então ela procurou saber mais sobre isso. Começou a tomar passe, estudar a doutrina de Kardec. Helena disse que o que a fascina em Alan Kardec é que ele pesquisou tudo o que escreveu, e registrou, sendo que seu objetivo é a fé raciocinada. É essa racionalidade da espiritualidade que a atrai em Kardec. Além disso, reiterou que frequenta um grupo de estudo sobre a obra dele, sendo que uma vez por mês esse grupo faz um trabalho que é chamado de doutrinação; alguns médiuns recebem as entidades e nessas ocasiões ela vê como as coisas acontecem no plano espiritual. Helena contou estar aprendendo muito participando desse grupo (...).

Telma:

Dessa época em diante passei a frequentar centros espíritas de orientação kardecista e ler algumas obras de Alan Kardec, mas sem me engajar completa e totalmente, pois não participei do curso de doutrina espírita. (...). Em 1997 resolvi procurar uma forma de integrar meu interesse pela dimensão espiritual humana com a prática da Psicologia Clínica. Escolhi iniciar pela Terapia da Regressão (TR). Tomei conhecimento de duas instituições formadas por profissionais médicos e psicólogos e que ministravam curso, e optei por uma delas, a então denominada ABEP-TVP (Associação Brasileira de Estudo e Pesquisa em Terapia de Vivências Passadas). O curso escolhido constava de dois módulos com duração de um semestre cada um. O primeiro era teórico e ao segundo era adicionada prática, sob supervisão. Ao final do módulo teórico, como forma de avaliação, o aluno apresentava um trabalho escrito. Assim fiz. Neste ínterim houve uma ruptura entre os membros que compunham a diretoria da ABEP-TVP; o grupo dissidente formou o Centro de Difusão Científica e Tecnológica - HPG (Hermínia Prado Godoy). Inicialmente por questões de formalidades didáticas, que depois se tornariam identitárias e afetivas, fiquei com a dissidência, concluí o curso e habilitei-me para essa modalidade de atendimento terapêutico. (...). Participar desse curso (...) considero que tenha sido o passo inicial de um processo mais amplo em direção à integração da dimensão espiritual à concepção psicológica estabelecida de ser humano como um ser biopsicossocial.

Helena e eu iniciamos a integração da espiritualidade à prática clínica com a Terapia de Regressão (TR), mesmo tendo trilhado caminhos inversos.

Para compreender o fenômeno de regressão à supostas vidas pregressas vivido por seus pacientes, e assim também responder aos seus questionamentos, provocados por tal ocorrência, Helena buscou auxílio e conheceu a TR por meio de Netherton, um especialista no tema. Depois disso iniciou o seu caminho pelo

universo religioso-espiritual estudando a obra de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, e passou a frequentar esse um grupo dessa doutrina, o que faz até hoje.

A partir da experiência de abertura psíquica considerada transpessoal por Grof (1995; 2000), eu procurei primeiro o caminho do universo religioso espiritual, também por intermédio das obras de Allan Kardec, para depois chegar à TR.

4.5. A integração da espiritualidade no atendimento clínico psicológico na atualidade

Helena:

No começo de seu contato com a TVP e com a leitura dos ensinamentos kardecistas, pendia mais para entender esses tais conteúdos de possíveis vidas passadas como recursos que o inconsciente da pessoa encontrava para sua expressão. Atualmente quase que está totalmente convencida de serem de fato experiências de vidas passadas. O efeito para o paciente é o mesmo e é isso que importa. Como para Helena a ciência ainda não provou nada, prefere, como profissional, ficar com o benefício da dúvida: “no trabalho uma coisa é aplicação técnica, outra é o que eu penso.” Na vida pessoal não tem dúvidas de que a pessoa viverá várias vidas terrenas para evoluir espiritualmente. Considera sua religião o Espiritismo Kardecista e aceita seus princípios. Profissionalmente, porém, como valoriza a atitude científica, prefere ficar com o “benefício da dúvida”. Considera muito a dimensão científica dos acontecimentos, pensa que a vida em si meio forçosamente a levou a trilhar o caminho da espiritualidade, mas ainda precisa de racionalidade para sentir-se segura. A psicologia lhe dá “*grounding*”, chão, segurança. (...). Vale dizer também que, ainda na prática clínica, no trabalho da Orgonomia, na vivência em grupos, o fenômeno também acontece: existe regressão, existem relatos de experiências que parecem ser de outras vidas. Como a proposta dessa terapia é retirar-se do passado e corporificar-se no presente, desenvolvi, através da prática clínica de 35 anos, uma técnica à qual chamo de Organização das Funções do Organismo pelo Movimento, na qual são fortalecidas o que chamo de defesas atuais, para que o organismo possa enfim abrir mão dos padrões defensivos anacronicamente fixados. Então treinamos movimentos que constroem sensação de força, de bem estar, de segurança, de criatividade, de serenidade, de capacidade de auto cura. (...). Ela entende que a passagem aqui pela terra é uma oportunidade de evolução. Exemplificou dizendo que nas outras encarnações passamos por experiências. O objetivo das experiências é adquirir aprendizado. Só que não tem só o benefício do aprendizado. Tem o custo do aprendizado. E esse “custo” gera traumas, e gera crenças. Então, por exemplo, se alguém passou por uma experiência de vida na qual tinha que aprender a importância da autonomia, de parar de depender das outras pessoas, poderá vir numa estrutura familiar onde não possa contar nem com mãe, nem com pai, nem com dinheiro, absolutamente com nada. Esse é um contexto que vai levar obrigatoriamente a desenvolver a autonomia. Só que a pessoa passa por situações de desamor de mãe, de pai, de falta de grana, de humilhação, que deixam traumas. As pessoas acabam ficando presas no trauma, e não no aprendizado. Então, no trabalho dela isso é discutido na terapia, não

necessitando falar que o espírito encarna para evoluir. Só usa essa linguagem quando o paciente é espírita ou espiritualista. Fora disso nem usa essas palavras. Então questiona o paciente: “qual é a função dessa experiência? O que você aprendeu com essa experiência?” Normalmente as pessoas respondem coisas relacionadas ao trauma como, “eu aprendi que não se pode confiar em ninguém”, por exemplo. Sendo assim, a pessoa ainda está presa no trauma. Então ela continua questionando “o que mais, você conseguiu sua autonomia, isso não é bacana? A pessoa diz é isso é legal, mas o desgraçado do meu pai...” e eu falo “e para que serve um pai desse jeito, como seria sua vida se você tivesse um pai protetor?” “Ah eu teria me acomodado”. Ela disse que é um trabalho em que a pessoa vai entendendo para que servem aquelas coisas e ela vai ficando bem, ela vai mudando, vai entrando numa outra sintonia, ela vai entendendo o que aconteceu, e por causa disso ela vai se libertando daquilo, e aí Helena trabalha o corpo, porque aquele aprendizado traumático deixou uma restrição. Enquanto não tirar do corpo esse bloqueio, enquanto não fizer a energia voltar a circular, corre o risco de a estrutura se cristalizar de novo e a pessoa ficar se achando vítima do contexto. É assim que Helena relata como está trabalhando. (...) só diz as palavras “espírito e reencarnação” quando o cliente é espírita ou espiritualista. Tem os clientes que acreditam em Deus, mas tem também os que são ateus. Nesses casos ela usa expressões como “o quê você acha que a vida quer..., por que a natureza criou você?” sem falar “Deus”. Para Helena, com todos pacientes, crentes ou ateus, usando uma linguagem adequada a cada um, seu trabalho é basicamente o mesmo, é sair do trauma e ficar no aprendizado. Este é o centro do seu trabalho. A vida como um aprendizado, como uma evolução, por isso que ela chama de terapia da evolução. (...). Helena tem para si que nós humanos estamos no planeta Terra para evoluirmos espiritualmente. Os bloqueios que temos representam as dificuldades para nossa evolução. A psicoterapia sob essa perspectiva trabalha essas dificuldades em duas etapas: primeiramente busca identificar e conscientizar o paciente dessa dificuldade e como ela atrapalha ou até inviabiliza sua evolução. E num segundo momento busca desenvolver recursos para que essa dificuldade possa ser superada para que enfim a evolução possa ocorrer.

Telma:

No início de 1999 (..) estabeleci consultório (...) onde permaneço até hoje. (...) local que possibilitou ao longo desses anos que construíssemos entre colegas um relacionamento de amizade, solidariedade e respeito. Compartilhamos ideias e trabalhos, sem perdermos de vista a diversidade da formação psicológica inicial de cada um: Cognitivo-Comportamental, Análise Transacional, Jung, Freud e Psiquiatria. O exercício de atividades em grupo convidava ao estudo, à pesquisa e à escrita. Em 2002 escrevi, em parceria com a colega Marisa Luedi, um artigo sobre a psicanálise e a TR no livro **Terapia da Regressão: teoria e técnicas** (...). Trabalhei durante alguns anos com esse grupo, desenvolvendo atividades embasadas numa cosmovisão espiritualista, como grupo de estudos, cursos, palestras, oficinas terapêuticas e psicoterapia individual e de grupo. Hoje o Centro de Difusão e Estudos da Consciência (CDEC) não existe mais, porém o grupo continua suas atividades de estudo e pesquisa sobre a consciência espiritual pelo Grupo de Estudos da Consciência (GEC) sob a coordenação de Herminia Prado Godoy. (...). Com o passar do tempo fui conhecendo e me dedicando ao estudo e à pesquisa da Terapia da Consciência Multidimensional (TCM) desenvolvida por Godoy, que considera o homem como um ser biopsicossocial e espiritual. Para Godoy (2011/2012) a TCM parte do pressuposto de que o ser humano é um espírito que está vivendo a experiência de possuir um corpo físico na terceira dimensão do planeta Terra. O objetivo dessa modalidade de terapia é religar a personalidade ao

espírito, ativando a expansão e o despertar da consciência para as possibilidades multidimensionais, considerando então a noção de processo evolutivo espiritual. Auxilia a pessoa a conquistar autonomia, aprender com as lições proporcionadas pela vida, realizar suas tarefas existenciais e desenvolver a solidariedade, tolerância, compaixão entre outras qualidades espirituais. (...). Depois de algum tempo eu também senti necessidade de um estudo formal, acadêmico, metodologicamente embasado. Considerei a possibilidade de cursar uma pós-graduação *stricto sensu*. (...). Em 2009 busquei as informações necessárias, passei pelo processo seletivo para o segundo semestre e fui aceita como orientanda da Prof^a Dr^a Marília Ancona-Lopez no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP, Núcleo Práticas Clínicas, atual Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, eixo Psicologia e Religião. (...). Encontrei então um objetivo inicial para o trabalho de pesquisa, que era compreender a experiência de psicólogos clínicos que, assim como eu, tinham buscado no universo religioso-espiritual conhecimentos para agregar a suas práticas clínicas.

Pargament (2007) considera que uma espiritualidade bem integrada é definida pelo grau de sincronia existente entre os caminhos e os destinos espirituais, independente de emoção, relacionamento, crença ou prática específica. Em seu melhor a espiritualidade percorre caminhos extensos e profundos e acolhe as situações que a vida apresenta por meio do contexto sociocultural com flexibilidade e continuidade; direciona-se para um destino sagrado, grande o suficiente para abarcar todos os potenciais humanos, sendo bastante iluminada para possibilitar à pessoa uma visão de longo alcance. Em seu pior a espiritualidade é desintegrada, responde com superficialidade aos eventos e aos desafios da vida, entra em conflito com o contexto sociocultural, muda facilmente ou de jeito nenhum, mais desorienta que orienta a pessoa na busca de valores espirituais para a vida.

Como assinalado anteriormente, Helena e eu trilhamos caminhos inversos para iniciarmos o movimento de integração da espiritualidade à prática clínica. Ela começou pela TR e desta dirigiu-se para o universo-religioso espiritual, enquanto eu parti deste para chegar naquela. O que inicialmente parecia ser a chegada a um destino, a TR, tornou-se um novo ponto de partida para uma compreensão mais ampla da dimensão espiritual, considerando-a inerente à condição humana, como as outras dimensões já tradicionalmente aceitas pela Psicologia: a biológica, a social e a psicológica.

Durante os anos seguintes Helena desenvolveu um modo de trabalhar a integração da espiritualidade no seu atendimento psicológico, chegando ao que chamou de terapia da evolução, na qual compreende a vida como um aprendizado,

uma evolução. Para ela os seres humanos habitam o planeta Terra com o propósito de evoluir espiritualmente e os bloqueios existentes na vida de cada um de nós representam as dificuldades evolutivas que enfrentamos. Em sua prática psicoterapêutica ela trabalha tais dificuldades em duas etapas: na primeira procura identificá-las e conscientizar seu paciente de como atrapalham sua evolução e na segunda, junto com ele, busca encontrar e desenvolver recursos para superá-las, para dar continuidade ao fluir evolutivo da vida.

Embora em outro momento Helena tenha dito que as dimensões psicológica e espiritual chegaram-lhe integradas pela TVP, parece haver interiormente resquícios da separação entre elas, entre o pessoal e o profissional, já que ela disse que na vida pessoal não tem dúvidas de que uma pessoa voltará à vida terrena diversas vezes para evoluir espiritualmente, enquanto que profissionalmente valorizou mais a atitude científica do benefício da dúvida: “no trabalho uma coisa é aplicação técnica, outra é o que eu penso” (*sic*). Mesmo que essa atitude seja de cautela, percebi o quão marcante parece ser para Helena a associação do que é Ciência com os princípios científico-positivistas quando falou que prefere ficar com o benefício da dúvida, argumentando que a Ciência não provou nada sobre a espiritualidade, que precisa da racionalidade para sentir-se segura e que a Psicologia, sendo uma Ciência, lhe dá chão.

No meu caso, foi no curso que fiz para me habilitar como terapeuta da regressão que conheci as abordagens transpessoais em Psicologia, as ideias e parte das obras de seus representantes mais importantes na época, como Maslow, Grof e Assagioli, entre outros. Participar de um grupo de psicólogos de várias abordagens psicológicas em busca da integração da espiritualidade na prática clínica possibilitou o exercício da troca de experiências, procurando-se respeitar e valorizar a diversidade de perspectivas e buscando-se praticar a solidariedade, a tolerância e o respeito às singularidades, qualidades que para Gyatso (2000), Boff (1993) e Pinto (2009) estão relacionadas com a espiritualidade. Possibilitou também conhecer, estudar e praticar a Terapia da Consciência Multidimensional (TCM) desenvolvida por Godoy (2012), na qual o homem é compreendido em suas dimensões biológica, psicológica, sociocultural e espiritual. Segundo esta perspectiva ele também é entendido como um ser espiritual vivendo uma experiência humana e terrena e tema possibilidade de acessar conscientemente

suas várias dimensões. O objetivo principal da TCM é religar o espírito à personalidade, ativando a expansão da consciência física de modo a despertar a consciência espiritual. Portanto, por ser um espírito corporificado, uma pessoa traz consigo uma história evolutiva, e a vida como se apresenta a ela na atualidade tem um sentido existencial de aprendizado evolutivo, de modo que o meio familiar, profissional e social tem função estimuladora desse aprendizado.

Assim como eu, Helena também chegou a essa mesma perspectiva de entender as vicissitudes da vida como oportunidades de crescimento emocional e evolução espiritual, seja ela a nossa própria vida, seja a vida que nos contam os nossos pacientes. Nessa conjunção de maturidade emocional e evolução espiritual (ou mesmo o contrário), se configura um momento integrativo da espiritualidade com a Psicologia, ou vice-versa. Helena referiu-se a esse aspecto como central em seu trabalho, ao qual chamou de terapia da evolução, e eu me apropriei dessas concepções, que são fundamentais na TCM. Nesse aspecto, portanto, há uma concordância com o que disse Pargament (2007) sobre o caminho para um grau cada vez mais integrativo da espiritualidade com a vida em geral.

Considero que durante esses anos consegui um razoável grau de integração dos aspectos espirituais em minha vida como um todo, o que inclui a prática clínica psicológica. No entanto, considero também que esse é um processo que se dá ao longo do tempo e, por isso, trata-se de um exercício cotidiano de aprimoramento.

Quando consegui elaborar razoavelmente minha experiência transpessoal de abertura psíquica (GROF, 1995; 2000) decidi buscar uma maneira de integrar a cosmovisão espiritualista com a prática clínica psicológica. A partir de então procurei participar principalmente de atividades profissionais que levassem em consideração a dimensão espiritual do ser humano, como palestras, encontros, congressos e eventos assemelhados. Pude assim perceber que uma parcela representativa da comunidade dos psicólogos clínicos, das mais diversas abordagens, também compartilhava dessa cosmovisão espiritualista. Resolvi aprofundar meus conhecimentos no tema cursando uma pós-graduação *stricto sensu* para, dessa maneira, me inserir na comunidade científica e, desse lugar, falar sobre Psicologia e Espiritualidade.

Conforme Figueiredo (2009, p.112-113):

Aonde afinal pode ir se formando um psicólogo? (e digo “ir se formando” porque nunca estaremos completamente formados). Na universidade, em parte. Nas instituições de ensino e formação especializadas, também em parte. Em práticas supervisionadas, em grande parte. Mas, também, e indispensavelmente, num contato amplo e variado com a boa literatura, com as obras de arte, com a meditação filosófica, com os estudos históricos e antropológicos de um lado, e de outro, no acompanhamento, mesmo que à distância, do rico campo dos estudos psicobiológicos e etológicos. Realmente, uma tarefa interminável para uma vida, mas, sem dúvida, uma vida muito interessante e sempre em movimento.

Enfim, a vida se nos apresenta com uma via de muitas possibilidades de aprendizado e formação pessoal e psicológica.

Aqui me encontro investigando a experiência e a trajetória que, entre outros psicólogos, Helena e eu também percorremos, em busca de, conforme Ribeiro (2004, p.32), uma Psicologia que considere o ser total, dinâmico, em eterno processo de evolução, que não tema as ideias da espiritualidade, do sagrado, da religião e de Deus, já que elas também constituem a identidade individual e social do homem e da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi compreender a trajetória e a experiência de duas psicólogas clínicas, com sólida e consistente formação psicológica, que buscaram integrar a dimensão espiritual do ser humano às suas práticas clínicas, agregando-lhes conhecimentos sobre o universo religioso-espiritual e abraçando abordagens emergentes, ainda não parcial ou completamente reconhecidas como psicológicas pelos órgãos oficiais de Psicologia, como as psicoterapias transpessoais e a Terapia da Regressão.

Nesse aspecto, um dos modos possíveis de compreender o que aconteceu com Helena e comigo é através do fato de que as abordagens psicológicas que inicialmente havíamos escolhido e estávamos praticando, a reichiana e a freudiana, acabaram por se mostrar insuficientes para dar conta das experiências que vivenciamos e de suas conseqüentes repercussões transformadoras em nossas vidas.

Como no estudo formal da Psicologia até há pouco tempo quase não se falava em experiências de ampliação da consciência, sendo elas místico-religiosas ou não, e quando se falava usualmente costumava ser de maneira depreciativa, o universo religioso-espiritual e a abordagem emergente da TR apresentaram-se para Helena e para mim como possibilidades novas de compreensão dessas experiências, que nesses meios eram tratadas com a consideração e a seriedade com as quais as experiências de outras qualidades comumente são tratadas nas psicologias reconhecidas pelos órgãos oficiais.

Durante as aulas do curso de Mestrado em Psicologia Clínica, eixo Psicologia e Religião, abriu-se para mim um surpreendente leque de possibilidades de apreensão e compreensão desses fenômenos e experiências, mesmo em abordagens mais tradicionais, como a Psicologia Comportamental e a Psicanálise.

Deste modo, pude perceber que na verdade não é a Psicologia, ou melhor, não são as psicologias que não têm valorizado devidamente as experiências

místico-religiosas e transpessoais. Pelo contrário, desde principalmente James (1902/1991) até a atualidade as mais variadas abordagens psicológicas, da comportamental à transpessoal, contribuem pesquisando em Psicologia da Religião (VALLE, 2010).

Ao cursar o Mestrado, fiquei sabendo de vários autores da Psicologia que estudaram e/ou estudam religião, religiosidade e espiritualidade. Conheci autores estrangeiros que não têm suas obras traduzidas para o português, como Jones (1996; 2002), psicanalista estudioso do fenômeno religioso, e Pargament (2007), psicólogo que representa uma vertente mais pragmática do estudo de Psicologia e Espiritualidade.

Além disso, autores clássicos da História da Psicologia, como William James, Gordon Allport e Abraham Maslow, são mencionados na graduação e até estudados, mas suas obras referentes ao campo da religião e da espiritualidade são muitas vezes omitidas. Eu própria passei por isso e ouvi colegas mencionarem o mesmo.

Passa também por essa via o modo encontrado para compreender as trajetórias e as experiências aqui estudadas, de psicólogas que buscaram integrar a dimensão espiritual ao atendimento psicológico clínico por meio das abordagens emergentes e do universo religioso-espiritual. Mesmo quando nas diversas abordagens reconhecidas como psicológicas existem autores conceituados que estudam e pesquisam sobre a Psicologia da Religião esses estudos não fazem parte dos conteúdos curriculares e/ou complementares dos cursos de Graduação em Psicologia e não são suficientemente divulgados no meio psicológico para serem conhecidos para além da elite do contexto psicológico acadêmico.

Essas constatações corroboram a afirmação de Ancona-Lopez (2005, p.153) de que os psicólogos brasileiros mais usualmente conhecem algumas posições psicológicas que excluem as experiências religiosas de seus estudos e/ou as consideram como patológicas, pois os cursos de Graduação em Psicologia proporcionam pouco contato dos alunos com os estudos da Psicologia da Religião desenvolvidos tanto no Brasil quanto no exterior. A autora assinala também a existência de raras possibilidades de os psicólogos inserirem suas experiências espirituais e religiosas em um contexto profissional e/ou acadêmico que as reconheça como tal, as integre e as compartilhe.

Esse pode ser um dos fatores contributivos para que, assim como Helena e eu, outros psicólogos clínicos não conheçam tais estudos e não enxerguem outra possibilidade senão a de procurarem nas teorias e nas abordagens psicológicas emergentes e no universo religioso-espiritual o conhecimento para integrar a espiritualidade no atendimento psicológico clínico.

Fazer um curso de pós-graduação *stricto sensu* foi para mim a realização na maturidade de um desejo existente desde a juventude. Decididamente é um empreendimento para quem pode despende, além do dinheiro, de dedicação e de tempo, a ser dividido com as outras atividades e com os relacionamentos, mesmo que seja um degrau necessário para quem está na carreira acadêmico-educacional, o que não é o meu caso. Portanto, é uma oportunidade para uma pequena parcela dos psicólogos diante dos inúmeros cursos de graduação existentes no país.

Considerando o campo das interrelações entre a espiritualidade e a prática clínica psicológica, essa parcela diminui ainda mais, pois mesmo em nível de pós-graduação *strito sensu* são raros os programas em que existem oportunidades para estudos nessa área no Brasil. Essa informação tem sido repetida por colegas mestrandos e doutorandos de várias partes do país que vêm estudar no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, eixo Psicologia e Religião da PUC-SP. Usei a expressão *elite do contexto psicológico acadêmico* como alusão a essa parcela de psicólogos, da qual passei a tomar parte.

Essas considerações estão de acordo com Ancona-Lopez (2007) quando diz que a maioria dos alunos que buscam desenvolver dissertações e teses em Psicologia da Religião procura uma formação que lhes possibilite reconhecer e integrar experiências e crenças religiosas pessoais com posturas teóricas em Psicologia, de modo a realizar consistente e competentemente sua prática profissional.

Espero que, no contexto apresentado, o tema estudado nesta pesquisa e o possível modo encontrado de compreendê-lo venham contribuir com a diminuição da inquietação e do desconforto gerados ao se abordar temas como espiritualidade, religiosidade, religião e afins no atendimento psicológico clínico, entre aqueles psicólogos que assim possam sentir-se. Ao menos no caso de uma psicóloga estou certa de ter contribuído para isso: a colaboradora Helena, que ainda no início de

nossas conversas comentou que o benefício esperado da pesquisa já tinha sido atingido apenas pelo fato de a pesquisa estar sendo realizada (anexo D).

Além disso, espero também estimular esses e outros psicólogos que trabalham com abordagens emergentes a buscar trazer à baila dos estudos científicos suas convicções e práticas clínicas.

Quanto a mim, em possíveis futuros estudos, pretendo ampliar e aprofundar a pesquisa sobre a experiência dos psicólogos na integração da espiritualidade na clínica psicológica e neles incluir também a perspectiva e a voz da pessoa em atendimento psicológico.

Assim como é possível ter novas percepções e intuições ao rever um filme por diversas vezes visto ou reler um livro lido outras várias vezes, esta dissertação apresenta uma configuração que pôde ser percebida e revelada por mim no atual momento. Ela não se esgota em si mesma e dependerá sempre do momento e do olhar de quem a lê, lugar no qual também me incluo doravante.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA CÉSAR, C. F. D. **Histórias de Vidas, opções teóricas em Psicologia:** Uma abordagem fenomenológica. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007, 184 f.
- ANCONA-LOPEZ, M. *A espiritualidade e os psicólogos*. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *As crenças pessoais e os psicólogos clínicos: orientação de dissertações e teses em Psicologia da Religião*. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Orgs.). **Temas em Psicologia da Religião**. São Paulo: Vetor, 2007.
- ASSIS, D. **Transmissão psíquica:** uma conexão entre a psicanálise e a física. Dissertação (Mestrado). Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2011. 144f.
- BENEDUZZI, T. M.; LUEDI, M.L.M.V. *Modelos Psicológicos e TR. Psicanálise*. In: GODOY, H.G. (Org.). **Terapia da Regressão: teoria e técnica**. São Paulo: Citrix, 2002, pp. 132-140.
- BOFF, L. **Espiritualidade:** um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- _____. **Ecologia, Mundialização e Espiritualidade**. São Paulo: Ática, 1993.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- CARVALHO, N. S.; GODOY, H. P. *Morris Netherton*. In: GODOY, H.G.(Org.). **Terapia da Regressão: teoria e técnica**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- COLIATH, A. A. M. **Escolha do terapeuta associada à denominação religiosa**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007. 98 f.

- CRUZ, E. R. *Revanche do Sagrado, Parte II: A Ciência*. In: QUEIROZ, J.J. *et al. Interfaces do Sagrado em Véspera de Milênio*. São Paulo: Olho D'Água, 1996.
- CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FREUD, S.(1941[1921]). **Psicanálise e Telepatia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 213-234. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XVIII.
- _____. (1922). **Sonhos e Telepatia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 235-265. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XVIII.
- _____. (1933[1932]). *Sonhos e Ocultismo*. Conf. XXX. In: _____. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 45-74. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XXII.
- _____. (1933 [1932]). *A Questão da Weltanschauung*. Conf. XXXV. In: _____. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XXII.
- GIOVANETTI, J. P. *O sagrado e a experiência religiosa na Psicoterapia*. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Orgs.). **Diante do Mistério**. Psicologia e Senso Religioso. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. *Psicologia e senso religioso: a necessidade e o desejo*. Modalidades da época. In: PAIVA, J. G. (Org.). **Entre necessidade e desejo**. Diálogos da Psicologia com a Religião. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- GODOY, H. P. (Org.). **Terapia da Regressão: teoria e técnica**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- _____. **A consciência espiritual na educação interdisciplinar**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

- _____. (Org.). **A Terapia da Consciência Multidimensional**. São Paulo: Ponto-Cosmopolitana, 2012.
- GROF, S.; GROF, C. (Orgs.). **Emergência Espiritual: Crise e Transformação Espiritual**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. **Psicologia do futuro, lições das pesquisas modernas da consciência**. Niterói: Heresis, 2000.
- GYATSO, T. **Uma ética para o novo milênio/Sua Santidade, o Dalai Lama**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- JAMES, W. **As Variedades da Experiência Religiosa**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- JARDILINO, J. R. L. *Introdução: Interfaces entre Psicologia e Religião*. In: JARDILINO, J. R. L.; SANTOS, G. T. (Orgs.). **Ensaio de Psicologia e Religião**. São Paulo: Plêiade, 2001.
- _____. *O Tempo e o Espaço sagrado na experiência religiosa pós-moderna: alterações do campo religioso brasileiro*. In: JARDILINO, J. R. L.; SANTOS, G. T. (Orgs.). **Ensaio de Psicologia e Religião**. São Paulo: Plêiade, 2001.
- JONES, J. W. **Religion and psychology in transition: psychoanalysis, feminism and theology**. New Haven and London: Yale University Press, 1996.
- _____. **Terror and Transformation**. The Ambiguity of Religion in Psychoanalytic Perspective. New York: Brunner-Routledge, 2002.
- LUCZINSKI, G. F. **O psicólogo clínico e a religiosidade do cliente: impactos na relação terapêutica**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005, 190 f.
- MASLOW, A. H. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, s/d.
- _____. **La amplitud potencial de la naturaleza humana**. Mexico: Trillas, 1990.
- MATTOS, M. B. S. **Orientação Vocacional**. A escolha do ser: uma proposta transpessoal. São Paulo: Pilares, 2008.

- MORAES, C. C. *A experiência do êxtase: categorizando os processos envolvidos na ampliação da consciência*. **Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas**, v. 19, n. 1, pp. 60-77, jan.-abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a06.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2012.
- MUELLER, F. L. **História da Psicologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- NALGELSHMIDT, A. M. P.C. **Argonautas dos Espaços Interiores**: uma introdução à Psicologia Transpessoal. São Paulo: Vetor, 1996.
- NETHERTON, M. **Vida passada**: uma abordagem psicoterápica. São Paulo: Summus, 1997.
- _____. **Cursos e treinamentos para psicoterapeutas em São Paulo**: 1982, 84, 86/95/99. Material não publicado.
- PAIVA, G. J. *Perder e Recuperar a Alma: Tendências Recentes na Psicologia Social da Religião Norte-Americana e Europeia*. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 18 n. 2, pp. 173-178, Brasília, mai.-ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2011. Doi.org/10.1590/S0102-37722002000200007.
- PARGAMENT, Kenneth I. **Spiritually Integrated Psychotherapy**: understanding and addressing the sacred. New York: The Guilford Press, 2007.
- PERRY, J. W. *Emergência Espiritual e Renovação*. In: GROF, S.; GROF, C. (Orgs.). **Emergência Espiritual: Crise e Transformação Espiritual**. São Paulo: Cultrix, 1995, pp. 81-93.
- PINTO, E. B. *Espiritualidade e Religiosidade: Articulações*. In: **REVER: Revista de Estudos da Religião**, ano 09, dez. 2009, pp. 68-83. ISSN 1677-1222. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.htm>. Acesso em: 13 de set. 2011.
- QUEIROZ, J. J. *As religiões e o Sagrado na Encruzilhada da Pós-Modernidade*. In: QUEIROZ, J. J. *et al.* **Interfaces do Sagrado em Véspera de Milênio**. São Paulo: Olho D'Água, 1996.
- REIS, A. C. *Biodança: a dança da vida*. In: **Revista Pensamento Biocêntrico**, n. 11, Pelotas, jan.-jun. 2009, pp. 72-93. ISSN 1807-8028. Disponível em: <<http://>

www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/pensamento_biocentrico11.pdf.> Acesso em 17/06/12.

RIBEIRO, J. P. *Religião e Psicologia*. In: HOLANDA, A. (Org.). **Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia**. Campinas, Alínea, 2004, pp.11-16.

RIBEIRO, R. I. *Por uma Psicoterapia Inspirada na Sabedoria Negro-Africana e Antroposófica*. In: ANGERAMI-CAMON, V. A. **Espiritualidade e Prática Clínica**. São Paulo: Thomson, 2004, pp.106-107.

_____. *Psicoterapia e religiões brasileiras de matriz africana*. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005, pp.174-177.

SAFRA, G. *Espiritualidade e Religiosidade na clínica contemporânea*. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

SALDANHA, V. P. **Didática Transpessoal: Perspectivas Inovadoras para uma Educação Integral**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2006.

SPINELLI, M. R. **A Identidade profissional do Psicólogo Clínico: Transformações no Contexto Atual**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

TABONE, M. **A Psicologia Transpessoal: Introdução à nova visão da Consciência em Psicologia e Educação**. São Paulo Cultrix, 1992.

VALLE, E. **Psicologia e Experiência Religiosa**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

VAUGHAN, F.; WITTINE, B.; WALSH, R. *Transpersonal Psychology and the Religious Person*. In: SHAFRANSKE, E. P. **Religious and the Clinical Practice of Psychology**. Washington: APA, 1996.

VIDAL, F. *A mais útil de todas as ciências*. Configurações da Psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo. In: JACÓ-VILLELA, A.M.; FERREIRA, A.A.L; PORTUGAL,F.T. (Orgs.). **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006.

WALSH, R. N.; VAUGHAN, F. *Introdução: a emergência da perspectiva transpessoal*. In: WALSH, R. N.; VAUGHAN, F. (Orgs.). **Além do ego: dimensões transpessoais em Psicologia**. São Paulo: Pensamento, 1995.

ANEXOS

ANEXO A - DEFINIÇÃO E PROPÓSITOS DAS ASSOCIAÇÕES DE PSICÓLOGOS CITADAS NA INTRODUÇÃO

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICÓLOGOS ESPÍRITAS (ABRAPE)

A ABRAPE é uma associação civil, cultural, científica, beneficente e sem fins lucrativos, de âmbito nacional e tem como princípios básicos o estudo da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, sua fenomenologia, aplicada em todos os campos do conhecimento humano, voltada especialmente para a Psicologia, tendo em vista suas relações com a Filosofia, a Ciência e a Religião, buscando fundamentá-la através de estudos, idealização e realização de experiências e investigações.

MISSÃO: Utilizar a Psicologia e a visão espiritual como instrumentos de autoconhecimento, potencializando o ser humano para realizar escolhas.

VISÃO: Todo ser humano tem potencial para realizar escolhas de forma consciente.

VALORES: Acreditamos que: Todo ser humano é um espírito em evolução, todas as pessoas são iguais, todos têm direito ao equilíbrio físico e espiritual e a dimensão espiritual estimula a fraternidade e a solidariedade, eliminando a competição entre os homens.

Fonte: <http://www.abrape.org.br/textos/index.php?id_texto=1>.

2. ASSOCIAÇÃO CATÓLICA DE PSICÓLOGOS E PSIQUIATRAS (ACPP)

Nós somos uma ASSOCIAÇÃO CATÓLICA DE PSICÓLOGOS E PSIQUIATRAS, que têm como finalidade unir a Espiritualidade e a Psicologia; isto é, assumir a profissão como um DOM de Deus, unindo Ciência e Fé, a ética, a doutrina, procurando fazer discernimento de nossa conduta profissional, auxiliando cada profissional e estudante de Psicologia na sua síntese pessoal, proporcionando um espaço permanente para reunir profissionais da Psiquiatria, Psicologia e estudantes de Psicologia com grupos de estudos de temas de interesse na esfera da Ciência e Religião, com discussão, conhecimento, discernimento, aperfeiçoamento, aprimoramento e formação dos associados; como profissionais diferenciados. Para

as comunidades, prestamos assessoria aos coordenadores e equipes de serviços, grupos de oração da RCC e lideranças dos vários segmentos e movimentos da Igreja Católica; e outros setores da sociedade, através dos meios de comunicação, como rádios, TVs, revistas católicas e internet, com palestras, entrevistas e artigos.

A luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus ;por isso, não se podem contradizer entre si. (cf. São Tomás de Aquino, em Carta Encíclica Fedes et Ratio – João Paulo II, ed. Paulinas – 4. ed.1999).

Quem se deixa conduzir pelo Espírito Santo faz de sua vida um testemunho de Jesus Bom Pastor (cf. Jó. 10,10). Não poderá, portanto, retirar-se dos problemas e ambiguidades da convivência humana, mas buscará construir fraternidade. “Não são os que dizem Senhor, Senhor que entrarão no Reino de Deus, mas os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt. 7,21), extraído dos documentos da CNBB, n.53, p.13, ed. Paulinas, 6.ed., 2004, Orientações Pastorais sobre a RCC.

Fonte: <<http://www.acpp.org.br/>>.

3. CORPO DE PSICÓLOGOS E PSIQUIATRAS CRISTÃOS (CPPC)

O CPPC nasceu em 1976, a partir de uma Consulta sobre Teologia e Psicologia em Curitiba/PR, com o propósito de desenvolver estudos criativos sobre as relações das ciências psicológicas e a teologia e a filosofia hebraico-cristã. É uma entidade civil, de caráter educativo-científico, sem fins lucrativos. Para a consecução de nossos objetivos, promovemos reuniões científicas, congressos, cursos e seminários com renomados especialistas nacionais e estrangeiros. Mantemos intercâmbios e convênios de cooperação mútua com entidades científicas e educacionais. Não mantemos Clínicas de Psicologia ou Psiquiatria, nem estamos subordinados a nenhuma instituição religiosa ou de qualquer natureza. Editamos livros, monografias e a Revista Psicoteologia. Firmamos convênios com Seminários e institutos teológicos para elaboração e docência em cadeiras de aconselhamento e demais cadeiras ligadas à Psicologia e Saúde Mental. Funcionamos como fórum permanente de estudos de questões das áreas de Psicologia, Psiquiatria, Saúde e Religião, agrupando profissionais e estudantes destas áreas. Cremos na soberania de Deus na criação e redenção; em Jesus Cristo, Deus encarnado, Senhor e Salvador; na atuação do Espírito Santo gerando nova vida; na Igreja, Corpo de

Cristo, como comunidade terapêutica; na verdade, bíblica ou científica provinda de Deus.

Fonte: <http://www.cppc.org.br/index.php?option=com_content&task=section&id=3&Itemid=2>.

4. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICÓLOGOS ANTROPOSÓFICOS (ABPA)

A ABPA tem por finalidade representar e apoiar os psicólogos envolvidos com a pesquisa e a prática profissional embasadas na Antroposofia em todas as áreas de atuação em que estejam presentes: pedagogia, clínica (psicoterapia), das terapias artísticas, do desenvolvimento humano, do trabalho, hospitalar etc. Seus principais objetivos são:

- Contribuir para o desenvolvimento da identidade profissional do psicólogo antroposófico.
- Estabelecer critérios éticos e técnicos para as práticas de psicólogos antroposóficos e para cursos de formação.
- Fomentar a formação continuada dos profissionais psicólogos, promovendo fóruns, congressos e outras atividades.
- Promover o diálogo transdisciplinar com outras áreas de atuação profissional.
- Representar o Brasil no Departamento de Psicoterapia da Seção Médica do Goetheanum.
- Apresentar e representar a Psicologia Antroposófica no meio profissional, acadêmico e institucional (Conselhos de Psicologia, Ministério da Saúde etc.).

Fonte:<<http://proabpa.wordpress.com/>>.

ANEXO B - PROGRAMA DO III PSICOLOGIA NAS GERAIS³⁵

Dia 25- segunda	Dia 26 - terça	Dia 27 - quarta
	<p>8:00 <u>Psicologia e Arte: Dialogando sobre Possibilidades e Percursos</u> Déborah Maia de Lima - Psicóloga Prof. Dra. Sílvia Maria Cintra da Silva – Psicóloga, Instituto de Psicologia - UFU Maria Augusta Silvestre de Melo – Psicóloga, Clínica Terra Mater</p> <p>10:15 <u>Oficina: O Papel Profissional: Reconstruindo a minha, a sua e a nossa História (15 vagas)</u> Denise Decarlos – Psicóloga Marta Regina Ferreira de Assis Carvalho – Psicóloga Trilhas - Equipe de Acompanhantes Terapêuticas de Uberlândia</p>	<p>8:00 <u>A Clínica Ampliada no fazer profissional: em que ponto estamos?</u> Ana Paula de Freitas – Psicóloga, Trilhas - Equipe de Acompanhantes Terapêuticas de Uberlândia. Lúcia Coelho – Psicóloga, Prefeitura Municipal de Araguari Marisa Alves Santos – Psicóloga, Prefeitura Municipal de Uberlândia e professora - UNITRI Roberta Augusta Borges Calixto – Psicóloga, Coordenadora do CAPSI de Uberlândia</p> <p>10:15 <u>Palestra: Nos Planos de Saúde, a Psicologia: Enfrentamentos, Desafios e Conquistas</u> Claudia R. Braga Cruz – Psicóloga e Diretora da UNIPSIICO</p>
<p>16:00- <u>Psicologia, Trânsito e Mobilidade Humana: Perspectivas Atuais e Futuras</u> Maria José Vilela Lamounier – Psicóloga Rogério de Oliveira Silva – Psicólogo, Presidente do CRP-04</p> <p>18:00- Mostra de Talentos/ Café Mineiro</p>	<p>14:00 <u>O uso de Conceitos da Física Quântica no Campo da Psicologia: Uma Problematização</u> Prof. Dr. Eduardo Kojy Takahashi - Instituto de Física - UFU Prof. Dr. Ademir Cavalheiro – Instituto de Física – UFU</p> <p>16:00: <u>Ética e Ciência: A Pesquisa e a Prática Profissional</u> Prof. Dra. Sueli Aparecida Freire – Psicóloga, Instituto de Psicologia - UFU Juliana Borges Marson – Psicóloga, Técnica em Orientação e Fiscalização – CRP - Uberlândia</p>	<p>14:00 <u>Relatos Evento ABRAPSO Minas 2008</u> Coordenação: Walter Mariano de Faria Silva Neto – Psicólogo, Professor da UNIUBE, Coordenador do Núcleo Triângulo da ABRAPSO</p> <p>16:00 – <u>Mesa Redonda: A função do Psicólogo nas representações coletivas</u> Waleska Rodrigues Silva – Psicóloga – Representante do CRP no COMAD Leila Ferreira de Rezende – Psicóloga – Representante do CRP no SEREST Yolanda Rocha e Silva Rissi – Psicóloga – Representante do CRP no CMS</p>
<p>20:00- Conferência de abertura: <u>Psicologia na Gerais: Profissionalidade e Empregabilidade.</u> Rogério de Oliveira Silva – Psicólogo, Presidente do CRP/04</p>	<p>19:30 - Conferência: <u>Terapia da Regressão: Mitos e Verdades.</u> Profa. Herminia Prado Godoy (PhD)</p>	<p>17:30 – <u>Projeto Café com Tese Sofrimento Psíquico em Psicólogos que Atuam no Contexto Organizacional: Um Estudo na Cidade de Uberlândia</u> Palestrante: Maristela Pereira</p>

³⁵“**Evento Psicologia nas Gerais**”, realizado nas cidades de Uberaba e Uberlândia nos dias 26 e 27 de Agosto de 2008. Comemoração do Dia do Psicólogo – Psicologia nas Gerais 2008.

ANEXO C - RESPOSTAS DAS PERGUNTAS ENCAMINHADAS À COLABORADORA DA PESQUISA

1. Pesquisadora: Qual foi a sua motivação pessoal para cursar Psicologia?

Colaboradora Helena: Creio que vocação. Desde que me lembro, já na época do antigo ginásio, por volta dos 12, 13 anos de idade, já me interessava por assuntos ligados ao funcionamento da Psique humana. Procurava-os em livros, filmes, artigos de jornais, revistas, enfim onde pudesse encontrá-los.

2. Pesquisadora: As abordagens estudadas durante a graduação foram suficientes para sua formação ou você buscou durante esta outros cursos ou grupos de estudo para agregar mais conhecimentos psicológicos?

Helena: Não foram. Embora me interessasse muitíssimo pelas disciplinas da grade curricular, sentia que havia algo mais a que não estávamos tendo acesso. Então formamos um grupo de alunos para reivindicar da direção da faculdade palestras e mesmo cursos que pudessem completar a grade. Conseguimos alguns bastante interessantes, como, por exemplo, Genética do Comportamento. Entretanto, como quase nada conhecíamos, não sabíamos nem bem o que solicitar da direção.

Então começamos a contatar profissionais fora da faculdade. Desses contatos veio a oportunidade de formarmos grupos de estudos. Fizemos vários deles, sobre Gestalt terapia, sobre Jung, sobre Rogers, mas o que mais me interessou foi sobre Psicanálise. Achei fascinante! Creio que integrei esse grupo por aproximadamente quatro anos. Lia tudo que pudesse e fazia terapia na abordagem.

Seguia esse caminho quando tivemos conhecimento de que haveria um grupo de formação em Somaterapia. Fiquei muito interessada, pois pela primeira vez iria estudar uma abordagem que levaria em conta o corpo. E lá fomos nós fazer esse curso. Acontece que Roberto Freire, o criador da Somaterapia, havia sido psicanalista, e se tornara um crítico da abordagem. Por essa razão não era bem

visto pelos psicanalistas, inclusive por aquele que era o orientador e terapeuta do nosso grupo, o Dr. Carlos Rosário Briganti. Quando comuniquei minha intenção de fazer a formação com o Dr. Roberto Freire fui informada por ele de que teria que escolher. Embora não tivesse intenção de abandonar o grupo de Psicanálise, inclusive porque iríamos iniciar o treinamento técnico de atendimento, estudos de caso etc., também não queria perder a oportunidade de estudar e vivenciar outra abordagem. Queria conhecer outras formas de psicoterapia. Mas, como a condição foi assim posta, optei pelo grupo da Somaterapia. Jamais me arrependi da escolha. Descortinou-se um universo absolutamente amplo, no qual era levado em conta a somatização dos bloqueios oriundos dos conflitos emocionais e a influência da cultura nesses bloqueios e tantos outros aspectos que jamais sonhara. Pude conhecer psicoterapia numa dimensão ampla, potente, apaixonante. Então mergulhei no estudo de Reich.

3. Pesquisadora: Há quanto tempo é formada?

Helena: Sou formada desde julho de 1977.

4. Pesquisadora: Após a graduação como foi sua trajetória profissional no que se refere a cursos de formação e experiência na área clínica?

Helena: Estudei e fiz terapia com o Dr. Roberto Freire. Muito embora sentisse que precisava estudar muito, pois a Somaterapia é abrangente e transcende a Psicologia, entendia como um desafio estimulante. A terapia era desafiadora. Nessa época fui convidada para ser sua assistente. Fiquei um pouco assustada, pois ele atendia muitos pacientes considerados esquizofrênicos e os tratava na abordagem da antipsiquiatria. Colocava toda a família do paciente em terapia. Eu tentava aprender, mas percebia que, por ser ainda muito jovem, não possuía experiência de vida suficiente para entender a dinâmica de um divórcio, de ter filhos drogados, da velhice, de perseguidos pela ditadura militar etc. E pela primeira vez percebi que psicoterapia não se faz apenas com teoria e conhecimento técnico, mas com maturidade e experiência clínica, que só vem mesmo com o tempo e a terapia pessoal.

Na verdade não me achei preparada, ao nível pessoal, para tratar pacientes com tamanho comprometimento. Não era suficiente apenas estudar. Tinha que viver minhas experiências pessoais e elaborá-las para amadurecer. Então, com muita tristeza me despedi desse excepcional terapeuta e formador. Levei na bagagem, entretanto, uma enorme vontade de aprofundar-me na obra de Wilhelm Reich, o que o fiz pelos próximos trinta anos.

Nessa época me casei e tornei-me mãe. Recebi um convite de um colega para conhecer a Psicodança de Rolando Toro, hoje chamada de Biodança. De novo me fascinava o movimento, o trabalho com o corpo. Fiz o curso e a formação. Tornei-me professora titular, o que me permitia inclusive formar novos professores. Atuei na reabilitação psicofísica de pacientes que tiveram câncer de mama, num programa do Hospital Oswaldo Cruz. Entretanto, como a Biodança trabalhava apenas com o lado saudável, sentia que a abordagem não permitia um aprofundamento terapêutico. Então levei isso ao professor Rolando Toro, que após muito relutar permitiu que esse conteúdo fosse sim trabalhado, embora a ênfase permanecesse sendo na promoção dos aspectos, por ele chamados, de luminosos. Foi então que ele criou o Projeto Minotauro – vivência que permite experienciar nossas sombras, com o objetivo do aluno vivenciar suas emoções desagradáveis.

5. Pesquisadora: O que motivou você a buscar integrar a dimensão espiritual no atendimento clínico, seja agregando conhecimentos religioso-espirituais ou buscando abordagens ainda não totalmente reconhecidas pelos órgãos oficiais de Psicologia para complementar esse atendimento?

Helena: Desde o início da minha atuação clínica trabalhava para chegar à origem dos bloqueios emocionais. Sempre trabalhei, portanto, com regressão. Aconteceu que alguns dos pacientes, quando iam buscar as causas dos seus conflitos, narravam situações que não pareciam fazer parte do universo atual. Isso eventualmente acontecia e eu confesso que, por não entender o que era aquilo e não conhecer técnicas para lidar, tratava do mesmo modo que qualquer outra experiência regressiva. Então, se o paciente na experiência de regressão se via numa cena na qual sua mãe o estrangulava aos cinco anos de idade, ou se na cena ele via-se perseguido na Idade Média e levado à forca, eu tratava de reviver o trauma e tentar elaborá-lo após desbloquear a emoção ali bloqueada. Acontece que

quando isso começou a acontecer com maior frequência fui pedir ajuda a uma colega que tinha mais experiência em casos desse tipo. Foi aí que ela me falou que estava vindo ao Brasil, a convite da AME de SP, um psicólogo norte americano chamado Morris Netherton, PHD, que havia desenvolvido uma técnica para lidar com esses casos. Então me inscrevi e fiz a formação e a terapia nessa abordagem. Nessa época convidei alguns colegas a participarem de um grupo para experimentar essas regressões, discuti-las, pesquisá-las. E por oito meses aplicamos a técnica em nós mesmos e discutimos nossas impressões.

Na verdade não tenho absoluta certeza de se são de fato experiências de vivências passadas ou recursos que o inconsciente utiliza para liberar conteúdos bloqueados. Não tenho conhecimento espiritual suficiente para afirmar nem uma coisa nem outra. O que sei é que os sintomas desaparecem e para o paciente é isso que importa. Mas pessoalmente gostaria de saber. Então atualmente frequento um grupo que estuda a obra de Kardec e leio tudo que pareça confiável a respeito da imortalidade da consciência e faço terapia para experienciar-me nessas dimensões. Vale dizer também que, ainda na prática clínica, no trabalho da Orgonomia, na vivência em grupos, o fenômeno também acontece, existe regressão, existem relatos de experiências que parecem ser de outras vidas. Como a proposta dessa terapia é retirar-se do passado e corporificar-se no presente, desenvolvi, através da prática clínica de 35 anos, uma técnica à qual chamo de Organização das Funções do Organismo pelo Movimento, na qual são fortalecidas o que chamo de defesas atuais, para que o organismo possa enfim abrir mão dos padrões defensivos anacronicamente fixados. Então treinamos movimentos que constroem sensação de força, de bem estar, de segurança, de criatividade, de serenidade, de capacidade de auto cura. Mas esse é assunto para uma outra conversa.

ANEXO D – RELATO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A COLABORADORA DA PESQUISA

No dia, no local e no horário combinados de acordo com a preferência de Helena (pseudônimo da colaboradora) conversamos por aproximadamente uma hora. Abaixo relato o teor da conversa em nosso encontro.

Para iniciar expliquei mais detalhadamente sobre essa pesquisa, os procedimentos e os cuidados éticos que são necessários e exigidos para sua realização, entregando para ela ler o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Helena leu, assinou e fez um comentário dela sobre o que era esperado como benefício da pesquisa que leu em voz alta (“Essa pesquisa espera contribuir para a diminuição da inquietação e do desconforto do psicólogo ao abordar temas como espiritualidade, religiosidade, religião e afins no atendimento psicológico clínico”). Comentou que eu podia dizer desde então que o objetivo para ela tinha sido atingido. Contou que depois de ler as perguntas foi pensando e escrevendo, mas o computador travou e ela perdeu o que havia escrito. Para ela isso a princípio foi muito desagradável, mas serviu como uma espécie de meditação; escreveu, reescreveu e, com receio de perder o texto de novo, se apressou a enviar, mas nesse momento o conteúdo já estava dentro dela, e para ela isso foi muito bom! Nessa meditação forçada percebeu que a dimensão espiritual no início não existia, isto é, ela acreditava em Deus, via e escutava coisas, mas isso era uma coisa só dela e caminhava paralelamente à Psicologia. Aí alguns pacientes começaram a regredir para uma época que não parecia essa e, então, ela ficou bastante angustiada, porque não esperava que isso pudesse acontecer, não tinha na literatura: estava bem agoniada. Naquela época, quando fez o curso do Morris Netherton, foi que ficou sabendo que havia uma técnica para trabalhar isso estudada por um psicólogo. Então sentiu certo alívio, pois quando aparecia esse fenômeno ela sabia como tratar.

Aproveito para introduzir uma complementação da resposta dela à pergunta número cinco, sobre o que a motivou a procurar a integração da dimensão espiritual

no atendimento clínico. Ela havia dito que alguns pacientes apresentavam situações que pareciam não fazer parte da atualidade e ela usava os recursos terapêuticos que conhecia até então; o que ficava faltando para ela buscar ajuda com outra colega, e qual era a experiência de sua colega nesses casos? Ela complementou que, na verdade, para o paciente nada faltava; ele voltava à origem do bloqueio, revivia a situação, desbloqueava a emoção e reelaborava o aprendizado. A questão era com ela mesma. Ficava se questionando: “Então existem vidas passadas? Seria possível resolver na vida atual conflitos originados nessas outras vidas? A consciência é imortal?” Essa colega a quem pediu ajuda tinha frequentado a faculdade com ela, era espírita e para ela esses fenômenos eram absolutamente familiares. Perguntei então qual o nome da abordagem e da técnica de Morris Netherton. Helena respondeu:

Past Lives Therapy (Terapia de Regressão a Vivências Passadas). Nessa época comecei a estudar a obra de Kardec e outros autores. Frequentei e frequento até é hoje grupo de estudo dessas obras. Também faço terapia de regressão com o propósito de autoconhecimento nessa dimensão espiritual.

Foi quando formou um grupo de estudos durante oito meses, que era formado a princípio por oito integrantes e depois por seis. Ela aplicava a técnica aprendida no curso do Netherton e depois todos discutiam a experiência. Um dos membros do grupo também tinha formação em História e se interessava em checar nos livros a descrição de roupas e objetos descritos, datas, locais etc. Nesse grupo havia uma pessoa que descrevia as coisas com riqueza de detalhes durante a regressão: o participante que tinha formação em História anotava tudo e depois ia pesquisar nos livros porque eles queriam ver se o que era falado durante as regressões teria existido e existia; pois ele pesquisava e encontrava. Em uma ocasião uma pessoa que sofria de enxaqueca fez uma regressão para uma época em que foi torturada com um objeto que lhe apertava a cabeça, e que ela descreveu muito bem como era. O historiador foi pesquisar e encontrou esse objeto, que era usado numa determinada época da História. Experimentou também a Psicossíntese, não se lembrava do nome do profissional, mas fez algumas sessões e achou o trabalho bom, leu algumas apostilas e deu uma parada. Quando voltou, esse profissional estava no consultório com um grupo ligado ao Osho, pessoas que usavam vermelho

e de quem ela não gostou: concluiu que o conhecimento anterior dele fora engolido por esse pessoal, que para ela tinha até um viés negativo; então se afastou.

Ela conta que em maratonas eles usavam técnicas da bioenergética para tirar a pessoa do seu eixo para, nesse estado, fazerem sugestões ligadas a benefícios próprios de financiamento, doação e afins. Depois ela começou receber no consultório pessoas que tinham participado dessas maratonas e tinham ficado com sequelas importantes, tanto físicas como psíquicas. Por essa razão ela acha importante que a espiritualidade seja estudada pela Psicologia como Ciência, porque os psicólogos não são preparados, não são “pais de santo”, então sem o controle da Ciência, sem esse respaldo, corre-se um risco muito grande. Ela não sabia como a Psicossíntese está agora, mas espera que tenham retomado a Psicologia. Naquele momento, para tranquilizá-la e deixá-la mais atualizada, contei que havia agora um trabalho sério na Psicossíntese e que uma colega de mestrado estava fazendo sua dissertação sobre a Psicossíntese e Roberto Assagioli. Comentei que esses exageros acabam acontecendo em qualquer época, lembrando-me dos anos 1970, quando, com a bioenergética era estimulada em maratonas a liberação da sexualidade, por exemplo. Ela concordou e assinalou que, como trabalha na Orgonomia, não trabalha com descarga.

Então pedi para ela explicar mais detalhadamente como é o trabalho da Orgonomia. Ela explicou que Orgonomia é um trabalho reichiano ortodoxo. Reich tem três fases de trabalho: uma muito parecida com a Psicanálise, que é a Análise do Caráter, isto é, a adoção do caráter como padrão de funcionamento. Depois ele desenvolveu a Vegetoterapia por entender que esse processo de funcionamento tinha um respaldo no corpo: por isso o nome Vegetoterapia. Nela o corpo entra no trabalho. A Orgonomia é terceira fase do trabalho de Reich, na qual ele foi para o campo da energia, descobrindo a energia orgônio, e percebeu que tem o mesmo princípio de funcionamento desde a ameba até as galáxias. Quando ele criou o acumulador de orgônio foi perseguido, preso e acabou morrendo. O Lowen que criou a bioenergética foi paciente do Reich e depois foi estudar medicina. Quando retornou Reich não era mais terapeuta, estava no campo da física. Então Lowen criou o método de trabalho da bioenergética, no qual a ênfase era a descarga. Aí houve uma cisão, porque a Orgonomia não trabalha com a descarga, e sim com a alquimia da energia. Os trabalhos de descargas são da Bioenergética, o que na

Orgonomia é considerado erro técnico, pois quando se tem um funcionamento passivo, no qual a pessoa não extravasa a agressividade, se o terapeuta força essa descarga acaba desestruturando a pessoa, podendo o paciente ter um infarto ou um surto esquizofrênico no meio do trabalho. A Orgonomia trabalha na reorganização da energia, e não na descarga: há uma catarse natural. Então, se um paciente impulsivo ou histérico for colocado em um grupo desses com descarga eles vão achar ótimo! Mas não é esse o trabalho da reestruturação energética: ao contrário, isso é chamado de descarga parcial e reforça o processo neurótico. Não trata nem procura o funcionamento saudável. Faço o comentário de que, também trabalhando com a dimensão espiritual, se ouve histórias de exageros semelhantes, que acarretam preconceitos por parte dos psicólogos mais conservadores. Por isso, nesta pesquisa, existe o critério de conhecimento e de prática consistente em alguma abordagem psicológica reconhecida, para evitar que a inexperiência possibilite uma falta de discernimento na escolha de como trabalhar.

Helena então reafirmou seu cuidado em trabalhar com a dimensão espiritual, porque sabe intuitivamente que é um poder que, mal administrado, não se pode prever aonde pode levar. Pensa que nesse campo a Ciência, a Psicologia, é uma espécie de filtro: pode demorar mais, mas tem consistência, tem controle e vai funcionar. Ela ponderou que entrar nesse caminho requer muito cuidado, ir passo a passo. Por isso ficou apavorada quando das primeiras regressões a supostas outras vidas, pois presenciava coisas com as quais não sabia como lidar; não estava preparada para aquilo e, por isso, ficava tão angustiada. E tem sido assim na sua vida profissional dentro da Orgonomia: no trabalho de corpo, na técnica em que ficou trabalhando, na terapia de grupo e corpo as pessoas regridem também. Ela exemplificou com uma situação: esfrega as palmas das mãos uma na outra dizendo que sabe que fazendo isso intensifica a energia. Passa as mãos sobre uma parte do corpo (gesticulou simulando o ato) porque na mão está mais denso: ao passá-la por sobre a parte do corpo desorganiza o bloqueio. Então, quando trabalhava assim com as pessoas, o que chamou de “curandeiro” só para ser de mais fácil compreensão, algumas delas faziam esse desbloqueio e muito mais. Passando a mão tiravam nódulos de mama. Ela olhava a situação sem entender o que estava acontecendo, porque sua intenção era apenas desmanchar a tensão de músculos, não era provocar esse tipo de coisa. Ela disse que não sabia fazer isso, mas essas pessoas

faziam. Ela e suas colegas viam o fato e não entendiam porque estava acontecendo; então ficavam quietas e filmavam tudo para depois estudarem, para entender o que se passava. Ela disse conservar ainda essas fitas. Disse que elas não entendiam o que acontecia com as pessoas que faziam isso, mas elas sabiam que “o corpo delas sabia”. Preferiu não falar mais sobre isso por enquanto. Quem sabe em outra ocasião comentasse mais, quando passasse as fitas para DVD e me mostrasse.

Helena lembrou que comentei no início do encontro que gostaria que ela complementasse algumas respostas enviadas por *email*, perguntando quais eram elas. Peguei a sequência de perguntas e respostas que havia imprimido e complementamos o que ainda faltava, pois já durante o seu relato tinha sido feita uma parte. Retomei então o objetivo de minha pesquisa: compreender a experiência de psicólogos que buscaram integrar a dimensão espiritual humana no atendimento clínico, fosse por meio de conhecimentos religioso-espirituais, fosse por abordagens ainda não totalmente reconhecidas, como a Terapia de Regressão. Na resposta da pergunta de número cinco ela disse não ter certeza de se o conteúdo da regressão era uma experiência de vivências passadas (ligada à reencarnação e ao conhecimento religioso-espiritual para nós ocidentais) ou um recurso que o inconsciente encontrava para liberar conteúdos bloqueados. Perguntei se ela considerava o ser humano um ser biopsicossocial e espiritual. Ela respondeu que sim. Relatou que encontrou primeiro o psíquico, quando estudou a Psicanálise, depois o biopsíquico, quando estudou a Orgonomia, e também o social, porque Reich tem uma visão social. O psicológico-espiritual, integrado, veio com a terapia de vidas passadas e com outras buscas que fez. Quando olha um paciente ela o vê de todas essas maneiras, inclusive espiritualmente.

Perguntei que motivos a levaram a essa convicção. Helena respondeu que foram dois: o primeiro foi a prática clínica, quando começaram as regressões que pareciam ser de uma época que não a atual. Essas regressões a levaram procurar a terapia de vidas passadas, a fazer um grupo de estudos e a frequentar um grupo de estudos sobre o Evangelho de Kardec, o que lhe deu o seu segundo motivo. Daquela época até hoje lê tudo sobre o assunto que lhe parece sério. Quer saber, quer aprender. Ela entende que a passagem aqui pela terra é uma oportunidade de evolução. Exemplificou dizendo que nas outras encarnações passamos por experiências cujo objetivo é adquirir aprendizado. Só que não há só benefício do

aprendizado: há o custo do aprendizado. E esse “custo” gera traumas e crenças. Então, por exemplo, se alguém passou por uma experiência de vida na qual tinha que aprender a importância da autonomia, de parar de depender das outras pessoas, poderá vir numa estrutura familiar onde não possa contar nem com mãe, nem com pai, nem com dinheiro, nem absolutamente com nada. Esse é um contexto que leva obrigatoriamente a desenvolver a autonomia. Só que a pessoa passa por situações de desamor de mãe, de pai, de falta de grana, de humilhação que deixam traumas. As pessoas acabam ficando presas no trauma e não no aprendizado. Então, no trabalho dela, isso é discutido na terapia, não se necessitando falar que o espírito encarna para evoluir. Ela só usa essa linguagem quando o paciente é espírita ou espiritualista. Fora disso nem usa essas palavras. Então questiona o paciente: “qual é a função dessa experiência? O que você aprendeu com essa experiência?” Normalmente as pessoas respondem coisas relacionadas ao trauma, como “eu aprendi que não se pode confiar em ninguém”, por exemplo. Sendo assim, a pessoa ainda está presa no trauma. Então ela continuou questionando:

o que mais? Você conseguiu sua autonomia, isso não é bacana? A pessoa diz é isso é legal, mas o desgraçado do meu pai... e eu falo e para que serve um pai desse jeito, como seria sua vida se você tivesse um pai protetor? Ah, eu teria me acomodado.

Ela disse que é um trabalho em que a pessoa vai entendendo para que servem aquelas coisas e vai ficando bem, vai mudando, vai entrando numa outra sintonia, vai entendendo o que aconteceu, e por causa disso ela vai se libertando daquilo. E aí Helena trabalha o corpo, porque aquele aprendizado traumático deixou uma restrição. Enquanto não tirar do corpo esse bloqueio, enquanto não fizer a energia voltar a circular, corre o risco de a estrutura se cristalizar de novo e a pessoa ficar se achando vítima do contexto. É assim que Helena relata como está trabalhando.

Nesse momento fiz um resumo do que entendi sobre sua resposta, dizendo que agrega conhecimentos religiosos-espirituais, mas não fala disso para o paciente, ficando guardado para ela: usa para o cliente outras palavras que traduzem esse conhecimento, de acordo com o cliente. Ela complementou que só diz as palavras “espírito” e “reencarnação” quando o cliente é espírita ou espiritualista. Há clientes

que acreditam em Deus, mas há também os ateus. Nesses casos ela usa expressões como “o quê você acha que a vida quer?”, ou “por que a natureza criou você?”, sem falar em “Deus”. Para Helena, com todos os pacientes, crentes ou ateus, usando uma linguagem adequada a cada um, seu trabalho é basicamente o mesmo: é sair do trauma e ficar no aprendizado. Este é o centro do seu trabalho: a vida como um aprendizado, como uma evolução. Por isso ela chama de Terapia da Evolução.

Perguntei se ela continuava usando a Terapia de Regressão com a técnica de Netherton. Ela respondeu que sim e explicou que seu modo de trabalhar é dinâmico, mas que atualmente está sendo assim: o paciente entra na sala, senta, ela pede para que respire, perceba o bloqueio e faça a energia circular no corpo, e assim a energia sai da função de bloqueio, passando para a função de fluxo. Aí ela pede para a pessoa fechar os olhos, procurar o alinhamento do eixo vertical e perceber o que sua mente escolhe trabalhar naquele momento. Para algumas pessoas são conteúdos muito práticos, como uma situação atual de trabalho, uma cena, e ela vai trabalhando o que vai aparecendo. Com outros pacientes a mente mostra uma cena que não parece ser desta vida: aí ela utiliza a técnica regressiva de Netherton para trabalhar esses conteúdos. O que a tranquiliza é o fato de que é a mente do paciente que escolhe os conteúdos e as situações para trabalhar. Isso também acalma alguns pacientes, que ficam muito surpresos com as situações que lhes surgem à mente.

Perguntei em que aspectos as abordagens reconhecidas como psicológicas não deram conta para explicar os fenômenos que aconteciam na sua prática clínica, que os conhecimentos religioso-espirituais e/ou das abordagens não reconhecidas deram. Ela respondeu que quando dava formação em Orgonomia tinha que estudar muito. Tinha acesso à literatura reichiana, que é muito vasta, e antes de procurar pelos conhecimentos espirituais e pela técnica regressiva do Netherton buscou respostas nessa literatura: procurou muito e não encontrou absolutamente nada sobre as regressões a épocas que não eram atuais. Sabia que um ramo da bioenergética, o de Pierrakos, explorava esses fenômenos, mas como sua postura era de antagonismo à bioenergética, sentia-se desconfortável em buscar respostas nessa abordagem. Frequentou também um curso de “core energetic”, mas não se identificou com aquele tipo de trabalho, e por isso não continuou. Helena disse ser

muito cuidadosa, criteriosa, para se entregar em trabalhos energéticos, porque sabe que há possibilidade de desorganização do seu corpo energético.

Com relação aos conhecimentos do universo religioso-espiritual, Helena contou que sua família não era religiosa: acreditavam em Deus, mas não tinham nenhuma religião. Ela estudou em um colégio de freiras porque naquela época quase todas as meninas estudavam. Não teve formação religiosa de família: ao contrário, contou que quando era pequena e morava no Rio de Janeiro lembra-se que a vizinha colocava objetos de macumba na moto do pai e, quando ele via aquilo, retirava os objetos, subia na moto e ia trabalhar, mostrando que aquelas coisas não funcionavam. Então ela cresceu assim, sabendo que a pessoa tem uma proteção natural quando faz as coisas que são certas. Não precisava ir à igreja, ao centro espírita, a lugar algum. Como estudou no colégio de freiras foi batizada e crismada, mas sua família não dava importância para essas coisas, que viam até com um pouco de ironia. Iniciou seus estudos sobre Reich quando fez Somaterapia com Roberto Freire. Esse estudo foi iniciado pelo aspecto social da obra reichiana. Na época ela tinha uma postura meio atea. Seu retorno ao contato com a religião e a espiritualidade se deu pelos fenômenos que aconteceram com seus pacientes no consultório. Aí então ela procurou saber mais sobre isso. Começou a tomar passes e a estudar a doutrina de Kardec. Helena disse que o que a fascinava em Kardec era que ele pesquisou sobre tudo o que escreveu e registrou, sendo que seu objetivo era a fé raciocinada. É essa racionalidade da espiritualidade que a atrai em Kardec. Além disso, reiterou que frequenta um grupo de estudo sobre a obra dele, sendo que uma vez por mês esse grupo faz um trabalho que é chamado de doutrinação; alguns médiuns recebem as entidades e nessas ocasiões ela vê como as coisas acontecem no plano espiritual. Helena contou estar aprendendo muito participando desse grupo, sendo que algumas vezes sente uma inspiração para escrever e escreve de uma maneira que não reconhece como sendo a sua maneira de escrever; depois entrega para a coordenadora do grupo, que lê o material e explica o que aconteceu.

Percebi que o tempo combinado estava findando e assinalei o fato. Helena me perguntou se estava bem assim, ao que respondi que sim, mas que iria fazer o relato de nosso encontro e, caso houvesse alguma dúvida, perguntei se ela poderia esclarecer. Ela concordou, eu agradei sua colaboração e nos despedimos por aquela vez.

ANEXO E - RELATO DO SEGUNDO ENCONTRO PARA ESCLARECIMENTOS DE ALGUMAS DÚVIDAS QUE FICARAM DA ENTREVISTA

Tendo concluído o relato da primeira entrevista e realizado algumas leituras do mesmo, considerei que algumas falas da colaboradora ainda não estavam suficientemente claras para responder ao que a pesquisa se propunha. Tais falas foram assinaladas no relato escrito para serem esclarecidas durante o segundo encontro. Combinei então por telefone um novo encontro com Helena, que gentilmente abriu espaço na apertada agenda para me receber. Após os cumprimentos iniciais, dado o tempo disponível, passamos aos pontos a serem esclarecidos.

Pesquisadora: Na passagem “a Somaterapia é abrangente, transcende a Psicologia, é entendida como um desafio estimulante”, você pode explicar o que quis dizer com “transcende a Psicologia”?

Helena: A Somaterapia é uma proposta de educação social, pois o ser humano está inserido num contexto social, que é gerador de coraça. Reich entendia que uma sociedade doente gera seres doentes. Roberto Freire enfatizou a pessoa como representante de seu meio sociocultural, indo além do conflito subjetivo. Por isso a Somaterapia transcende a Psicologia, porque também engloba a Sociologia, por exemplo.

Pesquisadora: Aproveitando, pode falar um pouco sobre mais sobre a Somaterapia?

Helena: Um dos pilares da Somaterapia é o entendimento de Cooper e de Laing de que a doença mental é produto do contexto familiar e emerge dele. Reich vai além e coloca a responsabilidade na sociedade. Roberto Freire entende, como Reich, que a família é representante da sociedade. A Somaterapia também usa princípios da Gestalt de Perls, em termos de trabalhar com a experiência. A Somaterapia é tanto

um método quanto uma técnica de terapia, pondo ênfase na questão social. Roberto Freire colocava a família inteira em tratamento, sendo que os pacientes eram, em sua maioria, psicóticos graves, eram casos difíceis. Helena disse que na época não tinha experiência suficiente, tanto profissional, como pessoal, de vida mesmo, por isso não continuou com o Roberto Freire.

Pesquisadora: Quero resgatar a seguinte passagem do seu depoimento:

Aconteceu que, quando alguns dos pacientes iam buscar as causas dos seus conflitos, narravam situações que não pareciam fazer parte do universo atual. Isso eventualmente acontecia e eu confesso que, por não entender o que era aquilo e não conhecer técnicas para lidar, tratava do mesmo modo que qualquer outra experiência regressiva.

Poderia explicar mais e dar algum exemplo?

Helena: Sim. Nessa época eu trabalhava só com a abordagem reichiana, que tem três fases: a primeira, que é a análise do caráter, vem do início da Psicanálise; depois vem a Vegetoterapia, que é o trabalho corporal, e depois a Orgonomia, que é o trabalho energético. Eu trabalhava com a regressão no máximo até o nascimento: então, quando o paciente chegava, pedia para ele se acomodar, relaxar e pensar na origem do seu conflito: ele ia situando em uma ocasião; depois eu pedia para retroceder no tempo até ficar certa da origem do conflito. Alguns pacientes retrocediam até uma época diferente da atual. Um exemplo foi a primeira vez que aconteceu: havia uma paciente que teve uma mãe muito violenta; tinha muitos sintomas corporais, sofria de muitas dores, principalmente uma dor de cabeça intensa. Trabalhando com ela como sempre trabalhava com os pacientes, procurando a origem da dor de cabeça, a paciente em regressão, como eu sempre trabalhava, chegou a uma cena em que estava deitada sendo torturada por meio de um instrumento que lhe apertava a cabeça. Pela cena de tortura e pela descrição do local, do instrumento de tortura, das pessoas, de suas vestimentas, pude perceber que não se tratava da época atual. Lembro-me que a paciente passou a falar em alemão; eu pedia para ela falar em português, para que pudesse compreendê-la, e a paciente voltava a falar em português; às vezes ela falava em alemão de novo, eu pedia para que falasse em português de novo e, assim, ia acontecendo a sessão.

Na ocasião eu não fazia ideia de que esse tipo de conteúdo pudesse aparecer. Fiquei surpresa e até um pouco assustada, mas continuei trabalhando do mesmo modo que estava acostumada, com base em Reich e na Orgonomia. Percebi que após essas sessões regressivas, de conteúdos surpreendentes para mim, os sintomas da paciente atenuaram; não foram eliminados, mas atenuaram bastante. Para mim ficou a explicação de que o inconsciente da pessoa achou esse modo de se expressar e conseguiu desbloquear a energia cristalizada no sintoma.

Helena relatou que, com o passar do tempo, foi aumentando o número de pacientes que apresentavam em suas regressões conteúdos que pareciam não ser da época atual, pelas características do que eles falavam. E também se repetia que após essas regressões os sintomas melhoravam. Considerou que precisava compreender melhor esses casos. A única abordagem que ouvira falar que poderia explicar essas regressões era a bioenergética, que surgiu de (Alexander) Lowen e (John) Pierrakos, mas que ela não queria buscar porque não concordava com a descarga energética, o princípio básico da abordagem. Então procurou uma colega que ela sabia ser espírita e provavelmente poderia ajudá-la sobre o conteúdo dessas regressões. Deu certo, pois essa colega sabia da vinda ao Brasil de Morris Netherton, psicólogo americano que trabalhava com Terapia de Vivências Passadas (TVP) e, junto com ela, fez o curso ministrado por ele, assim como a própria terapia. O conhecimento e o aprendizado da forma com que Netherton trabalhava com os conteúdos que pareciam não ser da época atual, podendo ser de vidas passadas, a aliviou e fez com que passasse a utilizá-la nesses casos. Como utilizar a técnica de regressão de Netherton às vivências passadas resolveu sua angústia para compreender o que acontecia nesses casos e saber como trabalhar com eles, ficou com a técnica e não sentiu a necessidade de procurar outras maneiras de entendimento e trabalho para eles.

Pesquisadora: Quero resgatar a seguinte passagem do seu depoimento:

(...) porque a Orgonomia não trabalha com a descarga, trabalha com a alquimia da energia.(...). A Orgonomia trabalha na reorganização da energia e não na descarga, há catarse só que natural. (...) é esse o trabalho da reestruturação energética (...).

Poderia explicar melhor como a Ortonomia trabalha com a energia, o que seria essa alquimia da energia?

Helena: No trabalho corporal da Ortonomia quase não se fala; alguns reikianos mais ortodoxos não falam nada. Trabalha-se mais com a carga e com os movimentos, sendo a carga a inspiração do ar. A pessoa inspira e o corpo dela saberá os movimentos a fazer para trabalhar com os bloqueios energéticos cristalizados no corpo, dissolvendo-os e reorganizando essa energia bloqueada para outros locais do seu corpo ou ser colocada para fora se foro caso (catarse natural). Quem decide o que será feito é o corpo da pessoa, que possui uma sabedoria natural. A alquimia da energia refere-se a esse trabalho de deixar o corpo agir com sua sabedoria e com movimentos para que haja uma reorganização energética mais saudável para a pessoa.

Pesquisadora: Poderia explicar um pouco mais o que falou na frase abaixo?

(...). Na verdade não tenho absoluta certeza se são de fato experiências de vivências passadas ou recursos que o inconsciente utiliza para liberar conteúdos bloqueados. Não tenho conhecimento espiritual suficiente para afirmar nem uma coisa nem outra.

Helena: No começo de meu contato com a TVP e com a leitura dos ensinamentos kardecistas, pendia mais para entender esses tais conteúdos de possíveis vidas passadas como recursos que o inconsciente da pessoa encontrava para sua expressão. Atualmente quase que estou totalmente convencida de serem de fato experiências de vidas passadas. O efeito para o paciente é o mesmo e é isso que importa.

Como para Helena a Ciência ainda não provou nada, ela prefere, como profissional, ficar com o benefício da dúvida: “no trabalho uma coisa é aplicação técnica, outra é o que eu penso.” Na vida pessoal não tem dúvidas de que a pessoa viverá várias vidas terrenas para evoluir espiritualmente. Considera sua religião o Espiritismo Kardecista e aceita seus princípios. Profissionalmente, porém, como valoriza a atitude científica, prefere ficar o “benefício da dúvida”. Considera muito a dimensão científica dos acontecimentos; pensa que a vida em si meio forçosamente a levou

trilhar o caminho da espiritualidade, mas ainda precisa de racionalidade para sentir-se segura. A Psicologia lhe dá “*grounding*”, chão, segurança. Lembra que Reich alertava para se tomar cuidado com que ele chamava de *desvio místico*, que para ele é uma patologia. O desvio místico se dá quando o paciente envereda para um discurso místico, como, por exemplo, o de se considerar como um salvador do planeta que é perseguido e odiado pela sociedade, quando de fato está projetando o seu próprio ódio na sociedade. Nesse caso o discurso místico é só uma forma de expressão dos seus conflitos.

Pesquisadora: Você diz que as regressões a levaram a procurar a terapia de vidas passadas, criar um grupo de estudos e frequentar um grupo de estudos do evangelho de Kardec. Daquela época até hoje você diz ler tudo sobre o assunto que lhe parece sério. Quer saber, quer aprender. O que quis dizer com o adjetivo *sério*?

Helena: Sério quer dizer toda literatura espírita que passa pelo crivo da Federação Espírita do Brasil (FEB) e autores com o próprio Alan Kardec e Divaldo Pereira Franco, por exemplo. Publicações de médiuns aceitas pela Federação Espírita.

Pesquisadora: A terapia da evolução é o centro do seu trabalho, que aborda a vida como um aprendizado, como uma evolução. Poderia falar um pouco mais sobre isto?

Helena: Nós humanos estamos no planeta Terra para evoluirmos espiritualmente. Os bloqueios que temos representam as dificuldades para nossa evolução. A psicoterapia sob essa perspectiva trabalha essas dificuldades em duas etapas: primeiramente busca identificar e conscientizar o paciente sobre essa dificuldade e sobre como ela atrapalha ou até inviabiliza sua evolução. Em segundo momento busca desenvolver recursos para que essa dificuldade possa ser superada para que, enfim, a evolução possa ocorrer.

Pesquisadora: O que a fascina em Alan Kardec é que ele pesquisou sobre tudo o que escreveu e registrou, sendo que seu objetivo é a fé raciocinada. Poderia esclarecer mais essa questão de fé raciocinada?

Helena: Estudando os livros de Alan Kardec **O Evangelho segundo o Espiritismo** e o **Livro dos Espíritos**, entende-se que ele não inventou a doutrina espírita de sua imaginação. Os fenômenos de comunicação com os espíritos existiam e ele se dedicou junto com outros a pesquisar esses fenômenos. Fizeram muitas experiências, registraram e estudaram exaustivamente esses fenômenos. Depois Kardec escreveu com base nesses experimentos: é por isso que se fala em fé com racionalidade. É uma fé estudada, raciocinada.³⁶

Pesquisadora: Você disse que algumas vezes sente a inspiração para escrever, mas escreve de um modo que não reconhece como seu e quando entrega o material para a coordenadora de seu grupo ela explica o que aconteceu. Pode esclarecer mais isso?

Helena: Sempre gostei muito de escrever e sempre escrevi sobre muitas coisas. Quando iniciei o curso de desenvolvimento da mediunidade, comecei a sentir umas sensações diferentes durante os encontros, ficando muito receosa do que pudesse acontecer comigo, como ficar inconsciente e receber espírito sem saber o que estava fazendo. Falei sobre isso com a coordenadora do grupo, que me tranquilizou quanto a essa questão e perguntou se eu gostava de escrever. Como respondi que gostava muito, a coordenadora orientou que nessas ocasiões ficasse preparada para escrever e escrevesse o que minha intuição queria. Passei a fazer isso e escrevi bastante coisa que penso não poder ser minha, pois não sou suficientemente culta para escrever num português tão bom e rebuscado. Então, durante as sessões eu escrevia o que me vinha à mente, até que um dia a entidade assinou e ela percebi que eu tinha esse tipo de mediunidade.

Pesquisadora: Você então faz psicografia?

³⁶“O Espiritismo pretende chegar à compreensão da realidade mediante a integração entre as três formas clássicas de conhecimento, que seriam a ciência, a filosofia e a moral. Segundo Kardec, cada uma delas, tomada isoladamente, tende a conduzir a excessos de ceticismo, negação ou fanatismo. A doutrina espírita se propõe, assim, a estabelecer um diálogo entre as três, visando à obtenção de uma forma original que, a um só tempo, fosse mais abrangente e mais profunda, para desta forma melhor compreender a realidade. Kardec sintetiza o conceito com a célebre frase: ‘Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão em todas as épocas da humanidade’”.
Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Kardecismo#Hist.C3.B3ria>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

Helena: Acho que sim, mas não sei rigorosamente o que é psicografar. Escrevo pela inspiração de entidades. Já escrevi bastante, mas não costumo mostrar o que escrevo. Mostro somente para a coordenadora do grupo de mediunidade.

Notei que havíamos passado um pouco do horário previsto e fiz então um fechamento do encontro, pois Helena havia comentado que teria um compromisso, que naquele momento fiquei sabendo tratar-se do encontro de médiuns. Agradei mais uma vez por sua boa vontade em me receber e sua delicadeza de encontrar um horário antes de sua viagem. Despedimo-nos combinando de nos vermos outras vezes, independentemente da pesquisa.

ANEXO F- MODELO DOTERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA- CAMPUS MONTE ALEGRE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa

Título de estudo: Integração da espiritualidade na clínica psicológica: experiências possíveis.

Autora: Telma Maria Beneduzzi **Orientadora:** Prof^a. Dr^a. Marília Ancona-Lopez

Palavras-chave: espiritualidade, religião, religiosidade, psicologia, psicologia clínica

Objetivo da pesquisa: essa pesquisa tem como objetivo compreender o trajeto e a experiência de psicólogos clínicos que buscam integrar a dimensão espiritual do ser humano à sua prática clínica, seja por agregar conhecimentos das denominações religiosas e tradições místicas existentes, seja por abraçar abordagens emergentes, ainda não parcial ou completamente reconhecidas como psicológicas pelos órgãos oficiais de Psicologia, como por exemplo, as psicologias transpessoais, psicossíntese, terapia da regressão e outras.

Metodologia e procedimentos: Pesquisa de abordagem qualitativa, sendo realizada por um estudo de caso e utilizando-se de entrevista semiestruturada.

Desconfortos e riscos: Não se trata de intervenção terapêutica e não será utilizado procedimento invasivo.

Benefícios esperados: essa pesquisa espera contribuir para a diminuição da inquietação e desconforto do psicólogo ao abordar temas como espiritualidade, religiosidade, religião e afins no atendimento psicológico clínico.

Métodos alternativos existentes: Na presente pesquisa não há métodos alternativos.

Forma de assistência e responsável: A pesquisadora responsável assume o compromisso de assistir psicologicamente o colaborador, caso surjam desconfortos de ordem psicológica provenientes da entrevista.

Liberdade de participar ou não: O colaborador é livre para aceitar ou recusar participar da pesquisa, bem como será respeitado seu direito de retirar o consentimento quando assim desejar e em qualquer etapa da mesma, sem qualquer prejuízo e/ou penalidade.

Garantia de sigilo e privacidade: Ao colaborador é assegurada a preservação de sua privacidade e a garantia de sigilo de informações confidenciais envolvidas na pesquisa (nome, dados pessoais, locais e outros dados que possibilitem sua identificação).

Devolução dos resultados: Finalizada a pesquisa, o colaborador será participado das elaborações e conclusões que sua contribuição possibilitou para o processo investigativo.

Gravação da entrevista: Aceito /Não Aceito.

Consentimento: Os objetivos, justificativas, procedimentos e detalhes desse estudo foram a mim relatados e explicados adequadamente conforme texto descritivo redigido nas paginas anteriores. Entendi que não sou obrigado a participar da pesquisa e que posso a qualquer momento retirar esse consentimento, sem nenhum prejuízo e/ou penalidade. Meu nome não será divulgado nos documentos desse estudo e assim serão preservados o sigilo e confidencialidade de minhas informações confidenciais. Deste modo concordo em participar dessa pesquisa e colaborar com o pesquisador.

Colaborador:

Nome: _____
RG: _____ CPF: _____
Data: ____/____/____. Assinatura: _____

1ª Testemunha:

Nome: _____
RG: _____ CPF: _____
Data: ____/____/____. Assinatura: _____

2ª Testemunha:

Nome: _____
RG: _____ CPF: _____
Data: ____/____/____. Assinatura: _____

Pesquisador Responsável:

Nome: Telma Maria Beneduzzi
RG: _____ CPF: _____
Data: _____ Assinatura: _____